

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
(PPGPSI)

DISSERTAÇÃO

**IDENTIDADE & PERTENCIMENTO ENDÓGENO:
UMA NARRATIVA BIOPSICOSSOCIAL DO CORPO
NEGRO NA HISTÓRIA E VIDA DE CARLOS
ALBERTO MEDEIROS**

WILMAR JOSÉ PEREIRA DE CARVALHO

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI

**IDENTIDADE & PERTENCIMENTO ENDÓGENO: UMA
NARRATIVA BIOPSICOSSOCIAL DO CORPO NEGRO NA
HISTÓRIA E VIDA DE CARLOS ALBERTO MEDEIROS**

WILMAR JOSÉ PEREIRA DE CARVALHO

Sob a orientação do Professor
Nilton Sousa da Silva

Dissertação submetida à defesa
como requisito para obtenção do
grau de Mestre em Psicologia pelo
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia (PPGPSI) da
Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro (UFRRJ).

Seropédica, RJ

Agosto de 2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

**Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C331 i Carvalho, Wilmar José Pereira, 1986-
 Identidade e Pertencimento Endógeno: uma narrativa
 biopsicossocial do corpo negro na História e vida de
 Carlos Alberto Medeiros / Wilmar José Pereira
 Carvalho. - Seropédica, 2023.
 159 f.: il.

 Orientador: Nilton Sousa da Silva.
 Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
 do Rio de Janeiro, Psicologia, 2023.

 1. Pertencimento Endogeno. 2. Identidade. 3. Corpo
 Negro. 4. Autobiografia. 5. Psicologia Analítica. I.
 Sousa da Silva, Nilton , 1958-, orient. II
 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
 Psicologia III. Titulo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

WILMAR JOSÉ PEREIRA DE CARVALHO

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), Área de Concentração: Psicologia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 03 / 08 / 2023.

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC.

Identificação dos Membros da Banca:

Documento assinado digitalmente

 NILTON SOUSA DA SILVA
Data: 11/12/2023 22:45:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Nilton Sousa da Silva
Presidente e Orientador

Documento assinado digitalmente
 JEFFERSON OLIVATTO DA SILVA
Data: 12/12/2023 17:46:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Jefferson Olivatto da Silva
Banca Externa UEL / Paraná

Documento assinado digitalmente
 JAIRO PINHEIRO DA SILVA
Data: 11/12/2023 23:27:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Jairo Pinheiro da Silva
Banca Interna UFRRJ / Rio de Janeiro

DEDICATÓRIA

Presto homenagem às inúmeras pessoas negras que contribuíram, muitas vezes de forma invisível, para o desenvolvimento do Brasil como nação.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, por ser sempre um Pai presente, que me acompanha por cada momento da minha existência. Só estou aqui porque Ele sempre está comigo.

Aos meus amados pais, Maria e Wagner, pessoas a quem devo tudo que sou. Agradeço imensamente por sempre me apoiarem e acreditarem em meu potencial, por não me deixarem desistir quando o desamino acometia meu corpo. Vocês são parte viva de mim e dessa dissertação.

A minha querida irmã Sandra Carvalho, uma super incentivadora das minhas loucuras, e que sempre me acolhe com uma risada gostosa e curativa.

A minha namorada Gabriela Camuçatto, que me alicerçou durante todo esse tempo de estudos, me acolhendo em minhas fragilidades, me ajudando a elaborar ideias, me ensinando a ter paciência comigo mesmo.

Agradeço imensamente ao meu orientador, Prof. Dr. Nilton Sousa da Silva, pela sensibilidade e a grandeza de auxiliar cada passo desse trabalho, me encorajando nas aulas, orientações e supervisões, me fazendo acreditar que o mundo acadêmico é, também para mim.

Agradeço imensamente ao Dr. Carlos Alberto Medeiros, pela confiança em compartilhar a intimidade familiar e as narrativas que compõe sua linda história de vida. Foi uma grande alegria tê-lo como parte desse estudo.

Aos professores membros da banca examinadora, Dr. Jefferson Olivatto da Silva e Dr. Jairo Pinheiro da Silva, pelas sugestões, contribuições e incentivos.

A minha família, que sempre esteve na oração e torcida dos meus objetivos pessoais, e me motivando a buscar sempre mais conhecimento. Em especial, minha tia Terezinha, que com seu exemplo de amor pelo próximo me ensinou valores que são fundamentos do meu ser. Uma incentivadora contínua de todos os meus sonhos.

A minha querida amiga Regina, que sonhou comigo esse mestrado e fez a ponte divina para que ele acontecesse.

Agradeço (in memoriam) o querido Jorge Braga (Jobril), que me encorajou na busca desse mestrado, e em vida foi um importante mentor na minha carreira acadêmica. Agradeço por estar comigo em cada momento de dificuldade. Senti sua presença em cada avanço desse trabalho.

Agradeço minha amiga Dra. Josiane Silva, por sempre me ofertar por toda a ajuda na construção do projeto, além do apoio constante nas dificuldades acadêmicas.

Ao meu amigo Paulo Mariano, pelo empréstimo de várias obras de Jung que ampliaram minha compreensão acerca da Psicologia Analítica, e foram fundamentais para a construção dessa obra.

Agradeço a Dra. Viviane Conceição Antunes, pelos diálogos afáveis e análises precisas para a formatação dessa pesquisa.

Ao meu amigo Ms. Bruno Correia da Mota, pelas trocas e por toda a disponibilidade em colaborar com minhas dúvidas e anseios sobre a psicologia junguiana.

Agradeço a querida família Meléan Perez, minha família boliviana, que foi fundamental como exemplo no meu processo de encorajamento no regresso aos estudos e realização desse mestrado.

Aos colegas do mestrado – em especial o grupo C. G. Jung no PPGPSI-UFRRJ –, que me ensinaram muito sobre Psicologia, mas também sobre a vida, e como a Psicologia pode ser uma corrente do bem e para o bem. Agradeço também as pessoas que conheci no decorrer das disciplinas do mestrado.

Aos professores e professoras do PPGPSI e aos técnicos administrativos e demais funcionários da UFRRJ.

Agradeço imensamente ao meu terapeuta Gilson dos Santos pela escuta sensível, diálogos afáveis e puxões de orelha necessários ao meu crescimento pessoal, que fez possível desenvolver essa dissertação no momento que pensei que não daria conta.

Ao meu círculo de amizade mais íntimo, os bons amigos que tenho, pela parceria e por longas conversas acerca da vida, pela compreensão dos meus sumiços, e tantos outros temas, que de maneira direta ou indireta contribuíram para a dissertação.

Agradeço a todos os projetos sociais que tive a oportunidade de colaborar com meu trabalho e conhecimento, e que me ajudaram a entender a importância desse trabalho.

Agradeço a todas as pessoas que conheci na cidade de São Paulo, na figura de todas as pessoas que me acolheram com muito carinho nesse lugar, e foram fundamentais para que eu pudesse seguir firme com meus propósitos.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Ao meus falecidos avôs paternos e maternos (in memoriam) por serem luzes que me iluminam do além.

Por fim, agradeço aos meus ancestrais e todos aqueles que cruzei nessa jornada, pelos vários lugares do mundo que andei.

Hoje deixo meu muito obrigado a todos vocês!

RESUMO

CARVALHO, Wilmar. Identidade & Pertencimento Endógeno: uma narrativa biopsicossocial do corpo negro na História e vida de Carlos Alberto Medeiros, 2023. 156p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Educação, Departamento de Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

Este estudo objetiva intuir e elaborar a construção do conceito “pertencimento endógeno”, como um princípio inerente à formação da identidade de pessoas negras no Brasil. O embasamento teórico biopsicossocial do campo antropológico está apoiado nos dois conceitos: “identidade” e “identificação”, segundo o sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (1932-2014); e para descrever a integração de afetos, construção de subjetividades, e a expressão de histórias de vidas individuais e coletivas, o estudo interage com a psicologia do médico psiquiatra suíço, Carl Gustav Jung (1875-1961), através de conceitos como: identidade, identificação, persona, personalidade, integração corpo-alma, e processo de individuação. E, como pano de fundo entre esses dois autores, a noção de “negritude”, segundo o antropólogo brasileiro-congolês Kabenguele Munanga (1940-) será utilizada para respaldar incursões sócio-históricas, no palco do enredo biunívoco África-Brasil. Neste contexto, e para ilustrar o objetivo da presente pesquisa, cenas autobiográficas entre os anos 1970-2021, do intelectual e militante do movimento negro brasileiro, jornalista e doutor em História Comparada pela UFRJ, Carlos Alberto Medeiros (1947-), será uma fonte de inspiração, reflexão, análise e desvelamento para revelar e ratificar o conceito: “pertencimento endógeno”.

Palavras-chave: Pertencimento Endógeno, Identidade, Corpo negro, Psicologia Analítica.

ABSTRACT

CARVALHO, Wilmar. **Endogenous Belongingness & Identify: biopsychosocial narrative of the black body in the History and life of Carlos Alberto Medeiros**, 2023. 156p. Dissertation (master's in psychology). Institute of Education, Department of Psychology, Rural of Rio de Janeiro Federal University, Seropédica, RJ, 2023.

This study aims to intuit and elaborate the construction of the concept "endogenous belongingness", as a principle inherent to the formation of the identity of black people in Brazil. The biopsychosocial theoretical basis of the anthropological field is supported by two concepts: "identity" and "identification", according to the British-Jamaican sociologist Stuart Hall (1932-2014); and to describe the integration of affections, construction of subjectivities, and the expression of individual and collective life histories, the study interacts with the psychology of the Swiss psychiatrist, Carl Gustav Jung (1875-1961), through concepts such as: identity, identification, persona, personality, body-soul integration, and individuation process. And, as a background between these two authors, the notion of "blackness", according to the Congolese-Brazilian anthropologist Kabenguele Munanga (1940-) will be used to support socio-historical incursions, on the stage of the biunivocal plot Africa-Brazil. In this context, and to illustrate the objective of this research, autobiographical scenes between the years 1970-2021 of the intellectual and militant of the Brazilian black movement, journalist and doctor in Comparative History from UFRJ, Carlos Alberto Medeiros (1947-), will be a source of inspiration, reflection, analysis and unveiling to reveal and ratify the concept: "endogenous belongingness".

Key words: Endogenous Belongingness, Identity, Black Body, Analytical Psychology.

RESUMEN

CARVALHO, Wilmar. Identidad y Pertenencia Endógena: narrativa biopsicosocial del cuerpo negro en la Historia y vida de Carlos Alberto Medeiros. 2023. 156p. Disertación (Maestría en Psicología). Instituto de Educación, Departamento de Psicología, Universidad Federal Rural de Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

Este estudio tiene como objetivo intuir y elaborar la construcción del concepto “pertenencia endógena”, como principio inherente a la formación de la identidad de los negros en Brasil. La base teórica biopsicosocial del campo antropológico se sustenta en dos conceptos: “identidad” e “identificación”, según el sociólogo británico-jamaiquino Stuart Hall (1932-2014); y para describir la integración de afectos, la construcción de subjetividades y la expresión de historias de vida individuales y colectivas, el estudio interactúa con la psicología del psiquiatra suizo Carl Gustav Jung (1875-1961), a través de conceptos como: identidad, identificación , persona, personalidad, integración cuerpo-alma y proceso de individuación. Y, como trasfondo entre estos dos autores, la noción de “negritud”, según el antropólogo congoleño-brasileño Kabenguele Munanga (1940-) será utilizada para sustentar incursiones sociohistóricas, en el escenario de la trama biunívoca África-Brasil. En ese contexto, y para ilustrar el objetivo de esta investigación, escenas autobiográficas entre los años 1970-2021, del intelectual y militante del movimiento negro brasileño, periodista y doctor en Historia Comparada por la UFRJ, Carlos Alberto Medeiros (1947-), será fuente de inspiración, reflexión, análisis y desarrollo para develar y ratificar el concepto: “pertenencia endógena”.

Palabras clave: Pertenencia Endógena, Identidad, Cuerpo Negro, Psicología Analítica

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- A identidade negra na miscigenação	51
Figura 2- O modelo junguiano de psique.....	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1

Linha do tempo da História	42-45
----------------------------------	-------

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
INTRODUÇÃO	20
A ESCOLHA DO OBJETO DE PESQUISA	26
MATERIAL E MÉTODO	29
REVISÃO DE LITERATURA	30
 1. CONSTRUÇÃO PSICOSSOCIAL DA IDENTIDADE NEGRA NO BRASIL	32
1.1 Identidade e Identificação: uma construção psicossocial	32
1.1.2 Identidade e Identificação: por Carl Gustav Jung (1875-1961)	36
1.1.3 Identidade e Identificação por Stuart Hall (1932-2014)	38
1.2 Rotas do Atlântico: a construção da identidade negra no período escravocrata	41
1.3 Síntese	49
 2. MEU CORPO HUMANO: UMA IDENTIDADE DA PESSOA NEGRA	51
2.1 Perspectivas do corpo humano: uma análise biológica, psíquica e social	50
2.1.2 O Corpo Humano: uma perspectiva analítica biológica	54
2.1.3 O Corpo Humano: uma perspectiva analítica psicológica	58
2.1.4 O Corpo Humano: uma perspectiva analítica sociológica	60
2.2 Um corpo negro: identidade sócio-histórica da pessoa negra no Brasil	63
2.3 O corpo negro no hoje: dados da população negra brasileira	73
2.4 Síntese	81
 3. PSICOLOGIA ANALÍTICA E A CONSTRUÇÃO DO PERTENCIMENTO ENDÓGENO	84
3.1 Uma compreensão analítica da psique na obra junguiana	86
3.1.2 Fundamentos para a construção de um conceito em Psicologia Analítica	86
3.1.3 Fundamentos teóricos da Psicologia Analítica: conceitos indispensáveis à Compreensão da psique em Psicologia Analítica	87
3.1.4 O inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo	91

3.1.5 Personalidade e Persona	93
3.2 O movimento Negritude na formação da identidade individual e coletiva da pessoa negra	97
3.3 Conceito: um modo de identificação do objeto	104
4.3.1 Fundamentos teóricos dos conceitos Endógeno e Pertencimento	104
3.4 O conceito de pertencimento endógeno por Wilmar José Pereira de Carvalho	107
3.5 Síntese	109
4. CARLOS ALBERTO MEDEIROS: UMA AUTOBIOGRAFIA DO PERTENCIMENTO ENDÓGENO	111
4.1 Entrevista presencial com Carlos Alberto Medeiros	113
4.2 Análise do discurso	144
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	155

APRESENTAÇÃO

O cientista social tem o compromisso de participar da vida da comunidade estudada, interagir com dilemas, problemas de ordem geral, maneiras e percepções, a fim de tentar identificar regras, valores e experiências da população de seres humanos, suas potencialidades e fragilidades. Esta proposta de dissertação nasce das experimentações observadas no decorrer de minha vida — como cientista social —, e, também, investiga inquietações nascidas da minha própria vida pessoal: sou um homem negro, brasileiro, graduado em Ciências Sociais pela UFJF, que almeja trazer inteligibilidade a questões pertinentes à genealogia da vida de pessoas negras na História do Brasil, analisando aspectos biopsicossociais específicos do corpo e do modo de ser negro, que percorrem ancestralidades, contatos culturais, e o estilo de viver a negritude a partir de uma integração homem-natureza.

Nascido no ano de 1986, fui criado na periferia do bairro São Benedito, em Juiz de Fora, cidade da Zona da Mata de Minas Gerais. O tema a que sou cativo me fez pesquisar o nome do bairro em que nasci. Verifiquei tratar-se de homenagem ao Santo católico negro, nascido por volta de 1526, na Silícia, Itália. Um ex-escravizado que ingressou como cozinheiro em um convento franciscano, em Palermo, também na Itália. Embora, simples, irmão leigo e analfabeto, a sabedoria e discernimento que possuía fizeram-no nomeado mestre de noviços, e, mais tarde, eleito superior do convento. Sua história enquanto homem negro me fascina.

Antigamente, o terreno em que eu morava, integrava uma fazenda de produção agrícola, foi uma região de quilombo (Rodrigues, 2019). Sou primeiro filho e neto de duas gerações de famílias negras, Pereira e Carvalho, cresci em um ambiente acolhedor e afetuoso, que me ofertou todo o suporte psicossocial

para o desenvolvimento da minha formação pessoal e profissional, que segue em constante evolução. Embora as limitações socioeconômicas fossem constantes, vivi uma situação de privilégio frente à realidade de muitos amigos ao meu redor, que viviam, e ainda vivem em ambientes sem saneamento básico e com altos índices de vulnerabilidade social.

Aos sete anos de idade, participei de um projeto social de nome Curumim, que alterou parte da minha percepção de mundo. Tive a oportunidade de estudar teatro, danças brasileiras, capoeira, aulas de reforço escolar, e projetar outras possibilidades para além da vida de vulnerabilidade social. Conheci muitos lugares que não faziam parte da realidade de periferia, do Bairro São Benedito, pois o projeto tinha uma grande imersão social, expandindo o campo de conhecimento de muitas crianças periféricas. Até completar 12 anos, eu fui parte ativa do projeto.

Sempre acreditei no poder transformador da Educação, sendo estudante de uma escola pública na maior parte de minha formação educacional. Ingressei no ensino aos 4 anos na pré-escola, no E.M.E.I. São Benedito, no bairro homônimo. Recordo com saudosismo meus brilhantes professores, que nos instigavam com as ferramentas da Educação, ainda que houvesse inúmeras precariedades na condução do ensino público. Aos 7 anos, ingressei na antiga primeira série (atual 2º ano) na Escola Estadual Professor Cândido Motta Filho, também no bairro São Benedito, onde me mantive até os 15 anos. Essa escola desenvolveu um papel fundamental na constituição do meu ser. Tive a possibilidade de desenvolver meus conhecimentos e ser cercado por um ambiente de pessoas queridas. Durante o ensino médio, estudei como bolsista parcial em uma escola particular, Catedral Vestibulares, pois tinha o desejo de fazer faculdade.

Depois de muito estudo e esforço, fui aprovado no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, e ingressei no ano de 2004, sendo o primeiro universitário da minha família, em gerações. Um momento muito feliz ainda que hostil, pois foi nessa ocasião que as questões raciais e de classe vieram realmente à tona. Afinal, eu saía do universo de meu pertencimento (pais e amigos) para adentrar em um mundo totalmente desconhecido e pouco inclusivo: o mundo acadêmico.

Em uma turma de quarenta alunos, éramos apenas quatro negros, indicando que os negros não eram totalidade ali como na periferia. Nesta época, as políticas de cotas ainda estavam sendo estabelecidas na instituição, o que possibilitaria a ampliação do acesso de pessoas negras, mas ainda não havia muitos negros.

No ano de 2005, realizei um estágio universitário na Prefeitura de Juiz de Fora, especificamente no Programa de Transferência de Renda Bolsa Família. Esse período foi o divisor de águas da minha vocação profissional. Durante 4 anos, eu tinha a chance de atuar como um antropólogo, visto que o cadastro exigia uma série de informações íntimas do seio familiar, econômico e social das famílias atendidas. Um momento de escuta e muito aprendizado. O cadastro era realizado na residência dos assistidos, e, assim, eu entrei em contato direto com a realidade daquelas pessoas. Eram-me compreensíveis suas limitações, visto a semelhança com a minha realidade infantojuvenil.

Minhas experiências, enquanto homem negro, suburbano e os estudos em Ciências Sociais, ampliaram meu campo de visão para as questões pertinentes à identidade dos negros, ligadas à pobreza e à miséria, no decorrer da História do Brasil, posto que tal situação alicerça outros problemas de ordem psíquica e social, como o alcoolismo, a depressão, a violência, o tráfico de entorpecentes, dando um caráter multifacetário ao problema. Tal pensamento me levou a conclusão de que eu precisava fazer algo.

No ano de 2013, desenvolvi meus estudos com uma pós-graduação *lato sensu* em Responsabilidade Social e Gestão Estratégica de Projetos Sociais, na Universidade Veiga de Almeida, no Rio de Janeiro, que me possibilitou a oportunidade de trabalhar em projetos de Assistência Social, Saúde e Educação, em alguns lugares do Brasil e do mundo. Dentre os principais trabalhos, atuei na realização de um diagnóstico social para a edificação de um projeto de ajuda humanitária, no Haiti¹, em 2017, projeto financiado pela Igreja Católica Apostólica Romana – Arquidiocese de Juiz de Fora. Durante 26 dias estive em contato com a cultura haitiana, trazendo-me a confirmação da face

¹ Na cidade de Croix-des-Bouquet, localizada no departamento Oeste, na região metropolitana de Porto Príncipe. O “Projeto Missão JF Haiti” foi criado em agosto de 2017, após a conclusão dos estudos do diagnóstico social realizado no país (CARVALHO, 2017).

mais cruel das atrocidades cometidas contra os negros, no período da colonização, que, assim como no Brasil, mantém viva suas raízes escravocratas na sociedade.

O Haiti é um país rico em belezas naturais, com um povo extraordinariamente acolhedor, mas sem a compreensão das competências político-sociais para o desenvolvimento de uma identidade coletiva e soberana. E, nacionalmente, são vítimas das imposições culturais e econômicas das potências ocidentais. Ainda assim, os haitianos constroem comunidades de solidariedade tão fortes, mecanismos de proteção e sobrevivência que, somente em contato com essas pessoas, pude ter a compreensão de como um país, com tantos limitantes à subsistência, pode sobreviver em um mundo capitalista neoliberal (CARVALHO, 2017).

Tenho vivência com trabalhos voluntários, desde os quinze anos de idade, quando colaborava com a alfabetização de jovens e adultos no bairro que residia. Minha primeira aluna foi minha falecida avó Filomena. Acredito, demasiadamente, no propósito dos projetos sociais, afinal, sou fruto de um projeto que possibilitou novas oportunidades para a minha geração.

Em 2019, realizei um antigo sonho, e parti para uma experiência de voluntariado internacional, passando cinco meses na Bolívia e vinte dias no Peru. Na cidade de Cochabamba, trabalhei em um projeto de apoio escolar com crianças em risco social da periferia, e, em Lima, atuei em uma comunidade de refugiados venezuelanos. Convivendo com muitos pobres nesses países, novamente notava as dificuldades das populações negras e pobres, situação similar à brasileira e haitiana, mas com contornos culturais próprios. A segregação racial convive em uma linha tênue com a segregação social.

Ainda em 2019, participei de forma voluntária da construção de um diagnóstico e elaboração de um projeto social na comunidade quilombola Bairro do Carmo, na cidade de São Roque, no estado de São Paulo. O projeto foi aprovado por emenda parlamentar da deputada Luísa Erundina, em dezembro de 2020. Entrando em contato com essas histórias é perceptível o sistema segregador que confere cidadãos de primeira e segunda classe, típicos de uma visão culturalista racista (SOUZA, 2019). Igualmente os atendidos do

Programa Bolsa Família, os lugares que tive a oportunidade de conhecer concentram uma grande massa de pessoas pobres e negras, expondo com clareza que as moléstias do período pós-colonização resultaram e reverberam consequências psicossociais imensuráveis para as pessoas negras. Talvez, o fato de agora ter cursado uma pós-graduação *stricto sensu* em Psicologia, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), tenha me levado a compreender melhor as atitudes humanas — individuais e coletivas dentro de uma sociedade.

As diferentes realidades que conheci, inicialmente, dentro do bairro onde cresci e, posteriormente, em oportunidades de trabalho dentro e fora do Brasil, me fizeram intuir que a população negra dispõe de artifícios sociais e psicológicos altamente criativos, e se envolve em sistemas de solidariedade acolhedora, que geram sentimentos e emoções, que merecem ser compreendidos pela Ciência e pela Filosofia, além da Arte e da Religião.

Apesar da sua constante situação sócio-histórica de pobreza na construção do Novo Mundo, a diáspora africana desenvolve técnicas de relacionamentos que garantem a sobrevivência e união de grupos sociais, que foram escravizados lá em África, ou aqui na América. E sua capacidade de gerar pertencimento se dá através de inovadoras maneiras de construção coletiva de comportamentos, pensamentos e emoções, que são características de uma corporeidade negra interligada que merece ser investigada e mais bem compreendida.

INTRODUÇÃO

“Adánilóró f’agbára Kòni”. Esse provérbio utilizado pelos povos *lorubás*, ocupantes das atuais repúblicas do Benin, Nigéria, Togo e suas descendências na diáspora africana, traz a seguinte mensagem: quem causa dor ou desgosto para uma pessoa a ensina a ser mais forte. Dentro dessa analogia de dor e força, ontologicamente, toda pessoa que passa por uma situação dolorosa vai aprender a ser mais poderosa e autossuficiente. Através do “axé”, compreendido como a “força da vida”, responsável por tudo que é presente no Universo físico e espiritual, somos convocados para um processo de evolução que impulsiona a conquistar felicidade, bem-estar, paz e amor.

A população do Brasil traz estampada na pele as marcas do contato cultural entre povos africanos, americanos (autóctones) e europeus, numa relação intercultural estabelecida pelo tráfico negreiro iniciado no século XVI.

Segundo o jornalista Laurentino Gomes na obra *Escravidão*, (2019, p. 24): “O Brasil foi o maior território escravista do hemisfério ocidental por quase três séculos e meio. Recebeu, sozinho, quase 5 milhões de cativos, 40% do total de 12,5 milhões embarcados para a América”. Embora estejamos longe da exatidão dos dados, os impactos psicossociais nas comunidades africanas são inquestionáveis.

Para a historiadora Maria Beatriz Nascimento (1985), dentro do cenário de formação do Brasil, o negro e o índio foram responsáveis pelas culturas dominantes no desenvolvimento do país, uma vez que eram mais numerosos, sendo inegável a contribuição negra e indígena na história desse país.

O antropólogo Kabenguele Munanga (2020, p. 137) apresenta dados populacionais de pesquisas como o Censo e a Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio (PNAD), a massa negra brasileira era representada por 72,5% da população total no ano 1827; em 1830, 63%; 20%, em 1872; 14%, em 1890/1940; 11%, em 1950². A população negra foi crescendo conforme o

² O levantamento feito pelo historiador Clóvis Moura em dados do censo do IBGE e da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio (Pnad) de 1976 a partir da seguinte questão: “Qual é a sua cor de pele?”, descobriu que dentre as 136 respostas havia “morena-bem-chegada, morena-jambo, queimada de praia, cor-de-ouro, puxa-para- branco”, entre outras, demonstrando a força da política de mestiçagem e embranquecimento da sociedade brasileira (2020, p.143).

sistema de tráfico negreiro se sofisticava, vivendo seus tempos gloriosos de remessas de escravizados no século XVIII e XIX. O que explica a grande concentração de negros até os anos de 1830, e a brusca redução após o ano de 1927, foi porque nesse período já estava avançando as políticas de embranquecimento da sociedade brasileira³.

A etnopsicóloga Ronilda Ribeiro, doutora em Psicologia e em Antropologia da África Negra, autora do livro: *A Alma Africana no Brasil. Os iorubás* (1996), traz com extrema riqueza de dados aspectos do impacto cultural dos povos iorubás na cultura brasileira.

Frente a imensa atividade cultural advinda de África, que não sendo um bloco único, dispõe de uma diversidade cultural, linguística, biológica e política entre seus povos, e que geram marcas em outros povos, a autora faz um recorte no bloco africano analisando, de maneira particular, os povos iorubás.

Analizando aspectos, históricos, sócio-políticos e religiosos, a autora busca acentuar as influências do encontro cultural entre iorubás e a diversidade de brasileiros, na tentativa de compreender e explicitar o impacto dessa relação.

Sob uma perspectiva de aproximação entre iorubás e o povo brasileiro, assim como aproximar a múltipla África do Brasil, essa dissertação traz em sua composição a prevalência dos aspectos culturais africanos, que vão ao encontro de uma alma africana na diáspora brasileira, que nasce nas relações ancestrais e culturais que se deram entre os povos de África e o Brasil. Assim, toda a nossa construção está embasada em apontar e restituir as mazelas da negação da influência das culturas africanas na sociedade brasileira.

Diante desses e outros dados que delineiam o debate do que é ser um negro, o conceito *identidade* tem sido amplamente discutido na atualidade, necessitando de novas explicações que perpassem o campo da interdisciplinaridade, uma vez que as várias ciências, além do senso comum,

³ As políticas do embranquecimento ou branqueamento no Brasil foi parte de um projeto criado pela elite brasileira no século XIX e meados do XX com a finalidade de facilitar a entrada de estrangeiros brancos no território brasileiro. A finalidade era deixar a população brasileira, composta em grande parte por negros e indígenas, perdesse a característica de sociedade miscigenada e se tornasse, no futuro, uma sociedade branca (MUNANGA, 2019)

seguem alimentando o diálogo e debate em torno deste conceito e propondo novas interpretações.

Nessa miragem, propomos uma discussão que conglomere uma análise tanto das Ciências Humanas (Psicologia), quanto das Ciências Sociais, uma vez que essas ciências em harmonia podem trazer contribuições sobre a questão do conceito de identidade, e por consequência, do conceito de pertencimento endógeno, que iremos desenvolver nesse trabalho. Contudo, aqui sem esquecer as Ciências Exatas e Naturais (Biologia).

À luz da conexão entre aspectos históricos e psicossociais, o objetivo geral da presente dissertação é: *desvelar e analisar aspectos biopsicossociais na história de vida de pessoas negras⁴ no Brasil, para elaborar e construir o conceito “pertencimento endógeno”, e utilizar para ilustrar a construção do devido conceito, parte da vida e da obra do intelectual e militante do Movimento Negro Brasileiro, doutor Carlos Alberto Medeiros.*

Dentro dessa proposta, foram traçados os seguintes objetivos específicos: (a) *analisar e comparar os conceitos identidade e identificação na obra de Carl Gustav Jung e Stuart Hall, para elaborar reflexões que elevem a base da construção da identidade negra na ordem psíquica e social;* (b) *apresentar elementos que corroboram com o processo de constituição do corpo negro na sociedade, em suas perspectivas biológica, psíquica, social e histórica;* (c) *analisar os conceitos personalidade, persona, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo na obra de Carl Gustav Jung, na interpretação de subjetividades considerando contribuições do conceito Negritude, cunhado pelo intelectual Kabanguelé Munanga, para, também, conectar à construção do*

⁴ Para compreensão da categoria parda, faremos o uso da definição criada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). “Pardo é a denominação usada para nomear um dos grupos étnicos que são identificados dentro da população do Brasil. O termo pardo remete a uma miscigenação de origem preta ou indígena com qualquer outra cor ou raça. Alguns movimentos negros utilizam preto e pardo para substituir o negro e alguns movimentos indígenas usam indígenas e pardos para pensar a descendência indígena. É uma categoria residual, mas que é a maioria”. Assim, as pessoas pardas são as que possuem esta miscigenação. Assim sendo, ao utilizarmos a terminologia **pessoa negra/preta**, nesta obra, acolhe-se a categoria pardo de maneira automática. <https://www.ufjf.br/ladem/2018/11/20/ibge-mostra-as-cores-dades-igualdade/> – acessado em 09/08/2022.

conceito *pertencimento endógeno*; e (d) tratar parte da autobiografia do intelectual e militante negro, Carlos Alberto Medeiros, para mostrar manifestações do conceito *pertencimento endógeno*, que esta proposta de dissertação se dispõe a construir.

E, aqui, sobre a vida de uma pessoa negra em diáspora africana, brasileira, e contemporânea, encontramos eco no pensamento de Eric Hobsbawm (2002, p. 17): “Como todas as vidas privadas constituem matéria-prima tanto para historiadores como para romancistas, utilizei as circunstâncias do encontro de meus pais na apresentação de meu livro de história “A era dos impérios.” Neste sentido, Carlos Alberto Medeiros é um tipo de matéria-prima que brilha como um intelectual, jornalista, e tradutor de livros clássicos no Brasil.

A ideia da construção do conceito: *pertencimento endógeno* nasce, sobre a nossa compreensão, a partir das reflexões do Dr. Nilton Sousa da Silva, professor do departamento de Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), e meu orientador de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI) da mesma Universidade, campus Seropédica – Rio de Janeiro (RJ). Para o professor Nilton Sousa:

Pertencimento endógeno: é um consciente reconhecimento do sujeito individual ou coletivo, sobre a sua própria historiografia à luz de dados materiais ou imateriais; ambos atemporais no contexto biopsicossocial, especialmente, dentro da própria família de sangue e/ou afetiva dos sujeitos, e pulsa como um resultado do processo educacional e cultural. (SILVA, em 02 dez. 2021)

Tendo a felicidade de ser aluno e orientando do professor no PPGPSI da UFRRJ, fui contagiado pelos diálogos acerca da temática, suscitando um campo de pesquisa que ainda nos parece pouco explorado. Diante de nossas investigações, nos deparamos com poucas publicações acerca do tema, se mostrando um campo aberto e propício a construção de conhecimentos análogos aos simbólicos movimentos: diástole e sístole, de um órgão do ser humano. Vale lembrar que, até o momento a caminho da defesa pública do texto, não foram encontrados em nossas investigações nenhuma pesquisa que trabalhou o conceito “pertencimento endógeno”, anterior ao presente trabalho.

Assim, o conceito de *pertencimento endógeno* aparecerá inúmeras vezes durante a escrita da dissertação, contudo, a nossa compreensão concisa

acerca do conceito será detalhada no subcapítulo 3.4: *O Conceito de Pertencimento Endógeno por Wilmar José Pereira de Carvalho*.

Munidos das informações contextualizadas aqui na Introdução, a dissertação segue estruturada da seguinte forma:

O primeiro capítulo descreve o objetivo específico **(a)** analisar e comparar elementos psicossociais dos conceitos identidade e identificação na obra de Carl Gustav Jung e Stuart Hall, para elaborar reflexões que elevem a base da construção da identidade negra na ordem psíquica e social.

Nessa etapa do trabalho, buscamos nessas literaturas elementos que possam ser associados à situação psicossocial e histórica do ser humano negro brasileiro em sua dimensão ontológica, todavia, em consonância com os objetivos dessa dissertação.

O segundo capítulo: *Corpo Humano: uma identidade visível da pessoa negra* vai ao encontro do objetivo específico **(b)**: apresentar elementos que corroboram com o processo de constituição do corpo negro na sociedade, em suas perspectivas biológica, psíquica, social e histórica, diante de análises qualitativas e quantitativas que desvelam a situação vivenciada pelo corpo da pessoa negra no Brasil.

O terceiro capítulo: *Psicologia Analítica e a construção do conceito de pertencimento endógeno* desenvolve o objetivo específico **(c)**: analisar os conceitos personalidade, persona, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo na obra de Carl Gustav Jung, na interpretação das subjetividades, considerando as contribuições do conceito Negritude, de Kabanguéle Munanga, para conectar à construção do conceito pertencimento endógeno, que será desvelado.

Para o delineamento da questão psicológica proposta, utilizamos os pressupostos da Psicologia Analítica ou Complexa. Para que essa maneira de análise psicológica se faça inteligível, nesse estudo, foi necessária uma análise explicativa de alguns conceitos presentes na obra junguiana, para que se faça mais plausível nossas explicações.

A Psicologia Analítica traz em sua compreensão as ferramentas que permitem o acesso a essa perspectiva singular, composta por uma série de informações necessárias à abrangência dos fenômenos complexos da mente.

Os escritos de Jung deram origem a um modo de exame que se fundamenta em uma análise profunda, que engloba a sociedade, a história, a ancestralidade, que fundamenta a origem arquetípica e ancestral da pessoa negra brasileira, sendo pertinentes a essa dissertação.

Na entrevista com o objeto de pesquisa, a proposta dessa etapa foi avaliar as possibilidades psicossociais e históricas para a construção do conceito pertencimento endógeno da pessoa negra na sociedade brasileira, através de conexões epistemológicas. Assim, o quarto capítulo da dissertação: “Carlos Alberto Medeiros: uma autobiografia do pertencimento endógeno” traz a entrevista realizada com a personagem em foco, para ilustrar e dar uma resposta ao objetivo específico (d): *Carlos Alberto Medeiros: uma autobiografia*, que foi pensada por nós como uma experiência de *pertencimento endógeno*.

Para apresentar e/ou ratificar as vivências desse importante intelectual e militante do Movimento Negro no Brasil, no dia 08 de julho de 2022, no Rio de Janeiro, foi realizada a entrevista com Carlos Alberto, que acolheu com muita prontidão ao convite da pesquisa. Por meio de perguntas semiabertas, foram colhidas informações sobre as temáticas propostas em cada década: anos 1970: As festas Black e inserção no Movimento Negro; anos 1980: A carreira no jornalismo; anos 1990: Ações em órgãos governamentais; Anos 2000: As ações afirmativas e o combate ao racismo; Anos 2010 até os dias atuais: Movimento de um intelectual das políticas raciais.

Por se tratar de uma proposta incomum no Brasil, sobre a vida e a obra de pessoas intelectuais negras ainda vivas, e diante da riqueza dos longos anos de vida de CAM (Carlos Medeiros, como o entrevistado é conhecido), tratamos a autobiografia do extenso período, mais de cinquenta anos de história, realizando incursões para focalizar ideias e documentos em acordo com a proposta da dissertação. Assim, em cada década, três principais experiências históricas decorrentes da vida da personagem CAM foram analisadas para evidenciar experiências fundamentais do entrevistado sob a percepção do corpo negro na sociedade, e, assim, o desenvolvimento ou desdobramento do pertencimento endógeno da diáspora africana no Brasil. A íntegra da entrevista faz parte do capítulo, para diretamente interagir com a

análise do discurso que será construída a partir das experiências de vida de CAM e concepções que validam o conceito de pertencimento endógeno.

Diante dessa jornada acadêmica, repleta de informações e conhecimentos, as Considerações Finais apresentam uma integração da análise construída a partir dos capítulos da dissertação, na tentativa de comprovar o entrelaçamento biopsicossocial que está em consenso com o termo “pertencimento endógeno”, com tal expectativa, confirmando as hipóteses que definem o conceito na experiência vivenciada por uma pessoa negra, no caso, nosso entrevistado CAM.

A ESCOLHA DO OBJETO DE PESQUISA

Duas situações aqui aparecem, e entendemos que precisam ser trazidas para serem elucidadas. A primeira é o fato de o militante CAM não ser o primeiro militante, e nem o mais importante entre tantos outros importantes militantes negros no Brasil. Todavia, fatos singulares caracterizam a dimensão humana e intelectual de CAM, ao nosso ver. Eles estão localizados no desenvolvimento e maturidade humana de CAM que, ao longo de mais de 50 anos, vem estudando tratativas que dizem respeito a situação de corpos negros no Brasil, e no mundo.

CAM é um dos tradutores para o português da obra do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) pela Editora Zahar e, talvez, seja o único tradutor negro de Bauman no Brasil. Um sentimento de honra acoberta essa pesquisa/pesquisador, que expressa sua alegria em investigar alguém que se encontra em nosso meio, brasileiro, que vive entre nós.

A segunda, a qual também temos ciência, é que poderíamos trabalhar com o corpo de uma mulher negra, intelectual e militante, com semelhante implicação na Militância do Movimento Negro no Brasil. Por exemplo, a militante do movimento negro, doutora Luiza Helena de Bairros (1953-2016), graduada em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia e doutorado em Sociologia pela Universidade de Michigan, nos Estados Unidos. Escreveu vários artigos sobre racismo, sexismo e o negro no mercado de trabalho.

Na Bahia, onde era radicada, fez sua carreira política admirável, chegando a ser ministra-chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Brasil, entre 2011 e 2014. Com ampla experiência no campo da atuação política, Luiza Helena colaborou com a construção de políticas públicas nacionais contra o racismo.

No Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), ela atuou na coordenação da elaboração da agenda da delegação brasileira do campo dos movimentos sociais à III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as formas conexas de Intolerância (2000-2001), assim como a formulação de um substitutivo ao Projeto de Lei que instituía o Estatuto da Igualdade Racial pela Câmara Federal (2003). A frente do Programa de Combate ao Racismo Institucional (PCRI) (2002 a 2005), poderosa articulação a partir de uma parceria do Governo Brasileiro com o Programa de Cooperação do Governo Britânico para o Desenvolvimento Internacional (DFID).

Uma vez que a finalidade dessa dissertação é a compreensão da pessoa negra no Brasil, na máxima amplitude do termo, abarcando o feminino e o masculino, respeitando sua identidade civil e liberdade de gênero (LdeG). Trazemos a figura de Luiza Helena de Bairros como campo de pesquisa sobre uma mulher do movimento negro, de confirmada notoriedade, para expressar as possibilidades de ampliação desse estudo.

Sempre foi nosso desejo trazer a experiência feminina negra para ratificar a evolução de um “pertencimento endógeno”, porém, por questões que tangem ao desenvolvimento dessa pesquisa, como tempo e aquisição de novos conhecimentos, nesse momento não nos foi possível ampliar essa participação feminina negra nas entrevistas, como processo de investigação e análise.

Reafirmamos nosso respeito pela figura feminina negra e acreditamos que, outros trabalhos desenvolvidos por nós ou outrem, traga para discussão científica sobre essa importante variável, fundamentais para dar amplitude e sentido ao conceito.

Nessa dissertação, no entanto, a presença negra feminina se dá através de autoras negras como Neusa Santos, Maria Beatriz Nascimento, Lubi Prates,

bell hooks, entre outras, cujas narrativas em livros ou outros veículos de comunicação são a base bibliográfica dessa pesquisa. Sobre a homologia mulher e maternidade, também, evidenciem o desdobramento do pertencimento endógeno a partir de suas produções e vozes. Principalmente, pelo fato de o corpo feminino ser um solo da embriologia na gestação da vida, gerada no útero sagrado ou profanado. O corpo feminino negro, na sociedade brasileira, está presente nessas perspectivas das autoras negras que serão desenvolvidas durante as nossas análises, e, aqui, sem esquecermos os úteros profanados durante o longo período do processo de escravização.

Neste sentido, ainda que a autobiografia de uma mulher negra não seja, diretamente, o objeto de estudo da dissertação, a segunda questão, porém, busca ressonância na cultura ocidental e aterriza no Brasil patriarcal, machista, para justificar e interagir com a urgente transformação do modo de ser homem no mundo ocidental brasileiro. Isto é, contribuir para diminuir, quiçá, acabar com o feminicídio das mulheres, especialmente das mulheres negras moradoras das atuais senzalas urbanas.

Utilizando-nos de duas perguntas feitas por Kabenguele Munanga (2020.p.199): “Quantos homens e mulheres negras colaboraram para a construção do nosso país? Quantos resistiram a desigualdade e discriminação e lutaram por uma sociedade justa e igualitária?”. Em nosso meio, seja por meio da presença física, seja pela lembrança, os dois sexos estão diretamente representados através da luta e da força do povo negro. E, devemos desvelar historiografias para revelar e descolonizar a primazia eurocêntrica, visto que, temos no bojo da construção braçal e intelectual da História do Brasil uma miríade de corpos autóctones e negros em diáspora. Neste sentido, os dois verbos “desvelar” e “revelar” são bem apropriados para o aspecto intelectual.

Dessa forma, como foi, brevemente, explicado no parágrafo supracitado, a escolha da vida de Carlos Alberto Medeiros como objeto dessa pesquisa se fundamenta em sua atuação nas discussões das causas negras, importantes fatos políticos do cenário brasileiro como, por exemplo, sua direta participação na conferência de Durban em 2001, na África do Sul, ou na construção social de políticas públicas em prol de Ações Afirmativas. Diante das inúmeras contribuições ofertadas pelo povo negro, a militância de Carlos Alberto

Medeiros pode estar entrelaçada com o conceito de “pertencimento endógeno”, que será desvelado nessa dissertação.

REVISÃO DE LITERATURA

O método utilizado para o levantamento bibliográfico foi A revisão integrativa da literatura que “[...] permite a síntese de múltiplos estudos publicados e possibilita conclusões gerais a respeito de uma particular área de estudo” (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008), sendo que o processo visa identificar a temática central da pesquisa: construção psicossocial da identidade e pertencimento endógeno, a partir de uma representação cultural da vida do intelectual Carlos Alberto Medeiros. A formulação da pergunta para guiar o estudo foi: como encontrar, desvelar, e revelar elementos psicossociais e históricos presentes na construção do conceito: *pertencimento endógeno* entre pessoas negras (e não negras)⁵ no Brasil?

Os bancos de dados utilizados para o levantamento bibliográfico foram: Scielo, PePSIC, Periódicos Capes, Biblioteca Virtual em Saúde, Biblioteca Digital, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Google Scholar e Web of Science (ISI) com as palavras-chave: pertencimento endógeno, pertencimento, pertencer, pertencimento afro e pertencimento negro. Foram, também, associadas às palavras-chave a palavra identidade. Igualmente, foram usadas as mesmas palavras-chave, porém, no idioma inglês: endogenous belongingness, afro belongingness e Black belongingness.

⁶ Ao adotarmos aqui, a expressão pessoa não negra, entendemos que o pertencimento endógeno traz subsídios para transformar representações e estereótipos cristalizados sobre grupos ocultados na história do Brasil. Assim como a população negra, a população indígena também foi vítima das selvajarias cometidas pelo modelo culturalista europeu, que dizimou mais de 90% da sua população. Como se não bastasse todas as atrocidades cometidas contra essas populações no passado, as comunidades indígenas ainda sofrem as debilidades do não reconhecimento enquanto pessoa plena de direitos, garantidos pela Constituição de 1988. Recentemente, ficamos estarrecidos com as imagens televisionadas da situação de penúria dos povos Ianomâmis, localizados entre o extremo Norte do território brasileiro e o Sul do território venezuelano. O desemprego do Estado a essas populações, por pouco, não causou total extermínio, diante das barbáries cometidas pelo garimpo, desmatamento e poluição dos rios. O pertencimento endógeno, também, pode se dar pela identidade étnica indígena, através das mobilizações pela defesa do meio ambiente, em comunhão com a terra e a natureza, na interrelação com os membros de sua comunidade. Esse substancial de diferentes etnias e autodenominações, que habitam esse território para antes da chegada dos europeus a América, evocam as bases da uma compreensão do pertencimento endógeno.

Foram encontradas 138 publicações. Os critérios de inclusão dos estudos encontrados foram: artigos/teses/dissertações com as palavras-chave, e publicados entre 1995 e 2023. Foram utilizados como critério de exclusão a palavra pertencimento, de forma isolada, pois ampliaria demasiadamente o campo de pesquisas. artigos/teses/dissertações cujas palavras-chave referiam-se à situação de o pertencimento na escola ou universidade, religião, medicina, direito, meio ambiente, filosofia, literatura e artes, priorizando publicações em psicologia.

Foram encontrados artigos como The Need to Belong: Desire for Interpersonal Alttachments as a Fundamental Human Motivation (1995), “Pertencimento/não pertencimento” Franz Kafka: um exemplo a ser lembrado (2021); o livro Pertencimento: uma cultura de lugar (2022); e a matéria O que é o sentimento de pertencimento? (2023), que trazem elementos empíricos como hipótese para a construção do “pertencimento endógeno” dessa dissertação.

MATERIAL E MÉTODO (Simbólico-Arquetípico)

O método desta pesquisa tem como base a psicologia complexa e analítica de Carl Gustav Jung. Para Jung, “a psique humana é somente em parte algo passado e, como tal, sujeito ao ponto de vista causal.” Neste sentido, não será difícil localizar fatos na história do Brasil para respaldar uma compreensão cronológica e complexa de fatos históricos, sobre a atual situação socioeconômica de homens e mulheres negros na sociedade brasileira, e, também, aqui sem esquecer a situação socioeconômica de etnias autóctones de norte a sul do país. Contudo, para Jung a psique também é *devir*: “que apenas pode ser entendido de modo “sintético” ou “construtivo.” Logo, causa, efeito e *devir* são palavras que estão diretamente conectadas e entrelaçadas na proposta desta dissertação. Isto é, quando um intelectual olha para a História do Brasil, vê o efeito de uma causa histórica, que ainda lhe causa perplexidade, simplesmente, pelo fato desse olhar ser ético e estiver em busca da morada do sujeito do conhecimento brasileiro, para este lidar e atuar sobre o desdobramento do *devir* no Novo Mundo, abaixo ou acima da linha do equador.

Como o próprio Jung diz: “O princípio da causalidade investiga apenas de que maneira essa psique se tornou o que é agora, tal como ela hoje se apresenta”. Por isso, em cada capítulo da dissertação, o holofote sobre fatos e marcos históricos, em relação à condição dos corpos negros de pessoas conhecidas e/ou desconhecidas no contexto brasileiro, será direcionado. Visto que, ainda com o apoio de Carl Gustav Jung, esta dissertação almeja construir uma ponte entre a mentalidade do passado e a previsão de outra no futuro brasileiro por quê: “A perspectiva construtiva, ao contrário, pergunta como se pode construir uma ponte entre esta psique e o seu futuro”. Sim, “construir uma ponte entre esta psique” (presente no aqui e agora sociopolítico brasileiro), sobre pertencimentos endógenos de homens e mulheres negros, e, neste contexto, de pessoas autóctones e em diáspora africana, vislumbrar o futuro do Brasil como uma nação ética em circum-ambulação intelectual. (JUNG, OC. III, § 399)⁶

O método construtivo, segundo Eloisa M. D. Penna, diante do fenômeno psíquico coloca três perguntas básicas: (1) Por quê? (a origem do fenômeno); (2) Para quê? (a finalidade do fenômeno), e (3) Qual o sentido? (relações significativas que possam estar inseridas no fenômeno com conexões causais) (PENNA, 2013). Em vista disto, Eloisa Penna, no livro *Epistemologia e método na obra de C. G. Jung*, apresenta uma síntese do método junguiano simbólico-arquetípico e amplia possibilidades da investigação psicológica. Ou seja, o método simbólico-arquetípico permite uma integração entre a subjetividade, individual e singular, com a objetividade de maneira coletiva e universal (PENNA 2013).

No caso da presente pesquisa, o método simbólico-arquetípico poderá nos permitir compreender: (a) a construção biopsicossocial da identidade da pessoa negra no Brasil, (b) abordando aspectos históricos compreendidos no processo de construção de uma identidade brasileira através de conceitos como: “persona”, “personalidade”, “inconsciente pessoal” e “inconsciente coletivo”, de acordo com Jung, (c) para construir a ideia de “pertencimento

6. Nas Obras Completas de Jung, adota-se o parágrafo com o objetivo de facilitar o acessoas citações. Nas edições em português, assim como nas edições inglesas, os númerosdos parágrafos permanecem os mesmos, enquanto as páginas variam conforme variam as edições.

endógeno", e (d) observando manifestações de pertencimento endógeno, a partir da experiência e história de vida do entrevistado.

1. CONSTRUÇÃO PSICOSSOCIAL DA IDENTIDADE NEGRA NO BRASIL

O capítulo foi dividido em três subcapítulos: (I) *Identidade e Identificação: uma construção psicossocial*, que será analisada de acordo com a obra do psicólogo Carl Gustav Jung (1875-1961), particularmente em duas obras: "Os tipos Psicológicos" e "Desenvolvimento da Personalidade"; e em relação ao sociólogo Stuart Hall (1932-2014) nas obras: "Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais" e "A identidade cultural na pós-modernidade", para realizar uma aproximação epistemológica dos conceitos *identidade* e *identificação*, que são elementos preponderantes na construção do conceito de pertencimento endógeno; (II) *Rotas do Atlântico: a construção da identidade negra no Brasil*, o tópico *A identidade da pessoa negra escravizada no Brasil*, propõe a análise de alguns aspectos históricos e sociais enfrentados pela pessoa negra, assim como, ponderar sobre a construção da identidade no período escravocrata, desenhada, em especial, pelas vontades da Casa-Grande, e do racismo desqualificador que outorgava ao negro uma persona de inferior. O desenvolvimento da personalidade, condicionado a situações calcadas no processo de escravização deixou marcas na personalidade da pessoa negra, e serão elucidados nessa parte do texto.

Como bibliografia, foram utilizadas as seguintes obras: Maria Beatriz Nascimento (1985); Gilberto Freyre (2006); Alex Ratts (2006); Joaquim Nabuco (2012); Joyce Gonçalves da Silva (2014); Kátia M. de Queiroz Matoso (2016); Ynaê Lopes dos Santos (2017); Laurentino Gomes (2019); Kabenguele Munanga (2019) e (2020); Jessé Souza (2019) e (2021).

1.1 Identidade: uma construção biopsicossocial

O tema identidade ganhou singela importância nos debates contemporâneos, recebendo atenção de muitos pesquisadores, religiosos, formuladores de políticas públicas, movimentos minoritários e pessoas interessadas na compreensão do assunto. O debate acadêmico do conceito de identidade encontra-se em plena construção, atraindo a atenção dos mais diversificados campos das ciências, dadas às complexidades dos elementos singulares, culturais e simbólicos de cada território, o que torna complicada a tarefa de fundamentar teoricamente sua definição. Ao abordar o tema como um marco inicial para a edificação desse trabalho, parte-se da ideia de que sua estrutura está inacabada e propícia às ressignificações, podendo receber contribuições dos diversos campos de saberes, em especial, das Ciências Humanas.

Como proposta para provocação da análise do conceito de Identidade, partiremos parafraseando as palavras de HALL (2006), ao dizer que o próprio conceito é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e compreendido na Ciência Social para ser, definitivamente, posto à prova. Esta também não é nossa intenção. Nossa ideia é criar um entendimento do sujeito social negro, a partir das experiências identitárias. Assim, buscamos um caminho para uma melhor compreensão das identidades e identificações, que se materializam em nossa convivência familiar, escolar, ciclo de amigos, trabalho, valores morais e políticos, entre outros.

Pela amplitude das construções conceituais acerca do tema, buscamos a origem do sentido, a partir da etimologia da palavra e suas contribuições culturais, sustentadas pela história de diversos povos. Ainda que inconclusa enquanto formação e origem, a palavra identidade deriva do *latim*, pela junção dos significados das palavras *facere* (fazer), *ficare* (fazer), recebendo contribuições do latim medieval com a palavra “*identificare*” (identificar), até chegar ao século XVII o significado de “*identify*” (identidade)⁷. A palavra identidade ganha novos contornos etimológicos em decorrência do conteúdo fendido, sendo a história responsável por seu processo de (re) significações.

⁷ Fonte de dados: Parceria Google e Dicionário de Oxford <https://www.google.com/search?q=etymology+identify&oq=etymology&aqs=chrome.0.69i59j69i57j35i39j0i512j0i512l2j69i61.4937j04&sourceid=chrome&ie=UTF-8> acessado em 01/12/2021.

O escritor, poeta e jornalista moçambicano Mia Couto traz em sua obra um aporte literário e crítico, no que diz respeito à capacidade de conscientização e reflexão, acerca da situação do cidadão moçambicano. Temas como identidade, engajamento, transformação social e descolonização são traços presentes na produção literária do autor, com a finalidade de reconfiguração de uma identidade africana no período pós-colonial. Como elemento ilustrativo, a poesia *Identidade*:

Preciso ser um outro
para ser eu mesmo
Sou grão de rocha
sou o vento que a desgasta
Sou areia sustentando
o sexo das árvores
Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
receando a esperança do futuro
No mundo que combato o dia
morro no mundo porque luto
nasço.

Identidade – Mia Couto (1983)

Segundo a concepção poética e literária do autor, o conceito de identidade, traz a ideia de um ser vivente em processo de construção psicossocial, atravessado por situações conscientes e inconscientes. Aprofundar o diálogo sobre a identidade negra é um movimento que nos convoca a desnudar o sistema enraizado historicamente pela escravidão, racismo e suas repercuções, presentes ainda nos dias de hoje, seja em África, seja em diásporas como o Brasil.

O cantor, sambista e compositor brasileiro Jorge Aragão, homem negro, carioca, com ascendência amazonense, compôs a canção *Identidade*, música amplamente conhecida e cantada nas mais diversas rodas de samba. A canção brada a resistência do povo preto na sociedade brasileira, e é um alerta às simbologias ofertadas à pessoa negra por construções como “preto de alma branca”. Assim brada a canção:

Se o preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade

Elevador é quase um templo
Exemplo pra minar teu sono
Sai desse compromisso Não vai no de
serviço Se o social tem dono, não vai...
Quem cede a vez não quer vitória
Somos herança da memória
Temos a cor da noite Filhos de todo
açoite Fato real de nossa história.

Identidade – Jorge Aragão
(1992)

Assim como Mia Couto, o intérprete Jorge Aragão, de forma magistral, ressalta a construção da identidade a partir da vivência da pessoa preta, como nas estrofes da canção, que usam as expressões “temos a cor da noite”, “filhos de todo açoite”, apontando para aspectos históricos e construções sociais decorrentes dos processos de escravização e miscigenação na sociedade brasileira. A canção enfatiza que o processo de assimilação do negro ao universo branco é catastrófico, permitindo a pessoa negra dizer: “não nos ajuda, só nos faz sofrer, nem resgata nossa identidade”.

De maneira exageradamente simplista, a identidade pode ser entendida como o conjunto de predicados internos e externos que caracterizam uma pessoa ou coisa, tornando-a particular. Esses predicados são compostos por elementos da psique em sintonia com as transformações culturais vividas por ela, criando uma metodologia específica que possibilita identificações do corpo em sua jornada pelo universo.

Nessa constante ciranda de pensamentos, sentimentos, sensações e intuições, a identidade se atualiza no processo histórico do ser humano, por concepções e especificidades que corroboram com a construção da imagem do sujeito, no caso deste estudo, a pessoa negra brasileira.

As Ciências Sociais, em termos gerais, compreendem o conceito através das relações sociais estabelecidas entre o indivíduo e/ou grupo social, dentro da realidade na qual o indivíduo está inserido. É na esfera social que acontecem os incrementos biopsicossociais do corpo, sendo esse corpo um

produto das condições sociais e fruto das relações sociais, criando nossos modelos de educação e costumes (LE BRETON, 2002).

No universo da Psicologia, o estudo da identidade traz questões pertinentes ao indivíduo, na busca de respostas a questões ao próprio processo de constituição da pessoa, trabalhados pelas correlações feitas pela psique. Representações sociais são exigidas para a vivência dos vários papéis na metamorfose da vida, a partir das condições históricas e sociais nas quais está submetido. (FLAVIA SILVA, 2009). Tais questões tendem a ser moderadoras da conduta humana, refletindo em ações e comportamentos que vão condicionar a experiência de vida do eu com o outro e a natureza.

Questionamentos tais como: Quem eu sou? Quem somos nós? Quem são eles? – são respondidos a partir de identificações, que acontecem de forma consciente e/ou inconsciente. A completude desses estados psíquicos que permitem a pessoa vivenciar sua experiência de vida, dentro da si e dentro da sociedade.

1.1.2 Identidade e Identificação: por Carl Gustav Jung (1875-1961)

A partir do crivo metodológico da Psicologia Analítica, essa dissertação buscou analisar o conteúdo dos conceitos *identidade* e *identificação*, com a finalidade da interpretação dos elementos que geram as condições psíquicas e construção das subjetividades, extraídos da obra de Carl Gustav Jung.

Nascido em Zurique, na Suíça, Jung foi psiquiatra, psicoterapeuta e criador da Psicologia Analítica. Dentre seus principais conceitos estão: *personalidade extrovertida e introvertida; arquétipo; inconsciente coletivo e “individuação”*; e suas contribuições são de extrema relevância para os mais diversos campos, como a Psicologia, Psiquiatria, Ciência da Religião, Literatura e áreas afins.

Em sua obra *Os tipos psicológicos* (1921 – apud. PIERI, 2009.p.231), Jung faz uma definição do conceito de *identidade*, afirmando ser um fenômeno psíquico advindo dos conteúdos do inconsciente, pressupondo um estágio de consciência ainda não atingida. Consequentemente, “o uso junguiano do termo

designa a ausência da distinção cognitivo-afetiva entre diferentes indivíduos ou objetos".

Assim, a *identidade psicológica* é colocada como um princípio psicológico, na qual são subjugados os objetos do inconsciente absoluto, não assumindo a posição da pessoa no espaço e no tempo, características atribuídas à consciência. Por não haver indistinguibilidade entre o sujeito e objeto, a identidade psicológica torna-se condição para que os elementos sejam indiscerníveis um do outro, causa primordial para essa condição de não separação, de não consciência (PIERI,2009).

Defronte a esse estado psíquico, as questões morais e de biopoderes na edificação desses valores, (o que é moral ou imoral, por exemplo), pressupõe o entendimento da identidade como um compromisso, que deve sê-lo seguido por todos, de maneira indistinta. Tal expressão se confirma como característica dos povos primevos e tradicionais, criando uma atmosfera de pertencimento entre o grupo.

Ainda que a identidade psicológica pressuponha uma igualdade inconsciente entre os sujeitos, não é concebível afirmar que a psicologia de uma pessoa seja igual à outra, ou que os ensejos sejam sempre validados por todos. Por questões que tangem a ordem subjetiva, a pessoa humana tem livre arbítrio para seguir esses códigos, ou não. Assim diz Jung:

O processo psicológico através do qual a personalidade é parcial ou totalmente dissimilada de si mesma (assimilação), isto é, o estranhamento do sujeito em relação a si próprio, a favor de um objeto externo ou interno qualquer que já é dado como outro (por exemplo, pessoas, coisas, funções psicológicas já diferenciadas) e com o qual o próprio sujeito, por assim dizer, se traveste. (PIERI, 2009, p. 232)

O conceito de *identificação* na obra de Jung (1921 – apud. Pieri 2009, p. 232) é entendido, assim como a identidade, por um procedimento psicológico de origem inconsciente. Pelo “processo de identificação há uma situação de estranhamento do sujeito em relação a si próprio, apresentando-se como uma personalidade parcial”.

Seguindo Jung (1921, p. 457), a “a identificação faz com que se forme um caráter secundário, levando o indivíduo a identificar-se de tal forma com sua função mais bem desenvolvida, que ele se afasta muito ou totalmente do seu estado caracterológico original”. O processo de identificação faz com que a

personalidade da pessoa seja partida em duas partes, uma estranha a outra, condicionando o surgimento das personas.⁸

Tal fato, segundo Jung (2013, p.162-3), não anula a identidade pessoal, que é um dos aspectos mais preponderantes na formação da personalidade, mas permite diante das construções psíquicas imanentes do inconsciente pessoal e coletivo submeter-se a novas identificações, o que possibilita, como exemplo, a educação coletiva consciente.

Jung (1921 – apud. Pieri 2009, p. 232-3), diz que o processo de identificação pode ser proveitoso, enquanto o indivíduo busca seu caminho de individuação, porém, atesta-se como patológico assim que o indivíduo toma consciência do processo de formação da individualidade, sendo necessária a superação da identificação para prosseguir em seu processo de individuação. Assim, “a identificação, e com ela a saída da identificação, devem ser entendidas como processos psicológicos que, apenas analogicamente, podem prestar contas, primariamente, da formação da consciência e do homem enquanto sujeito consciente.”

1.1.3 Identidade e Identificação por Stuart Hall

Na perspectiva socioantropológica, foram utilizados os conceitos de *identidade* e *identificação* propostos por Stuart Hall (1932-2014). Nascido em Kingston, Jamaica, foi sociólogo, teórico cultural e um dos principais percussores dos estudos culturais britânicos, criando o conceito de *identidade cultural*. Ele contribuiu com obras-chave para os estudos da cultura e dos meios de comunicação, assim como para o debate político.

Segundo Hall (2000, p.104), o conceito de *identidade* aparece como um conceito em plena formação, e vem sendo debatido em diversificados campos disciplinares. Com forte crítica ao conceito de identidade que fixa uma ideia

⁸ Dois conceitos da obra junguiana (2009) são necessários para a compreensão dos fenômenos psicossociais que buscamos: *personalidade*, que é entendido como uma pluralidade de características psíquicas e modo de ser que formam um conjunto de particularidades, do caráter e das atitudes); *persona*, que é o termo latino que indica a máscara que o ator usa quando representa, e suas representações sociais. Ambos os conceitos são de extrema importância dentro da obra junguiana e serão amplamente discutidos no capítulo 3, “A psicologia analítica e a construção do pertencimento endógeno”, explicitando a correlação dos conceitos com nossas hipóteses.

cartesiana, integral, originária e unificada, Hall diz que “a identidade é um desses conceitos que operam “sob rasura”, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser requeridas pensadas.”

Esta “rasura” indica que o conceito não tem aplicabilidade em sua forma conceitual originária, por isso, há a necessidade de reconstrução, frente às novas significações que o conceito de identidade recebe na sociedade tardia. Assim, Hall diz:

“Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às “posições-do-sujeito” que as práticas discursivas constroem para nós (HALL,1995) (Hall,2000. p. 112)

Ainda que a conceituação originária da identidade siga cedendo espaço para as definições pós-modernas do conceito, Hall (2000) apontam para os subsídios socioculturais presentes na elaboração do discurso para constituir o ser social, a partir de atravessamentos históricos, políticos, sociológicos, psicológicos e culturais na sociedade. Estas representações sociais ligadas às “posições-do-sujeito” são temporárias e convenientes, mas dão plasticidade ao conceito de identidade.

Em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), Hall dá sequência a sua hipótese de conceituação da identidade, proposta em: *Quem precisa de identidade? Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (Hall, 2000). Confirmando a formação da identidade como processo em plena ebullição, e associando novos elementos ao momento que ele define como “deslocamento” ou “descentração do sujeito”⁹ nas sociedades em transformação, o autor define a identidade como “algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não inatos” e existindo sempre algo “imaginário ou fantasiado sobre a sua unidade” (2000,p.38 – grifo nosso).

A partir das ideias principiadas pelo ambiente filosófico, intelectual, artístico e religioso, vividos entre os séculos XVII e XVIII, o Movimento

⁹ Para Hall, a ideia de “deslocamento ou descentração do sujeito” na constituição da identidade revela na perda de um sentido de si estável, questionando a ideia de sujeito integrado e fixo. (2006, p. 9)

Iluminista representou uma ruptura com o dogma teocrático, descentralizando a figura de Deus e o domínio sobre o conhecimento imposto pela Igreja Católica, passando a ser a pessoa o centro de conhecimento e racionalidade no universo.

Diante desse movimento, Hall (2006) explica as três concepções de identidade, que surgem a partir das ideias do Iluminismo, cujas características são baseadas nos espectros da história vivida pelo próprio sujeito. O autor define as três concepções de identidade, “o sujeito do Iluminismo”¹⁰, o “sujeito sociológico”¹¹ e “o sujeito pós-moderno”¹², como condições de desenvolvimento da identidade no marco temporal. Assim, o conceito de “identificação” admite a ideia de que o próprio processo, que envolve a construção do conceito, tornou-se mais provisório, variável e problemático.

O processo de identificação é satisfeito a partir das interpelações dos sistemas subjetivos e culturais e as estruturas sustentadas pelos papéis sociais desempenhados pela pessoa. “Embora tenha suas condições determinadas de existência, o que inclui os recursos materiais e simbólicos exigidos para sustentá-la, a identificação é, ao fim, e não a cabo, condicional; ela está, ao fim e ao cabo, alojada na contingência” (2000, p.106)

Diante da situação de contingência, é percebido que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (2006, p. 13), possibilitando uma esquematização das identidades culturais em acordo com experiências comuns, ligadas ao passado ou ao presente. Assim diz Hall:

A identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. É em cima

¹⁰ O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana com um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e como ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo. (Hall, 2006. p. 10-1)

¹¹ A noção do sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. (ibidem, p. 11)

¹² “O sujeito (pós-moderno) assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.” (ibidem, p. 13)

dessa fundação que ocorre o natural fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade em questão." (2000. p. 106)

Pessoa e sociedade estão em permanente transformação, o que torna improvável uma identidade resolvida ou totalmente unificada. A atmosfera psíquica precisa ser completada por experiências exteriores, desenvolvidas no seio da sociedade. Essa complementação é fator preponderante na constituição de uma identidade possível. Parte desta já se encontra dentro de nós, e a outra parte está na sociedade e suas representações, construídas pela pessoa e pelo outro, em contexto com a situação histórica vivida pelo sujeito.

Assim também, pela linguagem do senso comum, o processo de identificação parte da premissa do reconhecimento de experiências partilhadas por grupos de pessoas, gerando um ideal de solidariedade entre o grupo.¹³

1.2 As rotas do Atlântico: a construção da identidade negra no período escravocrata.

Neste trabalho se buscou uma constituição científica que se dá em consonância com os aspectos biopsicossociais da pessoa negra brasileira, elemento central desse estudo. Os três séculos e meio de existência que sacramentaram o processo legal de escravidão no Brasil foram decisivos na constituição da figura da pessoa negra, como um corpo privado do direito de ser livre, sem a condição de desenvolver com plenitude seu direito humano à vida, uma vez que era açoitado pelo processo de escravização.

O racismo, que advoga em favor dos pressupostos de uma sociedade branca, realiza o ofício de subjugar o corpo, raça e ancestralidade dos povos negros. Como o elemento propulsor da justificação social do sistema de mão-de-obra escrava, corrobora com a situação decadente de uma gama de negros e negras no período escravocrata.

¹³ Um conceito ideal na teoria weberiana é normalmente uma simplificação e generalização da realidade. Partindo desse modelo, é possível analisar diversos fatos reais como desvios do ideal: Tais construções (...) permitem-nos ver se, em traços particulares ou em seu caráter total, os fenômenos se aproximam de uma de nossas construções, determinar o grau de aproximação do fenômeno histórico e o tipo construído teoricamente. Sob esse aspecto, a construção é simplesmente um recurso técnico que facilita uma disposição e terminologia mais lúcidas.

Quando usamos o termo pessoa negra, é como se, de fato, entendêssemos que o racismo perpassa todo o processo de construção dos aspectos biológicos, psíquicos e sociais de qualquer pessoa negra. Falar de escravização, nesse contexto, é automaticamente falar de racismo, pois a sobrevivência desse sistema se ampara nas prerrogativas raciais construídas socialmente, e que deturparam a lógica da humanidade e visão do próximo como ser humano digno de direitos.

A identidade da pessoa negra no período escravocrata propiciava que “a nova personalidade do escravo fosse criada pela inserção de homens negros, ainda inspirados pelo modelo africano” – deixado no continente originário, mas presente na identidade do africano cativo – “numa sociedade dominada pelo modelo do mundo branco” – a partir dos valores éticos e morais do europeu. (MATTOSO, 2016, p.129 – grifo nosso).

A construção da personalidade da pessoa negra no período escravocrata atravessa, de maneira geral, a experiência do açoite e do racismo. Todo corpo negro apresenta-se como fruto da experiência escravagista, embora não necessariamente significa que o racismo é o elemento principal da construção da identidade negra no Brasil.

LINHA DO TEMPO

Ano	Eventos que marcaram a história do Brasil e da Ibéria entre o século XVI ao XIX ¹⁴
1444	Registro do 1º leilão de africanos escravizados em Portugal, em Lagos, Algarve – Portugal.
1493	Chegada dos europeus à América.
1500	Chegada dos portugueses no Brasil
1502	Sede do primeiro governo colonial espanhol no Novo Mundo, em Santo Domingo.

¹⁴ GOMES, 2019.p.11-14. Foram incluídas outras datas não presentes na obra.

1503	Início oficial do tráfico de africanos para a América.
1515	Leilão de 85 índios escravizados em Valência, Espanha.
1534	O Brasil é dividido em capitâncias hereditárias.
1549	Chegada dos primeiros jesuítas ao Brasil.
1597	Fim do império Songai.
1600	Redução a um quinto da população indígena no Brasil.
1632	Raposo Tavares escraviza 40 a 60 mil índios.
1648	Tropas brasileiras expulsam os holandeses de Angola.
1660	Criada a Royal African Company
1665	Tropas brasileiras e portuguesas destroem o Reino do Congo na Batalha de Ambuíla.
1670	Fim do império Mali.
1672	A cidade do Rio de Janeiro abriga 4 mil habitantes brancos e 20 mil negros africanos.
1687	São Paulo tem 1,5 mil moradores brancos e 10 mil escravos indígenas.
1695	Destrução do Quilombo dos Palmares.
1701	Início da Guerra de Sucessão na Espanha.
1707	Guerra dos Emboabas.
1710	Guerra dos Mascates.
1755	Abolição da escravização indígena no Maranhão e Grão-Pará.

1758	Abolição da escravização indígena em toda a América Iusitana.
1760	Revolução Industrial inglesa.
1769	Os jesuítas são expulsos do Brasil.
1772	América Iusitana passa a ser composta por 3 estados.
1776	Declaração de Independência das 13 colônias nos Estados Unidos.
1789	Queda da Bastilha e início da Revolução Francesa.
1792	Inconfidência Mineira.
1798	Revolução Francesa.
1799	Início da era napoleônica.
1804	Independência do Haiti.
1808	Chegada da família real portuguesa ao Brasil.
1811	Independência da Venezuela.
1819	Simón Bolívar se torna presidente da República da Colômbia
1822	Independência do Brasil.
1831	Início do período regencial no Brasil.
1835	Revolta da Cabanagem, Guerra dos Farrapos e Revolta dos Malês.
	Fim do império Oyo.
1840	Início do Segundo Reinado no Brasil.
1844	República Dominicana conquista a independência do Haiti.
1850	Lei Euzébio de Queiroz (proibição do tráfico escravo no Atlântico).
1861	Guerra Civil Americana (Guerra da Secesão)

1864	Guerra do Paraguai
1879	Guerra Anglo Zulu, África do Sul.
1885	<p>Conferência de Berlim</p> <p>Lei dos Sexagenários (liberdade p/ escravizado com mais de 60 anos)</p>
1888	Lei Áurea (fim da escravização no Brasil)

A chegada dos europeus às terras americanas, no ano de 1493, marca um novo ciclo de relacionamento mundial, sob o artifício da expansão marítima europeia. O desenvolvimento do mercantilismo trouxe grandes alterações à sociedade europeia, fortalecendo a burguesia, enquanto classe econômica, e a formação dos Estados Nacionais. Os avanços tecnológicos e científicos possibilitaram o acesso a outros continentes não antes explorados, alavancando as ações mercantis e criando um sistema de atividade comercial que se estendia pelos continentes asiático, africano e americano.

A chegada dos portugueses ao Brasil, em 1500, pontua o início do sistema de colonização, ao qual a futura nação seria exposta, a partir da organização unilateral dos europeus no domínio e uso do território, e estabelecidos a partir da gestão da Coroa Portuguesa, que criou as bases para a exploração das riquezas naturais das terras brasileiras.

De forma geral, as colônias de exploração, como o Brasil, receberam uma quantidade crescente de indivíduos estrangeiros, que defendiam com sangue o direito ao espaço colonizado. Seu principal objetivo era a extração das riquezas naturais presentes na colônia, institucionalizada a partir de leis, obrigações, impostos e instituições que serviam aos interesses da metrópole portuguesa.

Portanto, distante geograficamente de Portugal, o brasileiro vivia no contexto da vida patriarcal europeia da Casa Grande, da atividade agrária braçal, da diáspora africana e em contato direto com o estilo de vida do homem

autóctone das Américas. Ele, o brasileiro, já é quase outra raça, exprimindo-se em outro tipo de Casa-Grande & Senzala¹⁵ (FREYRE, 2006, p. 36).

A não adaptação do indígena ao trabalho escravizado deixa uma lacuna importante para o desenvolvimento econômico da Casa-Grande, que se traduz pela necessidade de mão de obra para a produção agrícola das extensas faixas de terra do Mundo Novo. Como solução para esse problema, o tráfico de homens e mulheres, de diferentes regiões do continente africano, passa a acontecer de forma recorrente.

O negro, visto como o “sem alma”, “seria naturalmente selvagem, bárbaro, preguiçoso, idólatra, de inteligência curta, canibal, promíscuo”, “só podendo ascender à plena humanidade pelo aprendizado da servidão” (SILVA, 2002, p. 850), - respaldado na ideia racista que a “fraca civilizabilidade do negro se reduziria em contato com a organização social da raça superior [...] se desenvolveria nesse contato” (FREYRE, 2006, p. 388) - e consensuadas pela - “íntima associação que [...] se estabeleceu entre a Igreja, o tráfico de escravos e a Coroa de Portugal”. (GOMES, 2019 p. 344 – grifo nosso)

Era o casamento perfeito para suprir a necessidade de mão de obra para a realização dos trabalhos no engenho, e, ao mesmo tempo, resolver um problema de ordem moral, ligado à identificação do negro como ser naturalmente inferior.

Em prol da manutenção do sistema escravagista, a mão de obra base para o desenvolvimento do Novo Mundo se deu, num primeiro momento, pela

¹⁵ O uso do termo “Casa-Grande & Senzala” faz alusão a obra literária de Gilberto Freyre. Aqui nesse ensaio, o termo expressa o simbolismo imposto pelas ideias dominantes na constituição do Brasil, onde os valores culturais, políticos e sociais eram espelhados exclusivamente nas sociedades ocidentais europeias, excluindo o negro e o indígena desse processo. Esse movimento tinha como finalidade seguir beneficiando os interesses políticos, econômicos, culturais e étnico-raciais dos brancos no Brasil, como um mecanismo de perpetuação das hierarquias sociais e manutenção da lógica escravagista, iniciada no século XVI. Assim, ao usar o termo “Casa-Grande & Senzala”, farei referência a toda essa lógica escravagista e suas consequências nas estruturas sociais do Brasil, onde a ideia de democracia racial, amplamente difundida no Brasil pós-anos1930, fomentam a construção de uma sociedade brasileira baseada na plasticidade e no hibridismo, gerando uma relação amistosa entre brancos, negros e indígenas na construção societária do país. Expresso que não comungo com a visão do autor, que não dá a real relevância dos efeitos de 3,5 séculos de escravização de negros africanos e execução sumária das populações indígenas, com nebulosas consequências biopsicossociais na sociedade brasileira até os dias atuais. Usarei o conceito de “Casa-Grande” quando me referir a elite econômica que detém o poder no Brasil e “Senzala” para referir as populações negras e periféricas do país.

escravização de índios e, posteriormente, os africanos. A vida de milhares de seres humanos foi marcada pela anulação da identidade antiga em prol de uma nova identidade (mas não melhor), condicionada a uma vida sem prestígio, de trabalho forçado, dominação senhoril, animalização do seu corpo e supressão de sua alma, tornando-o uma mercadoria de valor monetário, mas sem valor humano.

O clássico *O Abolicionismo*, de Joaquim Nabuco (2012), relata que a pressão diária exercida pela escravidão geraria uma ansiedade constante sobre a pessoa negra, fato que suscitava uma resignação capaz de anular toda sua personalidade, fazendo com que o escravizado obedecesse cegamente e sujeitasse-se a tudo. Essa passividade se transformaria em alienação. E esse estado de alienação é infundido na alma da pessoa negra, através do terror absoluto imposto pela残酷do do senhor.

O processo de escravização criaria uma crise de identidade no negro cativo gerando um confronto interno sombrio em seu consciente e inconsciente. A entrada em um ambiente desconhecido e hostil faz com que o escravizado encontre suas sombras da forma mais perversa, o que inúmeras vezes o faz atentar contra a própria vida ou ser capturado pelo banzo¹⁶.

O universo social, na qual a pessoa negra era inserida, assumia os valores morais e éticos da sociedade europeia, que se faziam atualizados no Brasil, fazendo com que a pessoa negra fosse inferiorizada nas esferas culturais, políticas e sociais da sociedade escravocrata, recebendo o tratamento de uma mercadoria pronta a ser comercializada. Assim diz Mattoso:

A “condição de coisa, objeto e mercadoria, em que o escravo se encontrava, correspondia a um estado que anulava não só a condição anterior, mas, também, o que ele representava na sociedade de origem, fazendo dele um capturado totalmente disponível.” (MATTOSO,2016, p.128).

Ainda segundo Mattoso (2016), o processo de inserção da pessoa negra na sociedade brasileira admitia variadas maneiras, e sua consequente identificação estaria em acordo com a quantidade de violência brutal empregada na captura, rompimento das relações anteriores em África, laços de

¹⁶ “Essa tristeza, batizada de banzo, era um estado de depressão psicológica que tomava conta dos africanos escravizados assim que desembarcavam no Brasil e seria uma enfermidade crônica: a nostalgia profunda que levava os negros à morte.” (<https://revistapesquisa.fapesp.br/a-saudade-que-mata/>) – acessado em 15/09/2022. O livro “Da fuga ao suicídio” de José Alípio Goulart (1972) auxilia a entender o banzo também como resistência.

família, clã e comunidade. Esse processo de dessocialização levaria o indivíduo negro a um forte processo de despersonalização, condicionando sua personalidade a uma composição arquitetada à lealdade, obediência e submissão ao senhor.

“O escravo conquistava certa identidade social e recebia alguns papéis sociais e até mesmo uma superfície social, um peso em relação ao homem livre resultante de uma caução protetora da família do senhor. Ele poderia se tornar “comandante”, capataz, chefe de grupo e, aparentemente, passar para o lado da autoridade; mas essa nova identidade era, de fato, a identidade da família do senhor.” (MATTOSO, 2016, p.129)

Cumpridos esses requisitos, o cativo receberia o status de “bom escravo”, status esse que favorecia, em grande parte, o senhor e o sistema de escravização.

A construção da identidade da pessoa negra no período escravocrata propiciava que “a nova personalidade do escravo fosse criada pela inserção de homens negros, ainda inspirados pelo modelo africano” – deixado no continente originário, mas presente na identidade do africano cativo – “numa sociedade dominada pelo modelo do mundo branco” – a partir dos valores éticos e morais do europeu. (MATTOSO, 2016, p.129 – grifo nosso).

Do mesmo modo, o processo de construção da identidade da pessoa negra, quando atinge a questão psicológica, segue o entendimento que a sobrevivência do escravizado dependia de sua “repersonalização” e aceitação da sua nova condição identitária, condicionadas à vontade do soberano senhor, proprietário do seu corpo: “o viver junto se tornava identificação parcial do escravo com o grupo social que procurava integrá-lo”, ainda que a realidade fosse que “o mundo dos senhores e dos escravos permanecia separado cultural e socialmente”. (MATTOSO, 2016, p.128-30)

A família do senhor de engenho é a instituição responsável pela organização social do Brasil. A Casa-Grande é representada pela imagem do senhor de engenho, que detinha todo o controle da vida familiar, social e política do Brasil de Norte a Sul da colônia (FREYRE, 2006, p. 36). Com a economia dependente do trabalho escravo e não industrializado, a “Casa-Grande” retardou demasiado o fim da escravidão, o que causou graves consequências, que permeiam o país até os dias de hoje, em pleno primeiro

quarto do Século XXI, e comprometeram de forma enfática a formação das personalidades e identidades de pessoas negras no país.

Uma vez que os modelos sociais e econômicos, vigentes no sistema escravagista desencorajavam o processo de individuação da pessoa negra, e, por conseguinte, o desenvolvimento de sua personalidade, o escravizado se via obrigado a buscar novas maneiras de sociabilidade, estabelecendo novas conexões de adaptação com a família do senhor, e, também, com a nova comunidade negra na qual seria inserido. Assim diz Mattoso:

Assim, não só as ligações familiares, no sentido estrito do termo, que o escravo africano iria reencontrar sua identidade social. O pivô das novas comunidades não deve ser procurado nas relações matrimoniais, mas nas relações sociais de vizinhança, de grupo de trabalho, de lazer e de outras associações dessa espécie. (2016.p.131)

As limitações psicossociais impostas pela escravidão aos negros africanos e brasileiros não foram suficientes para anular o desejo de outras ligações sociais, comuns aos que viviam e se identificavam por inúmeras questões de afinidade e solidariedade, extrapolando o campo reprodutivo e familiar.

Embora fosse imaginada por parte da sociedade (em especial a sociedade branca) como uma mercadoria de produção e para a produção, a classe dominante não conseguiu anular os pressupostos que corroboram com a construção de personalidades que reconhecem sua ancestralidade, que se baseiam em laços de fraternidade, dando origem a atitudes individuais e coletivas altamente positivas que colaboraram com a vida da população negra da diáspora.

1.3 Síntese

Os conceitos *identidade* e *identificação* explorados nessa dissertação, a partir das contribuições de Carl Gustav Jung (na perspectiva psicológica) e Stuart Hall (na perspectiva socioantropológica), buscam não apenas a explicação das dimensões que abarcam as prerrogativas de seus entendimentos conceituais, mas também a necessidade de compreensão dos

conteúdos psicossociais que fundamentam sua estruturação na psique humana.

A construção da identidade, acompanhada por processos de identificação, exprime uma visão que opera o processamento dessas informações absorvidas pela pessoa humana, e que engloba inúmeros artefatos pertencentes à realidade daquele indivíduo ou objeto. Parafraseando Jung, “ainda que exista o “eu” claramente diferenciado do resto das coisas, mas tudo que existe são acontecimentos ou ocorrências, que tanto podem pertencer a mim como qualquer outro.” (2013, p. 50)

Os conceitos de “identidade” e “identificação” abordados nesse trabalho, buscam uma fundamentação teórica capaz de associar as dimensões psicológicas, socioantropológicas e histórica da incorporação dos elementos socioculturais pela psique.

Os fatos históricos têm a capacidade de angariar substâncias capazes de elevar a uma compreensão realista da situação vivenciada pela população negra em diáspora, no ontem e no hoje, assim como explicar os modos de identidade e identificação.

Falar da história da escravidão é desossar os fatos históricos, e nos traz a capacidade de conectar as raízes de nossa essência, dos problemas ocasionados pelo racismo e sua lógica perversa, com cultura e ancestralidade, nos dando informação e legitimidade para articular com os desdobramentos do modo de vida negro na diáspora brasileira. A burguesia, que ainda hoje organizam a teia social brasileira, é uma máscara da sociedade patriarcal oligárquica de base escravagista, acolhida pelo poder econômico e religioso.

Se o racismo tem por finalidade a aniquilação dos aspectos subjetivos e coletivos da pessoa negra, construir prepositivas que fortifiquem a ideia de uma identidade produzida pela e para a população negra, na abrangência dos seus atravessamentos históricos, percepções e vivências, ao nosso ver, é o substrato que concerne ao corpo negro a probabilidade de se fazer presente na História, juntamente com a construção de sua identidade e processos de identificação. Gilroy expressa com perfeição esse pensamento:

“As identidades parecem invocar uma origem que residirá em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a

produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem somos nós” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “com nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (GILROY, 1994 – apud. Hall, 2000, p. 108)

A comunidade negra, enquanto movimento coletivo de afrodescendentes, tem incessantemente buscado novas formas criativas e inteligentes de fortalecer sua identidade, inspirando-se em suas raízes ancestrais e em suas identificações profundas, tanto conscientes quanto inconscientes.

Suas vivências inigualáveis enquanto sujeitos de origem africana no Brasil, e cada vez com mais conectado com o processo de aprendizado da ancestralidade africana, tem cultivado abordagens inovadoras para apreciar a experiência individual do ser negro, como um elemento crucial da condição humana, favorecendo a promoção da saúde psíquica de cada pessoa negra.

2- CORPO HUMANO: UMA IDENTIDADE VISÍVEL DA PESSOA NEGRA



Direitos autorais de Vinicius Silva

Do ponto de luz onde se origina o universo,
eu sou átomo integrante
Do ponto de luz onde se origina todas as coisas,
eu sou um objeto
Do ponto de luz onde se origina o amor,
eu sou querida
Do ponto de luz onde se origina a harmonia,
eu sou o equilíbrio
Do ponto de luz onde se origina o som,
eu sou a música
Do ponto de luz onde se origina o calor,
eu sou vida.

Argonauta - Maria Beatriz Nascimento [1985]

O ser-humano é composto por três dimensões e, neste capítulo, vou me aprofundar nelas, que bem a ser: biológica, psicológica e sociológica. No caso da pessoa negra, essas dimensões são diferenciadas.

(I) *Corpo humano: uma perspectiva biológica, psicológica e sociológica*, em que procuramos entender através de uma dimensão multidisciplinar compreender os elementos que corroboram com o processo de construção do corpo na sociedade, desde a sua constituição biológica até suas psicossociologias, que são definidoras das corporeidades humanas.

Na perspectiva biológica, o corpo humano será apresentado enquanto anatomia e fisiologia a partir do menor ser vivo do planeta: a célula. Essa estrutura desempenha sofisticados processos que são fundamentais para a manutenção da vida do corpo, atuando de modo conectado e interdependente. Fonte de estudos de biólogos, médicos, geneticistas, e profissionais com enfoque de trabalho no campo da Biologia, a célula também é objeto de interesse de todos aqueles que desejam ampliar seus conhecimentos sobre a menor estrutura viva do planeta, presente em cada um de nós. Como aporte teórico, utilizamos a obra “O que é a vida? – Compreendendo a Biologia em cinco passos” (2019), do biólogo, geneticista, professor e prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina, Paul Nurse, e a obra “Biologia da Crença: o poder da consciência sobre a matéria e os milagres”, do pesquisador, professor e escritor Bruce Lipton, com a obra “A Biologia da crença: o poder da consciência sobre a matéria e os milagres”, fazendo um aporte para importância do meio

físico para a adaptação e sobrevivência celular .

Pela perspectiva psicológica, o corpo será elucidado em sintonia com as conexões estabelecidas com a psique, a partir das contribuições da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Baseada em uma interpretação que se afasta da concepção cartesiana de corpo e mente como entes individualizados e potencialmente separados. Assim, corpo e mente se apresentam em intimista colaboração para a formação das subjetividades da pessoa humana, assim como sua vida coletiva e simbólica.

Na perspectiva sociológica, o corpo será elucidado a partir das concepções que fornecem subsídios para a construção social do corpo e das corporeidades humanas, sua dimensão física e simbólica, e que se entrelaça com os ares da sociedade e da cultura. Esse complexo de representações do corpo, que tem relevância para essa pesquisa, terão o aporte teórico das contribuições do sociólogo, antropólogo e professor francês David Le Breton, em que o autor oferta uma análise significativa aos estudos socioantropológicos do corpo.

Essa análise individualizada do corpo foi fundamental para uma compreensão mais assertiva dos processos subjetivos e coletivos dos negros no Brasil, que serão analisados no próximo subcapítulo.

(II) Um corpo negro: identidade sócio-histórica da pessoa negra no Brasil, buscou-se uma correlação entre os componentes biológicos, psíquicos e sociais a partir da experiência do corpo negro na construção de suas identidades e identificações, em uma tentativa de abarcar as dimensões psíquicas e socioantropológicas do corpo e corporeidade negra.

Procuramos, nesse momento, por um entendimento mais fidedigno a realidade corpórea da pessoa negra, na busca por novas compreensões que sigam atreladas às incansáveis ações que foram desenvolvidas em prol da valorização dos movimentos de uma conscientização da pessoa negra;

(III) : *O corpo negro no Brasil de hoje: dados da população negra brasileira*, como pano de fundo para esse entendimento de quem é a pessoa negra no Brasil, traz um compilado de dados e fontes de pesquisas, que expõe a situação vivenciada pela população negra no Brasil, em especial, no período

da pandemia do Covid-19, assim como a situação macroespacial do corpo negro no Brasil atual, suas realidades e desafios.

Como bibliografia, foram utilizadas as seguintes obras de: Maria Beatriz Nascimento (1985); Le Breton (2002); Gilberto Freyre (2006); Alex Ratts (2006); Bruce Lipton (2007); Paolo Pieri (2009); Jung (2013) e (2015); Jessé Souza (2017) e (2019); Lubi Prates (2019); Kabenguele Munanga (2019) e (2020); Neusa Santos (2021); Paul Nurse (2021), assim como outros referenciais para a fundamentação do capítulo.

2.1 Perspectivas analíticas do corpo humano: biológica, psicológica e sociológica.

2.1.2 O corpo humano: uma perspectiva analítica biológica

O corpo humano é uma estrutura de altíssima complexidade. Na espécie *Homo Sapiens*, o corpo apresenta a mesma estrutura celular e metabólica, seja em um amarelo africano de Camarões, um negro europeu da Alemanha, ou ainda, um branco oriental da China.

A pele, os músculos, os nervos, os órgãos, tecidos e sistemas são elementos que dão vida ao corpo, e tendem a apresentar atributos que se assemelham (tamanho e formato dos órgãos, por exemplo). Os processos biológicos e químicos tendem a serem os mesmos, desde que não haja deficiências provenientes de desajustes anatômicos e/ou fisiológicos, ou mesmo, psicossomáticos.

Para a compreensão dos componentes biológicos do corpo humano, faço o convite ao leitor para mergulharmos no universo da Biologia, a partir das reflexões de Paul Nurse e Bruce H. Lipton. Nurse dedicou sua renomada carreira a desvendar o funcionamento das células vivas, a partir de seus intensivos estudos com a levedura¹⁷, foco de seus anos de dedicação científica.

¹⁷ As leveduras são fungos geralmente unicelulares, de tamanhos (de 1-5 µm de diâmetro a 5-30 µm de comprimento) e formas variados. Apresentam características de seres eucarióticos. Têm membrana citoplasmica lipoprotéica a qual, regula as trocas com o meio ambiente.

Lipton é um estudioso, pesquisador e experimentador científico, com estudos pioneiros no campo de epigenética. Em acordo com seu pensamento, "as células são a unidade básica da vida. São entidades vivas individuais." (NURSE.2021.p.185), e com exceção dos vírus, todos o ser vivo apresenta ao menos, uma célula. Enquanto organizações microscópicas ou não, são responsáveis por toda a unidade estrutural e funcional dos seres vivos.

Podemos dizer que a célula, de maneira bastante resumida frente sua complexidade, tem a capacidade de promover a atividade metabólica através de sofisticados processos físico-químicos, além da responsabilidade por armazenar toda a informação genética transmissível.

De modo mais científico, a história do estudo das células se inicia no século XVII. Diante das primeiras observações da célula¹⁸, inúmeros cientistas se debruçaram sobre os estudos da composição celular. Dentre esses, merecem destaque Anton van Leeuwenhoek (1632-1723), o inglês Robert Hooke (1635-1703) e os alemães, Theodor Schwann (1810-1882), assim como Matthias Schleiden (1804-1839). (NURSE,2021).

O fisiologista holandês Anton van Leeuwenhoek, reconhecido por suas contribuições a capacidade de melhora das análises realizadas por microscópio, fez o relato das primeiras bactérias descritas, chamadas por ele de animáculos. Através do microscópio simples (composto por apenas uma lente), Leeuwenhoek conseguiu identificar essas pequenas formas unicelulares de vida que, juntamente com os fungos, são responsáveis por uma série de reações necessárias a manutenção e sobrevivência do corpo (NURSE, 2021.pos.140).

Neste mesmo período, o cientista experimental inglês Robert Hooke traz a invenção do microscópio composto (que utiliza duas lentes), algo extremamente revolucionário para o período. O pesquisador fazia uso do equipamento para suas observações em cortes de cortiça, que hoje nos é conhecido como parede celular vegetal. E suas observações constantes, Hooke viu as paredes celulares mortas da cortiça, e observando essas pequenas cavidades que recordavam

¹⁸ A palavra "cellula" foi utilizada pela primeira vez em 1655 pelo cientista Robert Hook, ao analisar em um microscópio primitivo uma peça de cortiça, verificando que esta era composta de pequenas cavidades semelhantes a uma cela, daí o nome "célula". [fonte: <https://uab.ufsc.br/biologia/files/2020/08/Biologia- Celular.pdf> - pp.7. – acessado em 09/10/2022]

pequenas celas, e as conceituou com a terminologia célula. Somente dois séculos depois da descoberta de Hooke, os representantes do universo da pesquisa na Alemanha, o zoólogo Theodor Schwann e o botânico Mathias Jacob Schleiden conseguiram identificar uma célula viva. A partir de suas investigações em tecidos animais e vegetais e uso de microscópios mais modernos, foi possível chegar as seguintes conclusões:

1) todos os seres humanos são compostos por células; 2) a célula é a unidade básica da vida (NURSE, 2021.pos.149).

Definidas em células procariontes¹⁹ e eucariontes²⁰, cada elemento que compõe a unidade celular tem uma função específica frente a adaptação e manutenção da vida. Os elementos centrais pertencentes a toda célula (membrana plasmática, citoplasma e material genético), são compostos por outras pequenas partes, que realizam as funções que irão permitir que essa estrutura viva possa realizar os processos físico-químicos. Tal informação foi de vital importância para a compreensão do sistema organizacional da célula, dando origem ao que entendemos hoje como teoria celular.

Nurse destaca um importante elemento da composição celular (Núcleo), que desempenha inúmeras funções, fato que confere a ele a função de guardião da informação celular. A partir da presença do DNA (ácido desoxirribonucleico), as células são capazes de sintetizar e processar os diferentes tipos de RNA (ácido ribonucleico). Assim, o núcleo age como o organizador das proteínas, compondo a estrutura da célula e atuando diretamente no comportamento e funcionamento, transmitindo ações e reações fundamentais ao equilíbrio da vida celular (NURSE, 2019.pos.334).

¹⁹ Células procariontes são caracterizadas por não apresentam material genético envolto por uma membrana nuclear, ou seja, por não apresentarem núcleo definido. Essas células também não apresentam organelas celulares membranosas, tais como complexo golgiense e retículo endoplasmático. Como exemplo, as bactérias e cianobactérias.

²⁰ As células eucariontes são caracterizadas por possuem material genético envolto pela membrana nuclear, ou seja, essas células apresentam um núcleo verdadeiro. Nelas é observada a presença de organelas membranosas. Essas células podem ser encontradas nos protozoários, fungos, animais e plantas.

Bruce H. Lipton, um dos fundadores dos estudos em epigenética, área que explora como os estímulos ambientais têm o poder de influenciar os genes, ativando alguns e silenciando outros. Por meio dessa ciência, busca-se

compreender como nossas experiências podem causar mudanças significativas em nosso organismo, sem necessariamente alterar nosso código genético.

Em um de seus “best-sellers” intulado *A Biologia da Crença: o poder da consciência sobre a matéria e os milagres* (2007), Bruce apresenta várias observações decorrentes de suas pesquisas, que se baseiam na fascinante área da epigenética. Enquanto por muito tempo acreditou-se que apenas os genes transmitiam as características biológicas de uma geração à outra, agora sabemos que modificações epigenéticas - alterações no genoma que não afetam a sequência do DNA - também desempenham um papel fundamental nesse processo. É interessante notar como a visão tradicional está sendo gradualmente substituída por uma compreensão mais complexa e dinâmica.

Diante de seu pensamento, Lipton (2007) atribui uma dimensão para a criação da vida celular à membrana plasmática, ou plasmalema, que funciona como uma cerca protetora que abraça e define todo o território celular. É o guarda fronteiriço que separa o interior celular do mundo exterior. Além disso, desempenha um papel crucial controlando o tráfego de substâncias que entram e saem da célula, como um regulador aduaneiro.

A membrana plasmática é uma mistura habilidosa de lipídios e proteínas, fazendo jus ao seu nome de composição lipoproteica. Como resultado, a membrana plasmática exibe uma organização exímia, em que os lipídios e as proteínas em perfeita harmonia permitem que ela se adapte e flutue, permitindo um funcionamento profissional e eficiente, em uma correlação entre a estrutura lipoproteica e a notável flexibilidade e fluidez da membrana.

Segundo Lipton (2007), as proteínas são as grandes responsáveis por toda ação de engenharia e estabelecimento de ligação com outras proteínas, onde as proteínas citoplasmáticas cooperam entre si para criar funções fisiológicas específicas por grupos, que são identificados por suas funções, utilizando os movimentos da membrana plasmática para o metabolismo e comportamento.

As células, intrinsecamente ligadas e interdependentes, possuem a habilidade de se comunicar com seu entorno, trabalhando incansavelmente para manter e controlar seu meio interno, enquanto desorganizam seu ambiente

externo, proporcionando um local propício para a existência e sustentação de outras células. Sem essa colaboração em equipe, o desenvolvimento da vida vegetal e animal em nosso planeta seria algo inimaginável.

O meio ambiente possui um poder surpreendente de causar modificações epigenéticas na célula, de forma extraordinária. Diversos aspectos como alimentação, comportamento, estresse, exercícios, hábitos de trabalho e consumo compõem o conceito de estilo de vida, e implicam em um constante trabalho de adaptação celular.

O modo de vida é influenciado tanto por fatores genéticos quanto pelo ambiente em que estamos inseridos, e os processos epigenéticos têm se mostrado cada vez mais relevantes em diversos fenômenos relacionados as modificações celulares necessárias a sobrevivência celular, fato tal que nos levar a concluir que o ambiente desempenha um papel crucial nos processos celulares, assim como os processos psicossociais vivenciados pela pessoa humana.

2.1.3 O corpo humano: perspectiva analítica psicológica

A Psicologia busca trazer inteligibilidade aos processos desenvolvidos pela mente, e que reverberam sobre o indivíduo enquanto corpo. Ela começou como um ramo da filosofia e suas origens remontam à Grécia antiga, entre 400 e 500 anos a.C. Já no século XVII, em um tempo em que as ideias de Descartes exerciam forte influência filosófica sobre os enigmas da psique, corpo e mente eram vistos dentro dos estudos psicológicos como entidades distintas, embora situadas no mesmo complexo corpóreo.

Já no final do século XIX e início do século XX, a psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939) buscou romper com essa lógica fruto da linguagem positivista dos séculos anteriores, operando uma ruptura epistemológica que buscava mostrar um corpo de caráter mais maleável. Os estudos sobre histeria nascem dessa concepção corporal. Em um jogo sutil com o inconsciente, o autor permitiu-se pensar a corporeidade, até certo ponto, pelas relações sociais e as inflexões da história pessoal do sujeito. (LE BRETON,2002. p.18).

Como afirmou Freud (1923/1976), o ego é, primitivamente e antes de

tudo, um ego corporal.

Na perspectiva da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, o conceito de corpo é compreendido como essencialmente o elemento vivo, aquele que possibilita a conexão com os seres viventes, a partir de seus processos internos e externos. Assim, o corpo pode ser interpretado como sistema de matérias (células) que ofertam a pessoa humana a permissão de adentrar ao universo dos seres humanos. Partindo desse entendimento, o corpo é um agente celular responsável por trilhar o caminho da pessoa humana dentro da sociedade.

O corpo é um sistema de unidades materiais adaptado aos escopos da vida e intrinsecamente coerente, e como tal uma aparência, captável pelos sentidos, do ser vivo, ou, para exprimir-me de modo mais simples, uma oportuna ordenação da matéria que torna possível existência do ser vivo (PIERI,2009.p.133).

Postos em uma visão de contrários, que se concretiza como característica da psicologia junguiana, a psique ou alma se apresenta, em seu primeiro momento, como uma relação de dualidade com o corpo, onde o corpo é compreendido como uma entidade com independência e autonomia a alma.

Nessa tensão entre os opositos, Jung faz uma equiparação entre corpo e inconsciente com alma e consciência, sendo possível designar o corpo como uma “máquina” que caminha por si mesma, de modo autômato:

Psique e corpo são um par de contrários, e como tal são a expressão de um ser cuja natureza não é cognoscível, nem mediante a imediata percepção material nem a imediata percepção anterior. (Pieri,2009. p.33)

Embora o corpo seja visto, até certo ponto, em uma relação de dualidade com a alma (psique), Jung faz crítica ao reducionismo da relação corpo-psique, estabelecida a partir de linhas de pensamento que classificam o corpo como uma entidade separada da alma. Ainda segundo Jung, (citado por Pieri, 2009), a psique é composta de vários sistemas, onde os aspectos conscientes/inconscientes dão a narrativa da vida corpórea. Processos míticos, biológicos, psíquicos e sociais materializam a personalidade e formam a compreensão holística da vida humana, em conjunto com os arquétipos e complexos. Desse modo “o corpo é uma forma particular de experiência ou um modo de ser que tem um caráter específico ao lado de outras experiências e de outros modos de ser”. (PIERI,2009.p.132)

Pensar o corpo como produto da interpelação que este estabelece com a alma (e vice-versa) é fundamental para a compreensão desse sistema integrado de opostos. O corpo só pode ser compreendido em sua totalidade vital se forem acrescidos os aspectos indispensáveis da psique, que possibilita aquilo que denominamos vida. “Trata-se, com efeito, de pensar no corpo e na psique como duas “representações de objeto” que surgem através - e junto – de duas perspectivas diversas que se inter-relacionam” (PIERI,2009. p.133 – grifo nosso).

2.1.4 O corpo humano: perspectiva analítica sociológica

Diante de uma ciência que interpreta a dinâmica dos corpos em uma visão macroscópica, as Ciências Sociais por tempos se abdicaram das interpretações científicas mais profundas a respeito do corpo e da corporeidade, classificando apenas como um componente necessário frente a gigantesca engrenagem social.

Émile Durkheim (1858-1917) ao pensar os pressupostos metodológicos da Sociologia, trouxe em suas análises uma série de analogias com o corpo humano, inclusive ofertando o nome de Sociologia Durkheimiana Funcional. Tal ideia faz uma analogia ao próprio corpo humano, que a partir de cada célula, cada órgão, cumpre uma determinada função na estrutura corpórea, assim como cada instituição cumpre um definido papel dentro da sociedade. Buscou superar o positivismo de Augusto Comte, delineando os aspectos básicos e metodológicos em um contraposto ao conhecimento filosófico da sociedade.

Na visão da Sociologia Durkheimiana, cada fato social²¹ desvela uma observação empírica de fatos, ou seja, passíveis de uma realidade objetiva de pesquisa. Dentro dessa lógica de pensamento, o todo se revela mais importante que o individual, não dando espaço uma compreensão psicológica

²¹ O fato social, segundo Durkheim, consiste em maneiras de agir, de pensar e de sentir que exercem determinada força sobre os indivíduos, obrigando-os a se adaptar às regras da sociedade onde vivem. No entanto, nem tudo o que uma pessoa faz pode ser considerado um fato social, pois, para ser identificado como tal, tem de atender a três características: generalidade, exterioridade e coercitividade. (<http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=167> acessado em 15/09/2022)

das subjetividades de cada indivíduo. Sendo exteriores ao indivíduo, a interação desses fatos é que propiciariam a existência da sociedade, onde cada instituição (Estado, Escola, Família, entre outros) cumprem uma função social, que engendram o complexo sistema de funcionamento da sociedade.

Avançando nessa discussão, o sociólogo e antropólogo francês Marcel Mauss (1882-1950), que era sobrinho de Durkheim e foi seu sucessor na revista *L'Année Sociologique*²², fez importantes contribuições no desenvolvimento da temática do corpo e da corporeidade dentro da Sociologia. Em sua obra *Ensaio sobre a dádiva* (1932), Mauss apresenta a partir de experiências arcaicas de povos originários a importância dos sistemas de câmbios na sociedade, que se desvela sobre a tríade do “dar-receber-retribuir”. Visto como uma obrigação moral, acima das vontades individuais, a “teoria da dádiva” se fundamenta nas experiências de solidariedade e propiciam um mantimento de uma ordem de coerção coletiva, ainda que o autor entenda que os membros da sociedade podem escapar dessa obrigação moral coletiva, por possuírem características subjetivas e próprias. (MARTINS, 2005).

Diante dos processos pedagógicos pautados em experiências e aprendizados, de maneira consciente ou não, o corpo estrutura-se como uma máquina, tornando o instrumento para a vida. O canal de conexão entre o corpo e o mundo se desenvolve de maneira individual e coletiva, baseado no simbolismo e associação dos membros de cada sociedade. Este passa a ser o elemento que produz a (re)organização da vida moderna. (LE BRETON, 2002)

Diante dessa necessidade de (re) organização, as técnicas corporais apresentam características sociais que, assim como o ato mágico, religioso ou simbólico, são desenvolvidos no seio das culturas. Com suas peculiaridades, semelhanças e modos de associação, as técnicas corporais influem e são influenciadora da moralidade, valores, crenças, dando aspectos próprios a qualquer dada sociedade. (LE BRETON, 2002)

Diante desse corpo revestido de características intrínsecas e extrínsecas, as técnicas corporais surgem como possibilidade de participação

²² Importante revista acadêmica para divulgação de pesquisas de caráter sociológico.

nas práticas e gestos codificados (ou não), moldados a partir que o autor define como “habitus cultural”²³. É nesse universo que o corpo físico busca compreender e adaptar as conexões que são apresentadas no âmago da sociedade, e que moldam em uma linha de aprendizados sociais, sua maneira de sentir e interpretar o mundo.

Com o avanço das Ciências Sociais como disciplina científica, o corpo passa a ser objeto de estudo de outros pesquisadores, em especial pelas contribuições ofertadas pelos trabalhos antropológicos a partir dos anos 1970.

Dentre estes pensadores, destacamos o sociólogo e antropólogo David Le Breton, dedicado estudioso no campo do corpo e corporeidade. O pesquisador busca uma compreensão da dimensão socioantropológica do corpo, enquanto um agente social, sem perder a visão do corpo na sociedade a partir de seus sentidos, paixões, rostos, peles. Nas palavras do autor, “la existencia es, en primer término, corporal²⁴” (LE BRETON,2002. p.7), ofertando uma dimensão filosófica acerca das experiências vivenciadas pela pessoa humana a partir do corpo e da corporeidade.

Na obra *La Sociología Del Cuerpo*²⁵ (2002), Le Breton aponta para um caminho de pesquisa construído a partir da interdisciplinaridade, uma vez que o fenômeno da corporeidade é complexo e precisa ser analisado por outros fatores de ordem fisiológica, psicológica e sociológica.

Como estão entrelaçadas umas nas outras, o autor sugere como tarefa para a Antropologia e Sociologia a compreensão do corpo como estrutura simbólica, acrescido das representações sociais, imaginário, moral, limites legais, entre outros, que funcionam como variáveis que definem a experiência do corpo na sociedade.

²³ Pierre Bourdieu diz que o conceito de *Habitus* surge então como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais. Capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades. *Habitus* é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano. (SETTON, 2002)

²⁴ A existência é, em primeiro momento, corporal – tradução livre.

²⁵ A Sociología do Corpo – tradução livre

Abastecido por inúmeros marcadores sociais e simbólicos, o corpo é designado ao encontro de uma gama de aprendizados, semeados no âmbito da cultura, e que definem "la expresión de los sentimientos, las convenciones de los ritos de interacción, gestuales y expresivos, la puesta en escena de la apariencia, los jugos sutiles de la seducción, las técnicas corporales"²⁶. (LE BRETON, 2002.p.39).

Le Breton destaca a importância da análise social do corpo, apontando para a compreensão do corpo como estrutura simbólica influenciada por marcadores sociais que moldam os comportamentos das pessoas e corroboram com o modo técnico de como o corpo se comporta na sociedade. Já a corporeidade humana é atravessada por uma série de variáveis que influenciam as técnicas corporais, não apenas definem nossa interação social, mas também demonstram como desenvolvemos habilidades para sobreviver tanto individualmente como coletivamente.

2.2 Corpo preto: uma identidade sócio-histórica da pessoa negra no Brasil

Minha pele é meu quarto
minha pele é todos os cômodos
onde me alimento
onde deito finjo
o mínimo conforto.
minha pele é minha casa
com as paredes descobertas
uma falta de cuidado:
necessita sempre mais
para ser casa.
minha pele não é um estado
desgovernado.
minha pele é um país
embora distante demais para os meus braços
embora eu sequer caminhe sobre seu território
embora eu não domine
sua linguagem.
minha pele não é casca
é um mapa:
onde África ocupa todos os espaços:

²⁶ A expressão dos sentimentos, as convenções dos ritos de interação, gestuais e expressivos, a encenação da aparência da aparência. Os jogos sutis de sedução, as técnicas corporais – tradução livre.

cabeça útero pés
onde os mares são feitos de
minhas lágrimas.
minha pele é um mundo
que não é só meu.

Um corpo negro - Lubi Prates (2019)

O tópico: *Um corpo negro: identidade visível da pessoa negra*; buscou trazer aspectos psicossociais da experiência do ser negro na sociedade brasileira, assim como dados de fontes de pesquisas que visam uma explanação mais fidedigna da situação da pessoa negra na sociedade brasileira atual.

Com nossos contornos culturais próprios, o Brasil desenvolve todo o seu conjunto de representações sociais e imagéticas, elaborando, sofisticando e conduzindo artifícios que atuam nas definições do corpo negro, seja pela pessoa negra, seja por outrem.

Buscando uma compreensão que abarque as variabilidades da experiência negra no Brasil, nos abastecemos das referências bibliográficas de autores como Neusa Santos, Beatriz Nascimento, Lubi Prates, Kabenguele Munanga, e outros pesquisadores negros do Brasil.

Estudando, ao mesmo tempo que vivenciam tais representações sociais, esses intelectuais fortalecem o trabalho de trazer inteligibilidade sobre a complexidade das forças cooptadoras que fomentam as incorporações simbólicas e imagéticas, a partir da experiência do seu próprio corpo, trazendo inteligibilidade aos códigos que ateiam a ordem psíquica e social de toda a população negra do Brasil, e quiçá, no mundo.

As amalgamas de um processo de escravização não finalizado, sustentados e atualizados pelo racismo, desempenham um enorme papel no modo de ver e ser visto da pessoa negra, com reverberações psicológicas e sociais. As consequências da associação branquitude²⁷ e racismo é a catástrofe

²⁷ Trata-se de uma obra de referência nos estudos das relações raciais no Brasil, na qual a psicóloga Cida Bento denuncia os privilégios e questiona a universalidade da branquitude e suas consequências nocivas para qualquer alteração substantiva na hierarquia das relações raciais na nossa sociedade.

que se expressa em dificuldades de saúde de ordem geral da população negra e, associados com outros problemas, levam a uma má qualidade de vida e a mortandade dessa população.²⁸

Construídas na História do país e da própria pessoa, as artimanhas desenvolvidas pelo corpo negro, desde sua sobrevivência ao enfrentamento da cultura do embranquecimento, percorreu caminhos complexos e antagônicos. A assinatura da Lei Áurea não foi o suficiente para a real integração do corpo negro na sociedade brasileira, e as políticas de proteção do Estado se mostraram incapazes de solucionar o novo problema social do negro ex-escravizado.

Com a Proclamação da República, no ano de 1889, que resultou de uma insatisfação dos militares e elites dominantes com a Monarquia, as cidades cresciam e novos grupos sociais se estabeleciam, introduzindo o país na nova era capitalista.

No final do século XIX e início do século XX, as ideias liberais importadas que dominavam o período consideravam negros e índios inaptos a nova ótica capitalista de trabalho, camuflando o sentido da discussão dos reais problemas do país. Um dos mais graves deles, as sequelas da escravização e negação de direitos da pessoa negra e indígena.

Havia um real interesse por parte das elites no processo de branqueamento da sociedade, e consequente manutenção da população negra e indígena no status de escravização pós Lei Áurea. Acreditava-se que a vinda desses grupos europeus brancos para o Brasil, com o passar dos tempos, geraria uma melhora biológica e moral nas populações mestiças e negras.

Como solução para tal questão, a política de imigração de brancos europeus buscava atender as demandas de trabalho existentes, ofertando terras e pecúlios para a alocação desses grupos em solo brasileiro, relegando por completo a gigantesca população de ex-escravizados.

²⁸ A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2013 trouxe dados que mostram que a população negra ainda tem menos acesso à saúde se comparada à população branca. Entre os dados que revelam a posição desfavorável dos negros em diversos aspectos da saúde medidos pela PNS e também por outras pesquisas e indicadores do Ministério da Saúde na Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. (https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra_3d.p.14 acessado em 22/12/2022)

A imediata consequência dessa política de trabalho foi a intensificação e agravamento dos problemas sociais das populações negras como a fome, falta de moradia, trabalho informal e precário, aumento da mendicância, abandono de crianças e adolescentes, aumento do número de crianças na rua e prática de pequenos furtos, que passam a fazer parte do cotidiano da sociedade urbana do início do século XX.

É no processo pré-industrial brasileiro que se difunde a ideia de construção de um sentimento de identidade nacional²⁹, pautados a partir dos processos de miscigenação no Brasil. Em uma sociedade segmentada pela opressão das máculas da escravização, e do racismo, a tese era o motivo perfeito para a introdução do Brasil na nova era capitalista, sem discutir e modificar a ordem vigente escravagista, que agora se apresenta no campo do trabalho como mão de obra livre e barata (JESSE, 2017). Diante da camuflagem desse grave problema, e vendendo ao mundo a ideia de um país onde as relações raciais se deram de maneira pacífica e harmônica, Gilberto Freyre (2006) foi o principal difusor dessa ideia, a partir de sua obra magna *Casa-Grande & Senzala* (2007).

Segundo Jessé (2019.p.29) foi “Freyre quem sistematizou e literalmente construiu a versão dominante de identidade nacional, em um país que, antes dele, não tinha construído nada realmente eficaz nesse sentido”. Adepto do conceito de identidade luso brasileira, que atribui aos portugueses as benefícies da experiência do encontro entre brancos, negros e índios no Brasil, que ele define como um congraçamento de raças e culturas.

Sem tocar nas chagas deixadas pela escravização, e pelos processos violentos de miscigenação na sociedade brasileira, Freyre exime-se de fazer uma crítica ao modelo de patriarcado secular brasileiro (grupo do qual sua origem mostra que ele faz parte), fazendo que “a opressão tende a ser

²⁹ “A partir de Casa Grande Senzala, a noção de “raça” cederá lugar à noção de cultura. Publicado em 1933, é ainda hoje o livro mais lido do conjunto da obra de Freyre. Enfatizando a importância da cultura, em detrimento da biologização, o autor apresentou um projeto de identidade nacional baseado na mestiçagem e considerou cada matriz racial portadora de qualidades que foram se perdendo, não devido a atavismos biológicos, mas sim devido a problemas e carências sociais.” (SENRA, 2018)

cada vez menos contra os escravos”, que hoje se apresentam como os pobres do país, mediante sua aceitação de tornar-se “cada vez mais portadores de valores europeus, sejam eles de qualquer cor [...] pobres, africanos e índios”. (SOUZA, 2017.p.60 – grifo Noso).

Apesar da fajuta tentativa de solução desse grave problema, refutada em especial pelas pesquisas da Unesco sobre relações raciais no Brasil, na década de 1950, a identidade nacional (pensada aos moldes de Freyre) não se consolida para a população negra, pois não há uma construção de uma consciência coletiva pautada na equidade, capaz de incluí-los na nova ordem vigente, em situação de igualdade.³⁰

A construção do processo de identidade do negro nesse ambiente torna-se extremamente duro. Por mais que houve inúmeros mecanismos de defesas, diferentes matrizes agiam com poderosas forças, criando uma ação inibidora no processo cognitivo da psique dos ex-escravizados, assim como seus descendentes, atingindo de forma aguda seu processo de reconhecimento enquanto pessoa humana negra (Mattoso, 2016).

A psiquiatra, psicanalista e escritora brasileira Neusa Santos Souza (1948-2008) é referência em estudos dos aspectos psicanalíticos e sociológicos da população negra, fomentando o debate contemporâneo e analítico sobre o racismo no Brasil. Sua produção acadêmica é leitura obrigatória para o pensamento em psicologia sobre as relações étnico raciais, sobre o processo de “branqueamento” e o sofrimento psíquico dos negros na sociedade brasileira, fundamentados pelo racismo.

³⁰ As investigações em São Paulo ganharam os traços particulares ligados à formação e aos interesses de seus coordenadores, Roger Bastide (1898-1974) e Florestan Fernandes (1920-1995), ambos próximos do militarismo negro e de seus líderes. De maneira geral, as pesquisas conseguiram mostrar a existência do preconceito de raça independentemente do preconceito de classe, e o papel dos preconceitos de cor para a manutenção do *status quo*, contra a ascensão dos grupos negros. Do ponto de vista metodológico, a cooperação entre negros e brancos, entre os pesquisadores da Universidade e as associações culturais e políticas negras, constituiu o coração do projeto, e a marca diferencial da pesquisa realizada por Bastide, Fernandes e seus colaboradores, que conseguiram associar de modo inédito pesquisa científica e intervenção política.
<https://heritage.bnf.fr/france-bresil/pt-br/programa-unesco-article> - acessado em 15/03/2023.

Em sua obra mais conhecida, *Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (2021), que nasce diante de seus estudos para titulação de Mestre em Psiquiatria pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. A autora deu sua importante contribuição na luta contra a discriminação racial e compreensão dos elementos egóicos (pertencentes ao ego) que são determinantes a construção subjetiva e social da pessoa negra.

Souza (2021) parte da orientação lacaniana, onde há uma centralidade da linguagem com ênfase no sujeito e no outro, a psicologia lacaniana busca como objetivo explorar o inconsciente através da fala, com a finalidade de compreender como o inconsciente funciona, assim como a tomada de certas decisões e comportamentos específicos no campo da consciência.

Apropriando-se da linguagem psicanalítica, a autora utiliza as “regras de identificações normativas e estruturantes³¹” como o modelo de identificação que define a mediação entre o sujeito e a cultura. Essas regras são propostas pelos pais para os filhos e se manifesta ainda na fase infantil, a partir de palavras, representações e afetos, que atravessam o universo da criança e do adulto, do sujeito e da cultura.(SOUZA, 2021)

O “ideal do ego é um produto, que nasce e se desenvolve nas interpelações funcionais do corpo, na vida social. Surge como um produto dessas identificações normativas, e está em apta consonância com o investimento erótico do corpo e a construção de seus pensamentos, fortificando o surgimento de uma identidade do sujeito condicionada a um fetiche, que pertence ao universo das pessoas brancas (SANTOS.2021.p.27).

Diante dessa realidade, o “ideal do ego negro” se constitui diante de um contexto social que dita ao sujeito negro que o desenvolvimento do ego seja direcionado pelas identificações normativas dos brancos, onde o ego da pessoa negra se defronta com uma ideia de um fetiche, que a autora define

³¹ Segundo Santos (2009) “A violência racista do branco exerce-se, antes mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro. Este, através da internalização compulsória e brutal de um ideal do ego branco, é obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível com as propriedades biológicas de seu corpo.

como fetiche branco, advindo das construções eurocêntricas que conectam o branco a algo superior (SANTOS,2021). Assim as edificações psíquicas, sociológicas e históricas da pessoa negra brasileira convivem com a negação da sua cor, sua raça, assim como o caminho para a construção de uma identidade coletiva enquanto sujeitos de pele negra.

Com forte efeito nas subjetividades e constructos socio relacionais, o ideal do ego negro, que se baseia nas afinações pelo fetiche branco, leva ao processo de negação da identidade negra, realizável ou atingível. Esse marcador colabora com a psicodinâmica de repúdio do negro a sua cor e raça, em detrimento do ideal branco, afetando diretamente seu corpo físico e simbólico. (SANTOS,2021)

De fato, parece-nos evidente que o ataque à cor e o *close up* de uma contenda que tem no corpo seu verdadeiro campo de batalha. Uma visão panorâmica rapidamente nos mostra que o sujeito negro, ao repudiar sua cor, repudia sua raça. (SANTOS, 2021.p.29)

O corpo negro é exposto ao fruto da violência racista imperada pelo preconceito de cor, onde a relação simbiótica da pessoa negra com seu corpo é construída, muitas vezes, na experiência da dor. A dor faz parte da construção da identidade do negro em África ou nas diásporas, seja mediante o processo violento de tráfico negreiro, suportado por nossos ancestrais, seja diante de todas as mazelas impostas pela escravidão até os dias atuais. (SANTOS, 2021)

A pessoa negra precisa conviver com a imposição de uma cultura branca de aspiração europeia, que busca imputar suas crenças e valores supremacistas, que atingem de forma aguda o processo de reconhecimento enquanto pessoa humana negra e íntegra.

A pesquisadora, poetisa e psicóloga Lubi Prates, ganhadora do Prêmio Jonathas Salathiel de Psicologia e Relações Raciais, pelo Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, nos presenteia com o livro: *Um Corpo Negro* (2019), onde poeticamente descreve seu processo de identidade e reconhecimento como uma pessoa negra, a partir de manifestações físicas representadas por seu próprio corpo.

E ainda que eu trouxesse para este país
meus documentos meu diploma
todos os livros que li
meus aparelhos eletrônicos
ou minhas melhores calcinhas
só veriam meu corpo
um corpo negro.
(PRATES, 2019, p. 28-9)

Na obra (2019), a autora aponta para um modo de identidade que se expressa por meio das características pessoais. O corpo negro, enquanto identidade visível da pessoa negra, revela um poder de comunicação que não exige palavras, em que a sua capacidade de perceber e ser percebido se dá, também, pela cor da sua pele e seus traços negroides.

A expressão “só veriam meu corpo, um corpo negro”, atenta para as representações imagéticas do corpo negro pelo olhar do outro, um olhar esbranquiçado, que tenta nos despojar toda a história experienciada por nossa trajetória pessoal e coletiva, e que possibilita que eu aqui esteja, no hoje e no agora. Contudo, esse olhar pode desabrochar, também, por uma série de informações conscientes e inconscientes, culturais, sociais, afetivas e simbólicas, que possibilitem ao corpo negro uma experiência fidedigna com sua corporeidade, como espaço de amor e acolhimento (PRATES,2019).

Com sua escrita emancipatória e sensibilidade feminina, e recheada de potencialidade negra, Prates nos convoca para a um processo de desconstrução da representação inferiorizada sobre o corpo e a corporeidade negra, conduzindo a razão uma nova apreensão das singularidades corporais que tornam as pessoas de pele negra, únicas.

O corpo negro atravessa os redemoinhos da história brasileira respaldado em sua capacidade de assimilação das informações impostas pelo constructo social, assim como capacitando e reorganizando sua energia psíquica em prol de conhecimentos que visem aperfeiçoar a relação da pessoa negra com o seu corpo e suas subjetividades e coletividades.

Atingindo novos níveis de inteligibilidade sobre seu corpo e sua história, a pessoa negra alcança novos patamares de harmonia consigo mesma. O

conhecimento das antigas civilizações, da história dos países de África como formuladores da nossa ancestralidade, dos quilombos, as resistências negras enquanto movimentos pelas mais diversas regiões do Brasil, as revoltas e insurreições são fontes de reconexão com o fabuloso legado negro, operacionalizadas de maneira individual e/ou coletiva, na história do Brasil (MUNANGA, 2019).

Outros exemplos como a Frente Negra Brasileira, o Teatro Experimental do Negro, a resistência negra na ditadura, assim como os vários movimentos de mulheres negras, nos traz a capacidade de ressignificar as imagens construídas no imaginário social, ultrapassando a negação da figura da pessoa negra, colocada em um patamar de inferioridade pelo processo de racialização, numa tentativa de anulação da imensa contribuição ofertada pela população negra, enquanto agentes de transformação na sociedade brasileira (MUNANGA, 2019)

A historiadora, professora, roteirista, poeta e ativista pelos direitos humanos de negros e mulheres brasileiras, Maria Beatriz Nascimento (1942-1995) tornou-se influente nos estudos das relações raciais no Brasil, trazendo sempre em suas análises contribuições das temáticas da história do quilombo, raça, racismo e sexismo, assim como o corpo e as corporeidades do negro, a partir de sua própria história pessoal. Sua abordagem traz componentes socioespaciais das relações africanos/as e descendentes, e a direta vinculação com o continente africano e suas culturas.

Na obra de Alex Ratts, *Eu Sou Atlântica – sobre a trajetória de vida de Maria Beatriz Nascimento* (2006), o autor dialoga com a obra publicizada de Beatriz, por meio das temáticas e conceitos nos quais a pesquisadora debruçou-se em seu tempo de vida. De maneira fundamentada e didática, o autor destrinhou elementos da complexidade do pensamento de Beatriz, e que ofertam subsídios para uma melhor compreensão da pessoa negra no Brasil.

Segundo Ratts (2006.p.65) “para Beatriz Nascimento o corpo negro se constitui e se redefine na experiência da diáspora e da transmigração”, abarcando como concreto as experiências transatlânticas entre o continente americano e africano, e posteriormente pelo deslocamento regional realizado

pela população negra dentro do Brasil. Essa característica transeunte faz com que o corpo negro suscite inúmeras imagens acerca de suas experiências e modos de sociabilidades, aos quais se defrontaram na constituição da sua história pessoal e coletiva.

Ainda segundo Ratts (2006), para Nascimento a “identidade-documento” é o próprio corpo negro que se encontra na diáspora, sendo o instrumento no qual encara as travessias historicamente negadas a ele, impelido enquanto condição individual de liberdade. Enquanto construção coletiva, se constrói na ideia de ser negro e território negro, onde os corpos negros possam criar um espaço apropriado que impulsiona seu movimento, vivenciem seu quilombo, seu modo de pertencer a negritude.

O significado do quilombo, nas palavras de Beatriz Nascimento (apud. RATTI, 2006. p.59), “não é mais o território geográfico, mas o território a nível de uma simbologia”, onde o negro tem “direito ao espaço que ocupa dentro do sistema, dentro dessa nação, dentro desse nicho geográfico”, assim como um espaço de reconhecimento entre seus integrantes, “em busca de um tempo/espacoo de paz”.

Em consonância com as palavras de Ratts (2006.p.63), “o que nos interessa no pensamento de Beatriz é a interrelação entre corpo, espaço e identidade, que pode ser refeita por aquele que busca tornar-se pessoa (e não coisa)”, onde as identidades negras possam imprimir novas formas e ressignificações contra o discurso hegemônico eurocêntrico, este convocador do embranquecimento sociocultural.

As características fenotípicas, que geram a identidade visível da pessoa negra no Brasil, e no mundo, fomentam o contíguo de predicados exclusivos que são traçados ao se defrontar com um corpo negro, tamanha a estranheza que nos é colocada enquanto seres humanos pertencentes a mesma espécie. Não sei se por desconhecimento, ou pura inveja, há uma tentativa de desqualificação das aparências negroides, base da beleza negra, que visibiliza as sutilezas de nossas curvas e traços, assim como os aspectos pertinentes a nossa cultura.

A reflexão sobre a violência infame contra o corpo negro pode ser aprofundada, explorada, mas também combatida e erradicada. Ao longo da

história, o corpo negro tem sido alvo de experimentações e vigilância, submetido à opressão patriarcal e ao racismo estrutural. No entanto, as pessoas negras têm vivenciado experiências singulares em relação ao controle, às experimentações e às violações de direitos, em conjunto com outras formas de opressão, afeta sua forma de vida e de existir no mundo, o que oferta um direito no imaginário social de ser explorado, apropriado e exterminado.

Enquanto corpos pretos e mestiços, dentro do escopo da sociedade brasileira, o reconhecimento deste espaço corpo enquanto ambiente de amor e cuidado, possibilita uma reescrita da história capaz de dar um novo lugar (ou um melhor lugar) de acolhimento de suas dores e alegrias, e uma compreensão mais fidedigna de quem és, assim como construir outras abordagens sobre o corpo negro e suas corporeidades, e suas formas de aquilombar, onde as experiências de pertencimento são vivenciadas de uma forma mais plena e eficaz.

2.3 O corpo negro no hoje: dados da população negra brasileira

Nesse subcapítulo, foram introduzidos estudos quantitativos e qualitativos para trazer entendimento a situação da pessoa negra na sociedade brasileira atual.

Em um primeiro momento, potencializamos uma série de dados e interpretações sobre as consequências práticas da ascensão da pessoa negra no acesso a bens e direitos. No segundo momento, um pequeno conjunto de variáveis (uma vez que existem inúmeras outras que não foram citadas nessa obra) têm a finalidade de tonalizar as condições impostas a pessoa negra, sob uma ótica nua e crua da realidade da vida negra brasileira.

Para além do fomento da informação, que é objetivo de qualquer objeto de estudo em uma pós-graduação, buscamos expor as realidades que atentam contra a saúde da população negra, e que precisam ser pensadas pelo bem do conjunto da sociedade.

Dados do estudo características gerais dos moradores 2020-2021, com base nas Pesquisas por Amostra de Domicílios, do IBGE³², mostram que cresceu o número de pessoas que se autodeclararam pretas (de 7,4% para 9,1%)

e pardas (de 45,6% para 47,0%) na população do país. Entre os que se autodeclararam brancos, a porcentagem foi de 46,3% para 43,0%. Em dez anos, a população que se autodeclarou preta cresceu 32,4% e a parda, 10,8%. Já a população que se autodeclarou branca ficou estável.

Neste sentido, a autodeclaração, outrora um estado inconsciente, é erigida à consciência por processos de assimilação de fatos históricos, sobre a vida de um indivíduo ou de uma determinada coletividade, e suas consequências nas relações com outros povos, o que, em última instância (e, hoje, temos maior compreensão deste fato), advém de reflexões interiores e exteriores da psique, possibilitando novas acepções de uma pessoa enquanto um ser humano em sociedade.

A admissão voluntária de nossa identidade racial foi uma das grandes vitórias do Movimento Negro em sua luta contra a ideia da democracia racial. Essa ideia sugeria que, após séculos de escravidão e abuso sexual de mulheres negras por seus donos, seguidos por uma "libertação" sem acesso à terra e ao trabalho, poderíamos viver harmoniosamente em uma nação sem tensões raciais. No entanto, reconhecer nossa história e nossa conexão com a terra ancestral é essencial para construir uma consciência negra em meio a um povo que foi sistematicamente separado de suas raízes. Essa batalha é árdua, mas a autodeclaração é uma conquista em si, pois reconhece os efeitos duradouros dessa construção racista e nos dá esperança de que ainda temos tempo para buscar justiça, igualdade e dignidade.

Diante de uma estrutura social que dá sustentação ao racismo brasileiro, um conjunto de medidas legais foram criadas com a finalidade de impossibilitar o desenvolvimento da pessoa negra enquanto um corpo sujeito de direitos.

A Constituição Federal de 1988, também conhecida como Constituição Cidadã, traz em suas linhas uma rede de proteção social que abarca uma nova compreensão das relações étnico-raciais no Brasil, diante do empenho por reconhecimento dessa população mal acolhidas em suas versões anteriores.

³²<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=2101957>
acessado em 15/02/2023

Podemos afirmar que, a Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, alterada pela Lei nº 11.645 (Ensino da História da Cultura Africana e Indígena); a Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010 (Estatuto da Igualdade Racial); a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012 (Cotas na Universidade); e a Lei nº 12.990, de 09 de junho de 2014 (Cotas no Concurso público) são frutos das linhas jurídicas da Constituição, assim como da mobilização da sociedade, em especial o Movimento Negro e Indígena como protagonistas em prol da promoção e cumprimento dessas leis.

Para resgatar contribuições da cultura negra no decorrer da História, ainda que o mundo branco europeu ocidental a subjugue, todavia, o acesso ao ensino superior caracteriza a possibilidade de revisar o ensino no Brasil, a partir do ensino básico atualizado, com uma compreensão docente realista, capaz de acolher a cultura americana autóctone e a africana.

O estudo “Ação Afirmativa e População Negra na Educação Superior: acesso e perfil discente”, da pesquisadora Tatiana Dias Silva (IPEA, 2020), mostra maior frequência de negros no ensino superior brasileiro público e privado, a partir da lei 12.990, referente a Ação Afirmativa e Política Pública da Educação. Em 2001, 22% desses estudantes eram negros. Em 2015, esse número ampliou-se a 44%. Esse incremento, segundo Tatiana considera, também, 17% de aumento no total de pessoas que se autodeclararam pretas ou pardas, saindo de 46,1% para 53,9%. Na universidade pública, o aumento foi de 31,5% para 45,1%, no mesmo período. Essas políticas diversificaram a universidade, deixando de ser um espaço exclusivo a uma pequena parte da sociedade para se tornar um caldeirão de origens e culturas.

Já no campo das ações políticas, em relação à diáspora africana, aqui no Brasil, essas novas construções se concretizam a partir de novos processos de ressignificação da experiência negra e do acesso dos negros aos espaços de poder e decisão.

A Câmara de deputados, sediada em Brasília, no ano de 2022 está composta por 91 deputadas federais e 135 parlamentares que se autodeclararam negros, sendo a maior representação da história. Um em cada quatro deputados federais se autodeclara negro, segundo a definição do IBGE. A cada grupo de seis parlamentares em média, uma será mulher.³³

São vozes antagônicas ao sistema de política branca brasileira, que se insere no universo legislativo e legisla em causa própria. Pluralizando esses espaços, temos novas possibilidades de elaborar leis que abarquem um compromisso em colocar os negros de forma efetiva nas políticas públicas brasileira, e cumprindo o que já foi estabelecido pela Constituição.

No ano de 2023, o presidente do Brasil em exercício, Luiz Inácio Lula da Silva, instituiu o Prêmio Luiz Gama de Direitos Humanos, assim como revogou o decreto que criou a Ordem do Mérito Princesa Isabel, da gestão anterior. Luiz Gama foi um homem negro de notória relevância, e sua história se consagra nessa honraria que será concedida pelo Ministério dos Direitos Humanos, para aqueles que desenvolvam estratégias de relevância nas áreas de promoção e de defesa dos direitos humanos no país.

No campo pedagógico, há uma intensa produção de literatura dispostas a contar com fidelidade à história da pessoa negra no Brasil, diante da amplitude de suas colaborações. Como prova dessa mudança educativa e cultural, o livro Enciclopédia Negra (2021), que reúne mais de 550 biografias de nomes que marcaram o Brasil, incluindo os de revolucionários, intelectuais, artistas, atletas, líderes religiosos, e outras personalidades negras esquecidas pela historiografia branca colonial, ainda praticada no país. A História já não se deixa ocultar quem foram os verdadeiros heróis na biografia do Brasil, e precisamos trazer para o campo da vida simbólica e imagética brasileira, em um sentido de reparação e inclusão.

Embora os avanços da comunidade negra se apresentem de maneira cada vez mais consistente, nos mais diversos campos da sociedade, surge como um paradoxo a situação de inúmeros corpos negros, dentro do escopo social brasileiro, amargando as duras estatísticas que confere os piores índices dentro da estrutura econômica e vulnerabilidades sociais do Brasil.

A dimensão econômica se mostra antagônica, onde brancos recebem salários mais altos e empregos mais estáveis, em contrapartida dos salários mais baixos dos negros e renda oriunda de atividade informal. Segundo Kabenguele (2016.p.

³³<https://periodico.sites.uepg.br/index.php/todas-as-noticias/232-politica/3055-camara-dos-deputados-abre-com-numero-recorde-de-mulheres-e-negros>

171) “de cada R\$ 4 de rendimento produzido no Brasil, quase R\$ 3 são recebidos por pessoas brancas.” Ou seja, “de todo rendimento, somando salário, aposentadoria, programas de renda mínima e aplicações financeiras, 74,1% ficam com os brancos”.

O livro da tese de doutorado do professor de Sociologia da Universidade de Brasília, Dr. Emerson Ferreira Rocha (2019), *O Negro no mundo dos ricos: um estudo sobre a disparidade racial de riqueza com os dados do Censo 2010*, esboça um estudo de natureza quantitativa que utiliza dados do Censo Demográfico de 2010.

Segundo informações apresentadas pela pesquisa, no grupo de 1% com maior renda no Brasil, somente 14% são negros (soma de pretos e pardos). Segundo Rocha (2009.p.31), “há um drástico aumento da proporção de brancos à medida que se move para os percentis mais ricos da população, chegando a sua representação a mais de 80%.

A baixa representatividade de pessoas negras nos quartis mais altos da sociedade se apresenta em íntima relação com outra variável: o campo do trabalho; que se refere a baixa participação de pessoas negras nos quadros de lideranças.

Pesquisa do *Instituto Ethos Perfil Social, Racial e de Gênero nas 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas* (2016), revela que os negros ocupam, apenas, 4,9% das cadeiras nos Conselhos de Administração das 500 empresas de maior faturamento do Brasil. Entre os quadros executivos, eles são 4,7%. Na gerência, apenas 6,3% dos trabalhadores são negros³⁴.

A situação da pandemia do Covid-19 no Brasil escancarou ainda mais as debilidades nas quais os negros são expostos. Diante de uma marginalização imposta a imagem do ser negro, sua pele passa a imprimir significados e sentidos que se configuram como reguladores das atividades psíquicas e sociais, se tornando os mais afetados pela doença e suas consequências.

O Boletim Especial 20 de Novembro *Desigualdade entre negros e não negros se aprofunda durante a pandemia* (DIEESE,2020), mostra que entre o 1º e o 2º trimestre de 2020, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), realizada pelo Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE), 8,9 milhões de homens e mulheres saíram da força de trabalho – perderam o emprego ou deixaram de procurar colocação por acreditarem não ser possível conseguir vaga no mercado de trabalho. Desse total, 6,4 milhões eram negros ou negras; e 2,5 milhões, trabalhadores e trabalhadoras não negros (40,4%, mulheres e 31%, homens)³⁵.

O levantamento da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan) no estudo *Insegurança Alimentar e Covid-19 no Brasil*, indica que no total, 19,1 milhões de cidadãos se enquadram neste perfil de insegurança alimentar grave, 9% da população brasileira, e cerca de 116,8 milhões estão em algum grau de insegurança alimentar – leve, moderado ou grave. São 33 milhões de brasileiros e brasileiras vivendo em extrema pobreza, sem as condições mínimas para a subsistência de seus corpos, vivendo em alarmante insegurança alimentar.

A pesquisa também aponta outro dado preocupante: no levantamento, o Nordeste é a região brasileira com o maior número absoluto de pessoas nesta condição. Quase 7,7 milhões de nordestinos passam fome, segundo o que se considera grave insegurança alimentar. A região Norte, por sua vez, representa 14,9% das pessoas que não têm o que comer no país. Apesar de ocupar uma parcela significativa nesse ranking, os estados nortistas abrigam apenas 7,5% da população do país.³⁶.

O racismo contra negros, indígenas e seus descendentes também opera pelos sistemas alimentares, distanciando a população negra da produção e acesso à terra, assim como a ingestão de alimentos de procedência e qualidade. Pelos dados, observamos que essa gigantesca camada da população não exerce o direito a uma alimentação satisfatória e saudável. A segurança alimentar também está diretamente ligada à preservação ambiental. O direito à alimentação saudável, sem agrotóxicos ou aditivos que prejudiquem a saúde, é um direito garantido pela Constituição Federal.

³⁴ <https://www.ethos.org.br/cedoc/perfil-social-racial-e-de-genero-das-500-maiores-empresas-do-brasil-e-suas-acoes-afirmativas/> - acessado em 20/12/2022.

³⁵ <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2021/conscienciaNegra.pdf> - acessado em 20/12/2022.

Dados do *Atlas da Violência* (IPEA,2021) mostram como a violência afeta de diversas maneiras os grupos mais vulneráveis da população brasileira. Dados de 2019, do Sistema de Informação sobre Mortalidade do Ministério da Saúde (SIM/MS), indicam que: houve 45.503 homicídios no Brasil, o que corresponde a uma taxa de 21,7 mortes por 100 mil habitantes. Comparado aos dados registrados, entre 1979 e 2017, essa taxa é a menor desde 1995³⁷.

Já o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, divulgado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022), aponta, a partir de dados referentes a 2019 que, em 15 anos, a proporção de negros no sistema carcerário cresceu 14%, enquanto a de brancos diminuiu 19%. Dos 657,8 mil presos, em que há a informação da cor/raça disponível, 438,7 mil são negros (ou 66,7%). Ou seja, dois em cada três presos são negros.³⁸

A violência passa a atingir em cheio os territórios, em especial os periféricos, se apresentando como violência racializada contra corpos pretos e pardos, em especial, dos jovens periféricos. Violência física, violência simbólica, violência letal, violência de gênero, racismo e discriminação passam a ser práticas concretas, que se materializam no cotidiano desses corpos jovens e interferem na psicodinâmica de suas vidas, contribuindo com seu extermínio.

Os efeitos da violência racial corroboram com a constituição do processo de construção do corpo negro, no seio da sociedade brasileira, transpassando por suas perspectivas biológica, psíquica e social. As vulnerabilidades desses indivíduos se apresentam a partir dos indicadores de saúde que, quando cruzados com outros indicadores, como os socioeconômicos, revelam as complexidades que exercem sobre a saúde, em especial de jovens negros no Brasil.

Segundo dados do Ministério da Saúde no relatório *Óbitos por suicídio*

³⁶

<https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2022/10/14/olheestados-diagramacao-v4-r01-1-14-09-2022.pdf> - acessado em 15/01/2023.

³⁷<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5141-atlasdaviolencia2021completo.pdf> - acessado em 20/11/2022.

³⁸

<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/20-anuario-2022-as-820-mil-vidas-sobre-a-tutela-do-estado.pdf> - acessado em 20/02/2023.

entre adolescentes e jovens negros - 2012 a 2016, (2018), ocorreram em média 11 mil suicídios na população geral e 3.043 suicídios entre adolescentes e jovens,

colocando o suicídio como a quarta causa de morte nesses grupos etários. Para os adolescentes e jovens negros, a primeira causa de morte são os homicídios, seguida dos acidentes, (inclusive de trânsito), neoplasias malignas e o suicídio.³⁹

O Ministério da Saúde, a partir da *Política de Saúde integral da População Negra (2013)*, comprehende a situação de iniquidade e vulnerabilidade que afeta a saúde da população negra – precocidade dos óbitos, altas taxas de mortalidade materna e infantil, maior prevalência de doenças crônicas e infecciosas e altos índices de violência – e reconhece que o racismo vivenciado pela população negra incide negativamente nesses indicadores, comprometendo o acesso dessa população aos serviços públicos de saúde.

Somente uma boa qualidade da saúde pode gerar condições para a inserção dos sujeitos negros nas diferentes esferas da sociedade de maneira digna, promovendo sua autonomia e cidadania.

Como objetivo geral dessa política temos:

Promover a saúde integral da população negra, priorizando a redução das desigualdades étnico-raciais, o combate ao racismo e discriminação nas instituições e serviços do SUS; reduzir na população negra indicadores de mortalidade infantil precoce e materna, em especial de jovens e adultos; reduzir os homicídios de jovens, em especial contra homens e reduzir as situações de abuso exploração e violência sexual, em especial contra as mulheres são ações trazidas no documento com a finalidade de ampliação do acesso à saúde das populações negras (BRASIL,2013.p. 19-20)

Como estratégia de gestão, o inciso V do documento garante o fortalecimento da atenção à saúde mental das crianças, adolescentes, jovens, adultos e idoso negros, com vistas à qualificação da atenção para o acompanhamento do crescimento, desenvolvimento e envelhecimento e a prevenção dos agravos decorrentes dos efeitos da discriminação racial e exclusão social. Ainda que respaldada por essa e outras leis, o abandono das populações negras e pobres segue sendo um marcador das políticas públicas em saúde no Brasil do século XXI, que se refletem nas vulnerabilidades sociais

³⁹ https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf
Acessado em 20/12/2023.

nas quais as populações negras são expostas. Mesmo munidos de uma jurisprudência que acolhe as debilidades da população negra, a pessoa negra precisa, de maneira urgente, cobrar de modo mais incisivo que o Estado cumpra o papel de legislador e executor das leis que salvaguarda os direitos da massa negra no país. Sem esse esforço, as populações negras seguirão elencando os dados que compelem as vulnerabilidades sociais que impedem seu desenvolvimento e ascensão individual e coletivo.

2.4 Síntese

Nurse e Lipton trazem compreensões inteligentes a respeito da concepção biológica da célula, suas estruturas fundamentais e funções. É impossível pensar a vida de uma única célula sem levar em conta que sua sobrevivência tem total dependência das demais células que compõem o complexo do corpo humano. Podemos identificar que são desenvolvidas prestezas específicas por cada componente da unidade celular, trazendo informações pertinentes a compreensão das sofisticadas atividades necessárias a manutenção da vida corpórea.

Diante dessa grande constatação, é possível abrir um diálogo da célula (enquanto microestrutura que forma o corpo) com a vida da própria pessoa humana (elementos psíquicos e sociais), uma vez que é impossível pensar a vida de uma só pessoa humana que não esteja em relação com os outros seres humanos, ou seja, o ser humano precisa de outro ser humano, para existir.

Frente as atividades desenvolvidas por esses pares de elementos: “membrana plasmática- mente” e “núcleo-corpo”, enxergamos como uma relação de aproximação funcional, onde as funções desempenhadas pela mente se aproximam das funções assumidas pela membrana plasmática, pelo poder das proteínas, vista com a responsabilidade de organização e funcionamento de toda a atividade e sobrevivência celular. Tal comparação se passa também, ao nosso ver, nas funções desempenhadas por Núcleo e corpo, que são protetores dos componentes hereditários que nos conecta a nossa ancestralidade genética e fenotípica.

No universo que concerne a relação corpo-psique, repleto de símbolos e representações, o intercâmbio estabelecido pelas interações ocasionadas dentro da sociedade corrobora com toda a carga simbólica e seu processo de identidade e identificações. Essa compreensão não pode ser dissociada da dada realidade na qual este corpo está inserido. Uma vez juntos, os materiais simbólicos e de ordenamento moral fomentam a construção de imagens e símbolos no ideário brasileiro. Os feitos que compelem a presença do corpo negro no meio social tornam-se atributos de identificação e classificação, tornando os contornos físicos do corpo um palco de alusões despertos a partir do imaginário social.

Assim, concordamos com Le Breton (2002.p.21), que diz: “la imagen del cuerpo es una imagen de uno, nutrida con los materiales simbólicos”⁴⁰ , onde as inúmeras obrigações psicossociais, assumidas de maneira consciente ou não, são resultados dos processos de identificação, e desempenham um papel crucial nas ações cotidianas do corpo e na interrelação entre os agentes sociais, bens imateriais e simbólicos, desenvolvendo as artimanhas diante de um processo de acúmulo de cultura.

O racismo projeta no corpo negro as contradições sociais, raciais, econômicas e culturais, que são feridas não resolvidas dentro do escopo da sociedade brasileira. Diante de uma corporeidade que gera identidade, a pele humana negra, se torna sinônimo de representação social, trazendo uma ideia de corpo a ser evitado, uma vez que o corpo negro aplasta uma série de construções sociais herdadas do sistema escravagista.

As políticas de embranquecimento proposta à sociedade brasileira, em especial no final do século XIX e início do século XX, assim como os desdobramentos da identidade nacional, proposta por Freyre, fazem parte do processo de marginalização e invisibilidade do corpo negro, diante de um

⁴⁰ A imagem do corpo é uma imagem de si mesmo, alimentada com os materiais simbólicos – tradução livre.

apagamento histórico que corrobora para o definhamento dos aspectos psicológicos da pessoa negra no Brasil.

Diante desse paradoxo de vivenciar uma identidade negra, criada pela e

para a pessoa negra, que seja sustento para sua autopromoção, e a situação humilhante que os mantém nas margens da sociedade, criamos um rebaixamento das questões cernes a serem debatidas na sociedade, colocando-as como secundárias e gerando implicações diretas e indiretas na vida da sociedade brasileira, principalmente da população de ex-escravizados e seus descendentes, que são o povo negro brasileiro.

Tomando a frase de Silva (2014. p.264), “o corpo é a dimensão biológica que materializa a nossa presença no mundo”. Sem o corpo, unidade material de vida do ser humano, seria impensável a existência humana, diante de perfeição e complexidade desse organismo. Os aspectos biológicos e psíquicos do corpo são predados que dão contorno a sua dimensão social, e que vão atuar de modo incisivo no desenvolvimento da personalidade, dos relacionamentos e pertencimento ao seu território, e motivar negros e negras do Brasil a um novo ordenamento psíquico, frente a toda desqualificação de sua imagem recorrente na história do país.

O movimento, ou, a transmigração, como diz Beatriz Nascimento é o elemento propulsor da trajetória da pessoa negra, e faz o corpo transbordar em uma sinergia de modificação e adaptação. Se a transmigração é o movimento que se apresenta como um potencializador de significados, a corporeidade também se constrói com o movimento.

Em um contexto específico, a pessoa negra enfrenta desafios únicos relacionados ao racismo e à discriminação racial. O racismo estrutural presente na sociedade contribui para a criação de um ambiente hostil e para a perpetuação de estereótipos negativos. Essas experiências traumatizantes afetam a saúde mental das pessoas negras, levando a um maior risco de desenvolvimento de distúrbios emocionais, como a depressão e o transtorno de estresse pós-traumático.

A potencialização de distúrbios emocionais causados pelas violências sociais é um fenômeno complexo e multifacetado. O suicídio, homicídio, encarceramento, a alta taxa de mortalidade, a saúde mental, o racismo contra a pessoa negra está interligado nesse contexto, exigindo uma atenção e ação urgentes. É fundamental promover uma sociedade mais igualitária, justa e acolhedora, onde a saúde emocional seja tratada como uma prioridade e onde

as violências sociais sejam efetivamente combatidas.

3 PSICOLOGIA ANLÍTICA E A CONSTRUÇÃO DO PERTENCIMENTO ENDÓGENO

Sim, eu trago o fogo,
o outro,
não aquele que te apraz.
Ele queima sim,
é chama voraz
que derrete o bivo de teu pincel
incendiando até ás cinzas
O desejo-desenho que fazes de mim.
Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.
é este o fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do auto-retrato meu.

- Do fogo que arde em mim
Conceição Evaristo (2010)

A Psicologia, enquanto ciência, é responsável pelo estudo dos processos mentais e comportamentos humanos. Cada linha de investigação busca interpretar e analisar o desenvolvimento psíquico da mente, para compreender ações, sonhos, comportamentos, impulsos, desejos e escolhas dos seres humanos, definindo o modo no qual cada pessoa constrói suas subjetividades.

Os mistérios do inconsciente são desconhecidos, assim como não podem ser negados, fato qual estão em nosso meio, esse modo de exame psicológico da realidade humana traz em sua essência uma maneira de acesso aos subsídios da psique de maneira ampliada, extrapolando o campo do Ego, e indo ao encontro das dimensões do indivíduo, enquanto um ser submerso em toda a teia de relacionamentos coletivos gravados na sua história e memórias.

A Negritude como processo de formação da identidade, é o momento em que buscamos elementos sobre a origem arquetípica e ancestral da pessoa negra brasileira. O conceito Negritude também ganha espaço na concepção

holística e teórico-metodológica, que serve de fundação a essa dissertação. O termo nasce das concepções filosóficas e políticas dos movimentos Pan-Africanistas, que tiveram forte influência em todo mundo após os anos 1930.

A ideia do Movimento Negritude na sociedade fora suscitar uma nova possibilidade do modo de vivenciar a experiência racial, que atravessa o corpo negro, referenciando a cultura negra e sua ancestralidade, buscando como impacto social experiências positivas para a compreensão do ser negro no mundo contemporâneo.

Para expormos a vertente brasileira dessas ideias, trabalhamos aspectos da obra de Kabenguele Munanga Negritude: usos e sentidos (2019). Como um bom congolês-brasileiro, ele nos apresenta de maneira didática os conteúdos necessários para a compreensão desse termo nas relações África-Brasil, e como sustentar uma identidade negra na sociedade brasileira, a partir da inclusão dos fatores que definem o corpo negro.

Nosso empenho com todas essas análises é criar alicerces para as conceituações teóricas que perpassam a construção da identidade da pessoa negra no Brasil, pensadas em nível subjetivo, coletivo e histórico, recebendo colaborações que possam impactar na solidificação das conjecturas trazidas até aqui, e que são alusões para a construção do conceito de pertencimento endógeno, que iremos elucidar.

Como ponto alto desse trabalho, o tópico *O conceito de pertencimento endógeno segundo Wilmar José Pereira de Carvalho*, tecemos de maneira mais livre nossas considerações acerca dessa pesquisa e como ela pode contribuir para um modo de entender como ligações interpessoais agem na estrutura da psique, criando estados psíquicos e simbologias que podem cooperar com o processo de desejo de pertencimento da pessoa, em especial a pessoa negra, a sua cultura e raça.

Como bibliografia, foram utilizadas as seguintes obras de: Aimé Césaire (1939) Wande Abimbola (1971); Nise da Silveira (1981); Roy F. Baumeister e Mark R. Lear (1995); Paolo Francesco Pieri (2009); Carl Gustav Jung (2012), (2013), (2015) e (2021); Kabenguele Munanga (2019 e 2020); Toyin Falola (2020); Nilton Silva e Sousa (2021); Celeste Ribeiro de Sousa (2021); Bell

Hooks (2022). Miriam Debieux Rosa (2022).

3.1 Uma compreensão analítica da psique na obra junguiana

3.1.2 Fundamentos para a construção de um conceito em Psicologia Analítica

Carl Gustav Jung foi um sábio pensador e criou conhecidos conceitos psicológicos, muitos deles utilizados com frequência pelas bases da ciência psicológica moderna. Esses conceitos denotam a importância de classificar com palavras os objetos, visíveis ou não, dando a estes sentidos, sentimentos, sensações, pensamentos e intuições.

Para Jung, a ideia de conceito em psicologia é vista como um produto do procedimento mental que torna possível descrever, prever, classificar e categorizar qualquer tipo de objeto, diante de uma validação histórica capaz de trazer inteligência e substância para interpretações e percepções intersubjetivas. Embora o conceito seja um modo de nomeação dentro de um signo linguístico, ele exprime um modo de pensabilidade, uma maneira de categorizar e conhecer melhor situações reais ou não. (apud., PIERI, 2009).

Enquanto natureza, Jung diz que o conceito é uma manifestação parcial e relativa de uma realidade, uma vez que exprime traços constitutivos do objeto e do sujeito, em uma realidade acessível ao ser humano. Esses traços constitutivos se delimitam em uma realidade fenomenológica específica, permitindo captar um ou alguns de seus aspectos, buscando inseri-los na construção do pensamento e vida racional, mas sem expressar a totalidade do conceito, que é maior que a capacidade da razão humana de explicá-lo. (ibidem)

A linguagem, em sua amplitude histórica e cognitiva, fundamenta a interconexão com a coisa que desejamos designar, abrindo uma prerrogativa para o ajustamento do objeto com a ideia que representa. Potencializado pela linguagem, e outras espécies de signos como símbolos e valores culturais, o conceito exprime uma realidade significativa para esse objeto ou coisa, pensado como parcial e relativo enquanto processo antropológico de conhecimento. (ibidem)

Dando um sentido de simbolismo instrumental nas trocas estabelecidas entre o objeto e o mundo, tem como efeito o procedimento ou ato de interpretar a coisa, a partir de uma interpretação consciente, evitando assimilações e trazendo melhor compreensão para seu lado singular e obscuro, ainda desconhecido ou não nomeado. (ibidem)

Enquanto função, Jung diz que o conceito se apresenta sobre duas concepções que implicam, trazer um valor final ao conceito, assim como sua instrumentalização, capaz de gerar sua comunicabilidade entre o conceito e o objeto, de maneira mais ampla possível. Como primeira concepção, é preciso imprimir um valor ao conceito, ao ponto de fazê-lo ser a coisa definida, tomando posse da construção conceitual que o define. Seria como uma força mágica que se incorpora ao sistema psíquico, dando validade ao conceito, mediante uma definição conceitual capaz de fechar uma compreensão limítrofe acerca de sua substanciação. (ibidem)

A segunda concepção perpassa pelo campo de tornar o conceito um instrumento, capaz de implicar funcionalidade de descrever e reconhecer objetos e coisas, podendo fazer referência e classificar seus elementos. Essa capacidade organiza e elenca os atributos de maneira não sistemática, a partir da análise do objeto como material objetivo, passível de significação (ibidem)

Parafraseando Jung, a principal atividade do pesquisador é reunir, descrever e explicar um material objetivo, onde o conceito é o instrumento dentro das pluralidades de conceituações, ainda que cada conceito se mantenha parcial e do ponto de vista do observador. Ainda assim, o conceito acessa uma perspectiva particular que auxilia nas catalogações do processo psíquico em cada área de prática, colaborando com o fomento da ciência enquanto experiência e ação.

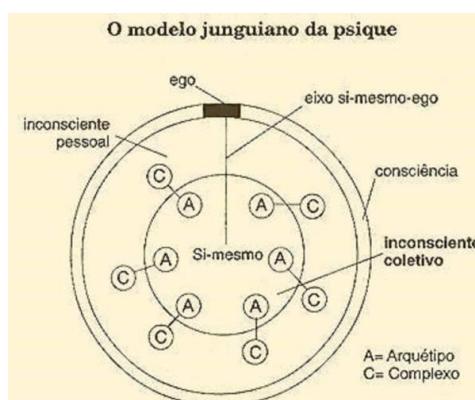
1.1.2 Fundamentos teóricos da Psicologia Analítica: conceitos indispensáveis a compreensão da psique junguiana

O cérebro humano é o produtor do sistema nervoso, sendo considerado um enigma diante de sua complexidade, frente as inúmeras questões ainda não explicadas sobre seu funcionamento. Considerado o núcleo de inteligência e aprendizagem do corpo humano, esse arcabouço do intelecto se desenvolve de maneira majestosa no decorrer da vida, sendo objeto de estudo de

inúmeros pesquisadores das mais diferentes áreas do conhecimento.

Para que seja comprehensível o entendimento dos conceitos que serão trabalhados nesse capítulo, faz-se necessário incluir (ainda que de maneira resumida) algumas ideias trabalhadas por Jung, que darão sentido e intencionalidade as nossas investigações.

Na imagem abaixo, o modelo de psique proposto por Carl Gustav Jung.



Em 1954, Jung escreveu: “Psicologia complexa significa a psicologia das ‘complexidades’, ou seja, dos sistemas psíquicos complexos em contraposição a fatores relativamente elementares”. Diante dessas complexidades, torna-se importante o entendimento de alguns conceitos-chaves da obra junguiana, que explanam a grandiosidade de seus estudos na interpretação da psique, entendendo “por psique a totalidade dos processos psíquicos, tanto conscientes, quanto inconscientes” (apud. PIERI, 2019, p.424).

Dentro dessa totalidade de processos psíquicos, o *Eu* é entendido “como um complexo de representações que constitui o meu campo de consciência e que parece ter grande continuidade e identidade consigo mesmo”, sendo ao mesmo tempo um conteúdo da atividade psíquica e condição para a existência da consciência. (ibid., p.444)

Assim, Jung define por *consciência* “a referência dos conteúdos psíquicos do *Eu*”, se apresentando como uma função ou atividade desse conteúdo. A consciência é aquela parte da organização psíquica na qual o indivíduo a reconhece, e como algo mutável, colabora com as percepções construídas no desenvolvimento dessa organização (ibid., p.440)

Avançando nessa compreensão, o *Ego* é visto como o centro da consciência. Como um dos principais arquétipos da personalidade, o ego é o gerenciador da vida consciente. Situado dentro do inconsciente pessoal, o ego

é parte constituinte da mente humana, tornando juízos todas as coisas que vemos e convivemos, reunindo memórias, sentimentos e ideias que definem o ser consciente. (PIERI,2009)

Já o *arquétipo* é um conceito que une corpo e psique, instinto e imagem. Definida também como imagem primordial, o arquétipo é “uma forma típica fundamental de certa experiência que sempre retorna”, sendo comum a todos os povos e épocas. São percebidos nos comportamentos, uma vez que se acumulam ao redor das experiências básicas e universais da vida, configurando a vida psíquica inconsciente por meio de figuras e imagens arquetípicas. (JUNG,2021. p.459).

O arquétipo molda a energia psíquica, organizando sua manifestação e produzindo significados simbólicos, que recebem “vida” através dos sonhos, fantasias, projeções, rituais. Estando no eixo do inconsciente coletivo, é utilizado, também, para representar padrões de comportamentos associados a um personagem ou papel social, através dessas imagens arquetípicas (SILVEIRA, 1981)

Os *complexos* se organizam a partir das experiências emocionais de cada indivíduo. Segundo Silveira “os complexos são agrupamentos de conteúdos psíquicos, carregados de afetividade”, sendo um ajuntamento de ideias e imagens conglomeradas em torno de um núcleo derivado de um ou mais arquétipos. Sua autonomia possui energia própria, onde pode-se afirmar que “não somos nós que temos o complexo, o complexo que nos tem, nos possui”, interferindo de maneira marcante na vida consciente (1981.p.35).

Por estar no eixo da inconsciência pessoal, o complexo contribui de maneira incisiva no comportamento, quer a pessoa esteja consciente dele, ou não. Como diz Stein, “os complexos são entidades psíquicas fora da consciência, as quais existem como objetos que, semelhantes a satélites, gravitam em torno da consciência do ego, mas são capazes de causar perturbações no ego de uma forma surpreendente e, por vezes, irresistível”. (2017.p.44)

Adentrando ao campo das subjetividades, o conceito de *individuação* é explicitado como o “processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como um ser

distinto do conjunto, da psicologia coletiva.”. Contempla o caminho de autoconhecimento onde o ser humano se transforma em uma unidade autônoma e indivisível (JUNG,2021. p. 466).

No caminho percorrido pela psique para a formulação do processo de individuação, encontramos a *individualidade*, entendida como contraposto ao individualismo. Sendo elemento preponderante na formulação da organização do Eu, a individualidade proporciona a peculiaridade e originalidade sobre os aspectos psicológicos do indivíduo, que pertence a sua subjetividade (JUNG,202. p. 469).

Assim, Jung faz a diferenciação entre individualismo e individuação:

Individualismo significa acentuar e dar ênfase deliberada a supostas peculiaridades, em oposição a considerações e obrigações coletivas.

A individuação, no entanto, significa precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social.

(JUNG,2015. p. 63)

A individuação concerne o processo de desenvolvimento psicológico capaz de tornar o ser humano apto em sua unicidade, como de fato ele o é, englobando uma compreensão do si mesmo. O *Si mesmo*, dentro da obra junguiana, é “o conceito empírico que designa o âmbito total de todos os fenômenos psíquicos do homem”, compreendido como a “totalidade da esfera psíquica”. Esse processo busca o artefato central que totaliza os aspectos conscientes e inconscientes do ser humano, enquanto uma unidade e totalidade de sua personalidade global. “A individuação é o caminho necessário ao encontro dessa totalidade” (JUNG,2021.p.485) .

Segundo Jung:

Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por ‘individualidade’ entenderemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si mesmo. Podemos, pois, traduzir individuação como “tornar-se a si mesmo” (*Verselbstrung*) ou “realizar-se a si mesmo” (*Selbstwerwirklichung*). (1978, p.49).

A finalidade dessa análise sintética é criar as fundamentações conceituais que constrói o nosso objeto de estudo, conceitos que condicionam as contribuições de uma elucidação da questão psíquica, da formação da personalidade e da compreensão do sujeito negro nas subjetividades e

coletividades. A psicologia junguiana preza pela compreensão dos aspectos egóicos e coletivos pertencentes a cada indivíduo, e que irão fundamentar sua experiência de vida.

1.1.3 O inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo:

Silveira (1981.p.71) afirma que a psique na obra de Jung é como “um vasto oceano (inconsciente) no qual emerge uma pequena ilha (consciente)”. Quando entramos no campo dos estudos do inconsciente, Jung é considerado uma das figuras proeminentes no desenvolvimento dessas ideias. Diante do relacionamento estabelecido com Sigmund Freud, Jung aprofunda os estudos no campo das estruturas inconscientes da psique, revelando a caracterização de duas camadas: o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo.

Segundo Jung (2015), o *inconsciente pessoal* pode ser compreendido como o repositório de material acessado ao nível da consciência, mas que se encontra esquecido ou reprimido. Assim, todo o conteúdo perceptível pelo Ego é transportado para o inconsciente pessoal, que atua como um receptor das atividades psicológicas e outros conteúdos necessários ao processo de individuação, na relação da matriz consciente.

Assim, Jung define o inconsciente pessoal:

Os materiais contidos nesta camada são de natureza pessoal porque se caracterizam, em parte, por aquisições derivadas da vida individual e em parte por fatores psicológicos, que também podem ser conscientes.” (JUNG, 2015.p.24)

Silveira (1981.p.72) traz a ideia de inconsciente pessoal como os “traços de acontecimentos ocorridos durante o curso da vida e perdidos pela memória consciente [...] e sobretudo, grupos de representações carregados de forte potencial afetivo incompatível com a atividade consciente (complexo)”. Ainda que esses elementos estejam fora do campo do Ego, não deixam de ter atuação e influência nos processos conscientes, provocando fortes interações na faculdade psíquica.

Segundo Jung, “os conteúdos inconscientes são de natureza pessoal quando podemos reconhecer em nosso passado seus efeitos, sua manifestação parcial, ou ainda, sua origem específica.” Todos esses conteúdos tratados no nível do inconsciente “são partes integrantes da personalidade,

pertencem a seu inventário” de memórias e significações que ascende da história da vida humana (2015.p.24)

O *inconsciente coletivo*, em contraposto, não deve a sua existência a experiências pessoais; não é adquirido individualmente. Jung faz uma distinção entre o inconsciente pessoal, representado pelos sentimentos e ideias reprimidas, desenvolvidas durante a vida de um indivíduo e o inconsciente coletivo, que não se desenvolve de modo individual, uma vez que é herdado. É um conjunto de sentimentos, pensamentos e lembranças compartilhadas por toda a humanidade, onde consiste toda a herança espiritual da evolução, incluso as experiências pré-humanas. (apud.,PIERI,2009)

Frente à grandeza da vida, o inconsciente coletivo carrega consigo os singulares feitos históricos que fazem parte das experiências arcaicas, e que definem a trajetória de todas as pessoas. A racionalidade que fortifica a consistência do Ego encontra limitações para racionalizar as infusões advindas dessa parte da psique. Desse modo, o inconsciente coletivo exerce a função de um reservatório de imagens latentes, desenhadas diante das inúmeras experiências de vida e definidas como imagens primordiais.

Essas imagens primordiais são canais de conexão com o desenvolvimento de uma psique primitiva, embasadas na história humana, e transmitidas de geração para geração, não importa o tempo. É um canal de predisposições que experenciamos com nossos antepassados, e das experiências vivenciadas por eles, que deixam impressões no inconsciente coletivo do hoje.

O inconsciente coletivo organiza através das imagens primordiais as experiências do ontem, hoje e do amanhã, criando mecanismos para que os “processos inconscientes se achem numa relação compensatória em relação a consciência”. Esse processo é fundamental para completar-se mutuamente e formar a totalidade (Si-mesmo”), em uma relação que se assemelha as trocas realizadas entre indivíduos e sociedade. (JUNG,2015. p. 67)

1.1.4 Personalidade e persona

A personalidade se apresenta como uma característica do ser humano que organiza os sistemas psíquicos, de forma que interligados a outros sistemas determinam a individualidade de cada ser. Sua formação inicia na fase infantil e se estende por toda a vida do ser humano, ganhando contornos específicos por sua presença em dada sociedade, assim como os modos de convivência e educação.

O nigeriano Wande Abimbola, professor de língua iorubá e literatura, em seu artigo *A concepção iorubá da personalidade humana* (1971) traz um modo de desenvolvimento da individualidade que se dá em consonância com a visão de cosmo e mitologia da sociedade iorubá, trazendo elucidações que

contemplam a dimensão física e espiritual do corpo, assim como a construção dos aspectos subjetivos e sociais da personalidade.

Os Iorubás são um dos maiores grupos étnicos da África Ocidental, com uma população de mais de 30 milhões de pessoas. Vivem, sobretudo, em uma grande área do continente africano, que engloba os atuais países da Nigéria, Benin, Togo, Gana e Serra Leoa.

Segundo Abimbola (1971), a *personalidade humana iorubá* é composta por dois elementos principais: físico e espiritual. Esses elementos são propiciados pelos movimentos de cada entidade divina presentes na mitologia iorubá, sendo estes responsáveis por cada fase desse desenvolvimento. Assim diz o autor:

Enquanto Òrisànlá é o criador do corpo, e Olódumaré é o responsável pela criação do èmí (alma), Ajálá “o oleiro que faz as cabeças” no céu é responsável pela criação do orí (cabeça interna), [ou, orí-destino]. Após Òrisànlá ter moldado os seres humanos [incluindo orí-cabeça], ele passa os modelos sem vida para Olódumaré, que, ao dar-lhes o èmí, dá - lhe também sua força de vida vital. Os seres humanos, assim criados, movem-se para casa de Ajálá, que dá - lhes, um orí [destino].” (1971. p.7)

O elemento físico, que é coletivamente conhecido como o ara (corpo e tudo que constitui), é, o trabalho manual de Òrisànlá; o èmí (alma), que se materializa no coração humano, é o sopro da vida ou a força vital de uma pessoa; orí, (que se materializa na cabeça física), é a cabeça espiritual,

associada ao destino da pessoa humana. Já o elemento espiritual, é trabalho executado por *Olódumaré*, que é responsável pela criação do *èmí*, colocando dentro de cada ser humano uma aspiração divina para fazer dele parte da existência humana (ABIMBOLA,1971. p. 6-7).

Para a mitologia iorubá, a escolha do destino de cada pessoa se dá através do *Orí*, que precisa trabalhar arduamente para que a pessoa humana alcance sucesso pessoal e social. Uma vez que a predestinação é um dos elementos que posicionam a personalidade do indivíduo iorubá, para encontrar um bom destino (um bom *orí*), se faz necessário o encontro da função e do status de cada indivíduo na terra, definindo o tipo de qualidade pessoal de cada humano. *Orí* representa, também, a individualidade de uma pessoa, sendo responsável por sua personalidade, e está intimamente ligado ao destino individual. (ABIMBOLA,1971. p.19)

Já na psicologia analítica, o conceito de *personalidade* é assumido com duas diferentes acepções: 1) como pluralidade de características psíquicas e modos de ser que, na sua organização dinâmica, formam um conjunto suficientemente estável de particularidades do caráter e das atitudes, até constituir um indivíduo em si; 2) como aquilo que permite estabelecer que uma individualidade fará e exprimirá as múltiplas situações em que virá a encontrar-se. (PIERI, 2009.p.369).

Com referência a primeira acepção, estão empregados os processos psicodinâmicos que possibilitam as transformações da personalidade, processo de retroalimentação que possibilita sua modificação e desenvolvimento, com uma compreensão que engloba as possibilidades individuais e coletivas da experiência do Eu.(Ibid.,p.382)

Ao que tange, a segunda acepção, são empregadas as características que delineiam seu tipo funcional, onde estão as estruturas da personalidade como os arquétipos, complexos, entre outros, que dão a originalidade e essência da personalidade (ibidem).

A personalidade, na obra junguiana, contempla três fases altamente importantes para seu desenvolvimento, e sem a compreensão de cada qual (personalidade consciente, personalidade inconsciente e personalidade total). A passagem por essas fases faz atingir o ponto alto do desenvolvimento do Si

mesmo (PIERI,2009).

A *personalidade consciente* “é usada para indicar a parte da personalidade que é conhecida e aberta a pessoa, e a qual o indivíduo se refere através do pronome pessoal Eu”. Nessa arena se encontram disponíveis para a pessoa o acesso as características personalíticas que acessam o campo da consciência e que se expressam nas manifestações do Ego. (ibid.,p.382).

A *personalidade inconsciente* se apresenta como a “parte da personalidade que resulta provisoriamente como “outra”, em relação ao complexo do – Eu, e a qual o Eu poderia referir-se, mas apenas como algo externo (- não-eu)”. As experiências da personalidade inconsciente são desconhecidas do Ego, e se apresentam a partir das imagens arquetípicas, que são elementos simbólicos e coletivos oriundos das experiências arcaicas das sociedades humanas (ibidem)

Compreendidos os dois estágios anteriores, a *personalidade total* aparece, por fim, como uma “afirmação absoluta do ser individual e pela adaptação, a mais perfeita possível, a tudo que existe de universal, e tudo isso aliado à máxima liberdade de decisão própria”. (JUNG,2013.p.182). Enquanto uma junção dos aspectos conscientes e inconscientes, a personalidade *total* atua como uma força capaz de fortificar o modo de escolha individual, englobando as dimensões compreendidas do Ego, assim como as não compreendidas, dispostas no campo inconsciente.

Assim diz Jung:

A personalidade jamais poderá desenvolver-se se a pessoa não escolher seu próprio caminho, de maneira consciente e por uma decisão consciente e moral. A força para o desenvolvimento da personalidade não provém apenas da necessidade, que é motivo causador, mas também da decisão consciente e moral. (2020.p.185)

Algumas das características da estrutura da personalidade, na perspectiva junguiana, se apresentam como uma forma de dar conta da consistência à pessoa em ocasiões diversas, sendo um modo de definição dos temperamentos e comportamentos. São esses padrões que irão moldar a experiência do desenvolvimento da personalidade no dia a dia de cada pessoa.

Diante desses variados aspectos, que compõe a ideia de psique humana, “um aspecto da personalidade, e mais precisamente o representante mais

conspícuo da psique coletiva externa ou mundana que se encontra dentro da própria personalidade" é o conceito de *persona*. Como um subproduto da personalidade, o conceito de persona nasce do termo latino máscara, que é uma representação adotada no teatro para concretizar o personagem na peça. (PIERI,2009.p.377).

A fundamentação da ideia da persona, na obra junguiana, consiste nas personificações do indivíduo, e como tais personificações são capazes de gerar elementos para que este atue dentro da sociedade.

Assim diz Pieri:

(...) o papel ou 'status social' do indivíduo nas relações com o mundo (cultural e social) e, portanto, o aspecto que ele assume nas relações com a – cultura e com a – sociedade; e a adaptação do indivíduo àquilo que é – coletivo, isto é, a atitude que o indivíduo mostra em resposta aos outros e a situações dadas, para adaptar-se ao ambiente e nele agir.(2009, p.377).

O conceito de persona "é uma aparência, em realidade bidimensional, como se poderia designá-la ironicamente", e se revela como "uma simples máscara da psique coletiva, máscara que aparenta uma individualidade, procurando convencer aos outros e a si mesma que é uma individualidade, quando na realidade, não passa de um papel, no qual se fala a psique coletiva." (JUNG,2015. p. 47)

A persona se apresenta como uma personalidade artificial que traz como função ser um sistema de proteção da pessoa humana na relação com o outro, representada a partir das construções da personalidade no nível material. Trata-se, pois, de um modo de adequação necessário para aplicar suas determinações e funcionalidades, e que suplementam os papéis sociais de cada indivíduo.

A aceitação pelo grupo é condição essencial para que laços de fraternidade e sinergia sejam estabelecidos e gerar pertencimento, possibilitando assim uma abrangência dos subsídios subjetivos e coletivos que se emaranham na busca por essa aceitação, e que geram marcas na psique.

1.2 O movimento Negritude na formação da identidade individual e coletiva da pessoa negra

As pluralidades étnicas expressam o panorama de diversidades culturais presentes no nosso planeta. Sua importância se apresenta enquanto formadores das compreensões antropológicas das identidades das pessoas, no curso da história. A ideia de identidade negra nasce como parte do processo histórico e cultural das populações de cor ao redor do mundo, e reverbera em considerações acerca das interpretações do corpo negro dentro das sociedades.

A pessoa negra, vista como um ser individualizado e integrado a sua ancestralidade, em seu sentido e contexto histórico, assumindo alternativas de vivenciar a experiência do Eu atrelado ao Outro e à Natureza, indo ao encontro da moral de um tradicional sujeito africano, segundo os autores Lopes & Simas “ser humano é pertencer a uma comunidade” (2021, p.33).

Nesse encontro da pessoa negra com seu universo, partimos para a compreensão do tópico *O movimento Negritude na formação da identidade individual e coletiva da pessoa negra*⁴¹, no qual buscamos auxílio em materiais que contemplam as diferenciadas experiências e percepções de mundo e dos valores culturais do universo negro, com íntima associação a sua ancestralidade.

A partir de literaturas produzidas em África, e no Brasil, autores negros e negras colaboraram com a linha do tempo das ressignificações partidas da mentalidade africana, necessárias a uma fidedigna assiduidade da experiência da pessoa negra no mundo, assim como aqui na diáspora do Brasil.

⁴¹ Segundo Walter Boechat, “a interação entre o indivíduo e a cultura em que ele/ela vive é uma questão central ao se discutir o desenvolvimento da identidade pessoal [...] onde os indivíduos estão sempre submetidos à influência de complexos culturais e simbólicos culturais. Para compreender o indivíduo, devemos também compreender a cultura à qual ele pertence (CAMBRAY;Sawin.2021.p351). Embora não abordados de maneira direta nessa dissertação, os complexos culturais e simbólicos, assim como a identidade cultural, são caminhos de compreensão para o pertencimento endógeno, uma vez que são elementos que nascem a partir da experiência cultural de cada brasileiro. Em um outro momento, é fundamental explorar as potencialidades dessas ideias para uma melhor compreensão dos processos psíquicos nos quais elas atuam.

O conceito de *Negritude* nasce das interpretações do movimento literário afro-franco-caribenho, e tem forte expansão para outros continentes, dando uma nova interpretação a condição de que há um vínculo cultural compartilhado por africanos negros e seus descendentes nas diásporas.

Iniciamos essa análise partindo do ponto que o Movimento Negritude nasce fora do continente africano, incluso com indefinições quanto ao seu local de nascimento.

No início do século XX, W.E.B. Du Bois, considerado o pai do pan-africanismo contemporâneo, protestou de forma acintosa contra a política imperialista imposta a África, sendo considerado um dos propulsores da ideia de defesa e promoção da integridade da pessoa negra, frente ao enfrentamento do racismo eurocêntrico contra negros, assim como a defesa dos direitos dos cidadãos negros da América. Ele também exortou os africanos a encontrarem modos de libertarem seus corpos e terras do domínio europeu (MUNANGA, 2019.p. 47). Suas ideias foram fundamentais para o desenvolvimento do Movimento Negritude.

Esse movimento ganhou singela importância a partir do início dos anos 1930, e foi na França que as discussões ganharam forte relevância acadêmica, em especial com os pensadores da escola francófona. Considerada por muitos o nascimento oficial do movimento, as publicações do jornal *L'étudiant noir*⁴², buscou agregar subsídios frente a valorização da pessoa negra do continente africano. Tinha como editores Aimé Césaire (Martinica), Léon-Gontran Damas (Guiana Francesa) e Léopold Sédar Senghor (Senegal), se tornando um marco de riqueza do estilo negritude na busca pela igualdade e liberdade dos negros em África, e no mundo afora.

Afirmando-se a partir dos movimentos de uma pequena burguesia intelectual negra, que surgira dos movimentos de reprogramação da pessoa negra na esfera econômica e educacional ao redor de todo o mundo, “poetas, romancistas, etnólogos, filósofos, historiadores, entre outros, quiseram restituir à África o orgulho de seu passado, afirmar o valor de suas culturas, rejeitar uma assimilação que teria sufocado a sua personalidade.” Essa vontade se torna a bandeira para a construção de novos ideais, capazes de cunhar outra

personalidade, colocando a pessoa negra numa situação de melhor prestígio frente as barbáries do universo branco e eurocêntrico (MUNANGA,2019. p. 54).

Esses homens (em sua maioria) com intensa produção acadêmica e política, passaram a interpretar questões pertinentes a situação de flagelo imposto pelo eurocentrismo ao corpo negro, e que afetavam de maneira destrutiva a experiência do ser negro no mundo.

Dentre os muitos intelectuais do período, destacamos Aime Césaire, um dos percursores do movimento e tido como o pai do conceito, que nos presenteou no ano de 1939 com a obra *Diário de um retorno ao país natal*. O poema traz em seu conteúdo versos que reivindicam, por parte da pessoa negra, os elementos da cultura africana tradicional, assim como o combate ao eurocentrismo e da educação ocidental prevalecente. Seus versos celebram a grandeza da simplicidade da cultura material e imaterial negra, mesmo diante do mau apreço do olhar europeu. (FALOLA,2020).

Para Césaire, “a negritude é o simples reconhecimento do fato de ser negro, a aceitação de seu destino, de sua história, de sua cultura”, em uma definição que agrupa três palavras: “identidade, fidelidade, solidariedade.” (MUNANGA,2019.p.54

Um número considerável de africanos e outros negros pelas diásporas do mundo, à época, amparados nessa convicção, buscaram trazer ao nível da consciência as questões associadas a construção de uma identidade de caráter prático pelo fator raça. Foram traduzidos a realidade inúmeros artifícios psicossociais, em busca da valorização do corpo e da cultura negra, assim como suas contribuições nas sociedades africanas, nas diásporas, e no mundo como um todo (FALOLA,2020). O movimento Negritude atraiu ampla atenção internacional após a Segunda Guerra Mundial, em especial pelos processos de luta e libertação dos países africanos das garras do eurocentrismo, se expandindo e ganhando adeptos. Depois da emancipação da maior parte das antigas colônias africanas, no início da década de 1960, a Negritude decresceu como movimento organizado, porém, as sementes da Negritude já haviam sido

⁴² O Estudante Negro (tradução livre) - jornal mensal da Associação de Estudantes da Martinica na França, criado pelo Aimé Césaire em 1935, em Paris.

espalhadas, dando um novo sentido as representações sociais do negro nas sociedades.

Ramificações dessas ideias foram geradas em muitos lugares do planeta, ainda que de maneira peculiar a cada cultura, visando à afirmação da definição de identidade negra própria, que afetassem o campo emocional e cultural da pessoa negra de maneira mais fidedigna, valorizando seu corpo, símbolos e memórias, ao mesmo tempo que travava uma batalha ao regime de imperialismo europeu, de domínio branco.(VISENTINI,2012)

Para uma compreensão da versão brasileira do Movimento Negritude, aportamos as considerações da obra de Kabenguele Munanga: *Negritude: usos e sentidos* (2019), onde o autor delineia as construções biopsicossociais do reconhecer-se negro, contemplando seu universo ancestral, psíquico e social, aqui no Brasil.

O movimento no Brasil ganha singela importância frente as contribuições ocasionadas pela *Frente Negra Brasileira*, uma das primeiras entidades a exigir uma maior participação na igualdade de direitos dos negros em todas as esferas da sociedade brasileira. A Frente Negra Brasileira tratou de trazer para o âmago do país as formulações do então chamado 'preconceito de cor', visto como um problema nacional e estrutural. Conclamou-se como organização representativa dos desejos e aspirações da população negra do início do

século XX, ramificando sua atuação em vários campos da sociedade (MUNANGA,2016).

Nesse contexto histórico, a Negritude ganha mais espaço por volta da década de 1940, em especial, pelas contribuições do *Teatro Experimental do Negro*, fundado e dirigido pelo membro da Frente Negra Brasileira Abdias Nascimento. Esse movimento tinha por objetivo trazer, a partir das artes cênicas, um projeto de enfrentamento e luta frente a marginalização da pessoa negra no Brasil, assim como desenvolver artifícios que possibilite a libertação cultural e social do povo negro no país a partir da arte (MUNANGA,2016).

A partir da década de 1970, a negritude passou a ser um sinônimo do processo de tomada de consciência racial do negro no Brasil, desenvolvendo as bases políticas para o surgimento do *Movimento Negro Unificado* (MNU). Essa inserção de ideias faz com que haja uma valorização dos símbolos

culturais de origem negra, como o samba, a capoeira, os grupos de afoxé, entre outros, assim como assumir as religiões de matrizes africanas (DOMINGUES,2005.p.15)

Kabenguele Munanga, professor em Antropologia da população afro-brasileira, que se estabelece no Brasil no ano de 1980, depois de realizar seu doutorado na Universidade de São Paulo e assumir a cadeira de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. No ano seguinte, Munanga se torna professor de antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas na Universidade de São Paulo, onde se estabeleceu até sua aposentadoria.

Dedicado pesquisador no campo das relações étnico-raciais, assim como a questão do racismo na sociedade brasileira, Munanga se apresenta como um dos maiores intelectuais vivos de nossa sociedade, com uma extensa obra que fundamenta as bases de seu pensamento africano, aqui no Brasil.

No prefácio da obra *Identidade: usos e sentidos* (2019.p7), Nilma Lino Gomes faz uma importante consideração acerca do pensamento de Munanga e sua compreensão dos componentes fundamentais acerca da ideia de identidade negra, que aborda os fatores histórico, linguístico e psicológico, como modos de reforçar uma construção social e coletiva negra.

A História é um balizador do reconhecimento de uma identidade, sendo o fator histórico o elemento que constitui o fio cultural de um povo, que possibilita sua conexão com sua ancestralidade. Como elemento que tece a continuidade histórica humana, se expressa no conjunto da sociedade através dos sentimentos capazes de conectar a pessoa ao seu passado, assim como seu inconsciente histórico e cultural (MUNANGA,2019).

O reconhecimento do fator histórico não termina sua finalidade em apenas debruçar-se sobre o passado, com uma análise nua e crua desses eventos históricos, mas sim permitir que os ciclos desses acontecimentos, que fornecem importantes subsídios para a concretização de novas perspectivas, visem soluções diferentes para a solidariedade entre povos negros oprimidos pelo mundo:

A consciência histórica, pelo sentimento de coesão que ela cria, constitui uma relação de segurança a mais certa e a mais sólida para o povo. É a razão pela qual cada povo faz esforço para conhecer sua verdadeira história e transmiti-la às futuras gerações. Também é a

razão pela qual o afastamento e a destruição da consciência histórica eram uma das estratégias utilizadas pela escravidão e pela colonização para destruir a memória coletiva dos escravizados e colonizados. (MUNANGA, 2019.p.10)

O desenvolvimento de uma consciência histórica sacraliza a construção de memórias coletivas de um povo. É através dela que podemos elencar fatos e ações que constitui outras probabilidades de conexão com a história negra, para além do desumano processo de escravização. A memória permite a coligação entre os elementos da ancestralidade e das vivências pessoais, no sentido atemporal, e possibilita que a pessoa negra construa recordações de maneira mais assertiva e harmônica com sua trajetória de vida.

Assim completa Munanga:

No caso da população negra brasileira como de qualquer outra, a memória é construída, de um lado, pelos acontecimentos, pelos personagens e pelos lugares vividos por esse segmento da população, e, de outro lado, pelos acontecimentos, pelos personagens e pelos lugares herdados, isto é, fornecidos pela socialização, enfatizando dados pertencentes à história do grupo e forjando fortes referências a um passado comum (por exemplo, o passado cultural africano ou o passado enquanto escravizado). (2019.p.15)

A língua é a base de toda a comunicação, sendo utilizada como modo de expressão na sociedade, criando as linguagens estabelecidas entre as pessoas. Sendo escrita, falada, ou mesmo gesticulada, a linguagem é uma forma abrangente de entender e ser entendido. A linguagem define o modelo de concessão do corpo a uma expressividade, conduzido através de palavras, sons, visões, movimentos, sendo toda e qualquer atitude que apresente o desejo de estabelecer comunicação.

O fator linguístico tem a capacidade de estabelecer impressões que se qualificam como marcas da identidade, criando elementos que definem uma experiência de autenticidade e confiança. Os estilos de cabelos, estilos musicais diversos, como o funk, soul, samba e outros, os vocábulos de comunidades rurais negras, assim como as religiões como o candomblé, além, obviamente, da incorporação de vocábulos e expressões derivados do continente africano, que se encontram solidificadas na língua portuguesa. (MUNANGA.2019 p.10).

Já o fator psicológico busca trazer inteligibilidade sobre o condicionamento histórico do negro, assim como as estruturas sociais que se estabelecem em suas identificações comunitárias, pensado em uma relação de dualidade com o

condicionamento histórico imposto pelo branco, que preserva suas identificações de modo individual. A questão racial atravessa todo o processo psíquico de constituição da personalidade negra na sociedade brasileira. Sem a compreensão desse componente, dificilmente a pessoa negra consegue construir um caminho autêntico no desenvolvimento dos atributos que lhe conferem uma identidade negra autêntica, expressa a partir do corpo e cultura. (ibidem)

Em acordo com as palavras de Munanga, “poder – se - á dizer, em última instância, que a identidade de um grupo funciona como uma ideologia” uma vez que permite, de maneira livre e autêntica, definir quais são os elementos que fundamentam sua existência, assim como reforçar a solidariedade existente entre seus comuns de pele escura, conservando os aspectos indispensáveis a sua manutenção enquanto coletividade negra (2019.p.12).

Graças à busca de sua identidade, que funciona como uma terapia do grupo, o negro poderá despojar-se do seu complexo de inferioridade e colocar-se em pé de igualdade com os outros oprimidos, o que é uma condição preliminar para uma luta coletiva. A recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade. (MUNANGA, 2019, p.18)

Os benefícios da construção de uma identidade negra se desvelam como um modo útil para a negação da branquitude, assim como a aceitação positiva dos atributos corporais e mentais do negro. Pensada em consonância com sua ancestralidade, a identidade faz parte dos pressupostos que definem seu modo individual e cultural, trazendo para o nível da consciência as propriedades particulares de acesso as ancestralidades e culturas negras para o campo das memórias e afetos da pessoa negra brasileira.

No âmbito desta situação, indivíduos de ascendência africana têm a oportunidade de explorar novas abordagens para construir sua identidade, com base em suas conexões ancestrais e fortes ligações, tanto conscientes como inconscientes. Ao compartilhar experiências com africanos e brasileiros, podem desenvolver novas práticas que reconhecem a importância da experiência pessoal negra como parte integrante da experiência humana. A negritude é a concretização desse desejo.

1.3 Conceito: um modo de identificação do objeto

4.3.1 Fundamentos teóricos dos conceitos Endógeno e Pertencimento

Expostos os fundamentos que norteiam a construção conceitual dessa dissertação, começamos com uma explanação acerca da nossa compreensão sobre as palavras pertencimento e endógeno, que compõem o substantivo composto que dá nome a esse trabalho, assim como algumas ideias que origina(m) seu(s) significado(s).

A etimologia da palavra endógeno nasce da junção das partes “endo” (dentro) mais “geno” (gerado). Sua existência se dá a partir “de um processo natural ou causado por fatores dentro do corpo; Produzido, originando ou crescendo de dentro. A ideia de algo que tem origem no interior de qualquer organismo ou sistema, que se desenvolve e se reproduz do interior para o exterior .

Já a etimologia da palavra pertencimento, traduzida no latim por pertinescere, de pertinēre, ser propriedade de; ser parte de; estar contido em. Já na tradução inglesa belongingness, surge da junção de belonging (pertencente) mais o sufixo ness (como definidor do estado ou qualidade), onde o significado de pertencimento seria estado ou qualidade de pertencer, tendo influência sobre o tempo de convívio.

Como um fato empírico, o processo endógeno se dá pelo sofisticado intercâmbio que acontece no interior de uma célula, ou seja, a partir das articulações internas da célula para com o seu ambiente externo. Assim, a célula se caracteriza como um sofisticado sistema de vida endógena, que permite seu equilíbrio interno a partir das trocas que ela realiza com o meio externo. (NURSE,2019)

Já o pertencimento, segundo a psicóloga Miriam Debieux Rosa⁴³, professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), traz sua compreensão do conceito dizendo que: “pertencimento é aquela percepção de alguém fazer parte de uma comunidade, de uma família, de um grupo, de uma nação [...] ligado ao reconhecimento e a como um cidadão tem respeitadas a sua dignidade, a sua cultura, e as suas diferenças.”, evitando alguns problemas de saúde mental, como a depressão, a ansiedade, pensamentos suicidas e o sentimento de estar sozinho.

Segundo Souza (2021.p.63), Jung aponta o processo de individuação como uma meta existencial para a tomada de conscientização dos aspectos ilimitados e desconhecidos do inconsciente pessoal e coletivo, onde por uma dimensão de aprendizagem do ser – “é obter o ‘pertencimento’ de si mesmo e também o ‘pertencimento’ ao(s) entorno(s) sempre em expansão”, sendo este capaz de iluminar e integrar as dimensões sociais do ser e pertencer.

Os pesquisadores Roy F. Baumeister e Mark R. Leary publicaram a obra *The need to belong: desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation* (1995)⁴⁴, um estudo referência sobre os desejos humanos de pertencer como uma motivação humana. Trazendo uma série de experiências empíricas que detalham a importância desse sentimento para a vida coletiva, os autores analisam pesquisas e estudos que abordam o desenvolver das relações humanas interpessoais.

Definidas como hipóteses de pertencimento, elas estão conectadas com desejo de motivação iminente a qualquer ser humano, desejo esse que se manifesta por necessidade em ter e conservar relacionamentos de afetuosidade de maneira estável e a longo prazo, como algo significativo e de necessidade, a fim de estabelecer laços fraternos de sociabilidade com seu grupo (LEARY&BAUMASTER,1995)

A professora e teórica Gloria Jean Watkins, mas conhecida como Bell Hooks, nos presenteou com a sua última obra em vida; *Pertencimento: uma cultura de lugar* (2022), que detalha seu processo de construção de identidade e pertencimento como uma mulher negra do Kentucky, um estado da região sudeste dos Estados Unidos.

Em seu senso inicial de identidade, Hooks não se identificava como uma cidadã de Kentucky, mas ao viver anos longe de sua terra Natal, Hooks tornou-se consciente do que significa pertencer, enquanto busca do reconhecimento e do lugar territorial e simbólico, e diante de um sistema

43

<https://jornal.usp.br/radio-usp/sentimento-de-pertencimento-e-a-necessidade-de-manter-relacoes-estaveis-e-de-moldar-o-comportamento/#:~:text=Sentir%2Dse%20parte%20de%20algum,e%20mais%20importante%20que%20n%C3%B3s> – acessado em 02/11/2022

⁴⁴ A necessidade de pertencer: desejo de vínculos interpessoais como motivação humana fundamental – tradução livre.

opressor branco que deturpa o imaginário social do negro.(HOOKS,2022)

Ao contrário, o sentimento de não pertencimento aos lugares que ela viveu a fez regressar ao seu estado, onde morou até o fim de seus dias, abrindo uma nova compreensão de pertencimento que abrange o legado geográfico, a terra, o meio ambiente, os animais e as expressões culturais e simbólicas, que acompanham o corpo negro por todo tempo, se expressando nos hábitos implantados na psique. (ibidem).

Assim a autora define sua experiência de pertencimento no regresso ao Kentucky:

Criar conexões entre a localização geográfica e os estados psicológicos foi bem útil para mim, pois me permitiu reconhecer o grave aspecto disfuncional do ambiente sulista na qual fui criada, as formas como o racismo internalizado afetou nossa inteligência emocional como um todo, ao mesmo tempo que revelou os aspectos positivos da minha criação, as estratégias de resistência que melhoraram nossa vida. (HOOKS,2022.p.46)

Hooks (2022) sugere na obra que as pessoas negras devem renovar coletivamente o compromisso com a terra, com as raízes ancestrais que se encontram com as raízes rurais, evitando a destruição da terra preta como uma restauração humanizadora de uma vida que harmoniza pessoa e natureza. Esse é um modo de respeito para com todos os povos negros do mundo, que vivem em conexão direta com a terra, e têm nela sua forma de subsistência, resistência e preservação da espécie.

O Professor dr. Nilton Sousa e Silva, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, trazem sua contribuição para o fomento do conceito, e assim buscamos uma melhor uma complementação para a sua tradução:

Pertencimento endógeno: é um estado mental capaz de apontar elementos que conferem ou não o - “consciente reconhecimento do sujeito individual ou coletivo”, - amparados em uma jurisdição que seja capaz de acolher - “a sua própria historiografia à luz de dados materiais ou imateriais; ambos, atemporais” - mas não é capaz de solucionar a questão social negra, garantida pela própria constituição e leis subsequentes, quando - “no contexto biopsicossocial como resultado do processo educacional e cultural” – onde a pessoa negra busca uma melhora e acesso a melhores níveis culturais, sociais e econômicos (SOUZA, 2021 – grifo nosso).

Toda a construção conceitual é atravessada por múltiplas variáveis, que muitas vezes escapam ao olhar do observador, ou não são cabíveis aqui,

nesse momento da investigação. Essa visão limitada do campo de ação da pesquisa, nos faz compreender de forma efetiva a importância da construção do conceito de pertencimento endógeno, na sociedade brasileira, e faz aportes para uma explicação de forma mais ampliada e científica possível.

1.4 O conceito de pertencimento endógeno por Wilmar José Pereira de Carvalho

Aqui apresentaremos o conceito de pertencimento endógeno, que traz em sua essência conexões epistemológicas e científicas encontradas em nossas pesquisas, além das possibilidades psicossociais e históricas encontradas na experiência do ser negro no Brasil e no mundo.

O pertencimento endógeno é um complexo de características biopsicossociais conscientes e inconscientes, expressas no corpo negro e nas expressões de suas corporeidades, definindo o modo de ser negro e

desenvolver sua identidade, agregando indivíduos negros distintos em prol de uma coletividade simbólica comum de matriz africana, na sociedade brasileira.

O pertencimento endógeno se dá pela tomada de consciência e desenvolvimento da personalidade da pessoa negra, que reconhece seu corpo como instrumento de conexão com sua ancestralidade africana, propiciando um ambiente gentil e comunicativo para a construção de uma identidade negra dentro da sociedade brasileira.

Dentro de uma perspectiva biopsicossocial, o pertencimento endógeno é filogênese. Por natureza o corpo de uma mulher grávida revela com propriedade a imagem do pertencimento endógeno. Após nove meses de gestação, desvela um novo ser humano. E, então, a influência cultural entra em cena para contribuir com o desenvolvimento biopsicossocial do recém-nascido.

Visto que, na mente de uma pessoa afro-brasileira, o útero materno precisa resgatar seu lugar de origem, autóctone, telúrico. Aqui, mais uma vez, é possível visualizar a poesia que há no corpo de uma mulher negra grávida: embriogênese, pertencimento endógeno e, paulatinamente, a manifestação da própria concepção da negritude.

O pertencimento endógeno é entendido como os conteúdos conscientes

e inconsciente do corpo e da corporeidade, no seu sentido material e/ou imaterial, responsável por criar os símbolos que orientam os aspectos psicoantropológicos, definidores das subjetividades das pessoas negras.

A partir das identificações com seu contexto ancestral, histórico e simbólico, o pertencimento endógeno ativa os artifícios capazes de modificar os esquemas de pensamentos, valores, habilidades e competências, assim como seus modos de pertencer a um dado território e cultura.

O pertencimento endógeno envolve um conjunto de padrões de perceber, pensar, sentir, intuir e agir de cada indivíduo negro, possibilitando desenvolver suas potencialidades embasadas em seus valores culturais, linguísticos, raciais, sociais e educacionais. A edificação da subjetividade da pessoa negra reverbera na produção de um universo propício ao desenvolvimento da identidade negra no Brasil.

O pertencimento endógeno molda o ego da pessoa negra sobre novas percepções, pensamentos, sentimentos, memórias e identificações, trazendo

O pertencimento endógeno, de modo irreprimível, traz do campo inconsciente as imagens primordiais necessárias para um reconhecimento consciente do que é ser negro, sua importância enquanto ser humano individual e coletivo, assim como sua apropriação das personas condizentes com sua ancestralidade e história, ocupando o lugar antes negado pela cultura branca e racista para o consciente processo de reconhecimento do ser negro na história e no dia a dia, fortalecendo a capacidade de construir uma identidade negra curativa, repleta de fraternidade e solidariedade, que propicia espaços de organização coletiva e comunitária.

O pertencimento endógeno admite sua natureza a partir da linguagem estabelecida entre as pessoas. Corpos, símbolos e valores culturais negros exprimem a realidade das significações da experiência coletiva de ser um corpo negro na sociedade, aproximando a cor e sua preponderância. O corpo expressa o simbolismo instrumental do pertencimento endógeno, que transforma a energia criativa em energia coletiva, protegendo e valorizando o corpo da pessoa negra no Brasil.

O pertencimento endógeno tem como função desvelar a importância do corpo negro como um objeto de racionalidade ancestral e humana, definindo seus significados e significações perante uma análise afetiva. Com esse olhar

fraterno, a pessoa negra pode desenvolver seu potencial para construir sua identidade e sua negritude, e entender seu papel extraordinário de humanidade, frente ao sub jugo imposto pelo racismo.

Enquanto material objetivo presente em cada indivíduo negro, o pertencimento endógeno é a ocupação humana do negro no tempo, assim como no espaço. Diante da identificação com a terra, a pessoa se permite arquitetar um ambiente propício para a moldagem das questões geográficas e territoriais, que são elementos basilares do bem-estar e sentimento de pertença com o lugar.

1.5 Síntese

Carl Gustav Jung enquanto um verdadeiro gênio da psicologia, criou conceitos que revolucionaram a ciência moderna. Ele tinha uma visão única sobre a importância dos conceitos na nossa vida, como uma forma de dar nome e significado às coisas e experiências. Para Jung, a linguagem e os signos são fundamentais para a criação de sentido. Ele também acreditava que os conceitos são apenas uma parte da realidade, uma manifestação parcial e relativa, mas eles têm um papel essencial em nos ajudar a comunicar e entender o mundo ao nosso redor.

O cérebro humano é um mistério, e para entender essa complexidade, é crucial considerar os conceitos propostos por Jung na psicologia, como os complexos, o ego, os arquétipos e a individuação. Esses conceitos nos ajudam a compreender a estrutura da nossa mente e o desenvolvimento da nossa consciência pensada por uma perspectiva lógica. A individuação, por exemplo, é um processo que nos leva a nos tornarmos seres únicos e autônomos, encontrando a nossa verdadeira identidade, e precisa ser compreendido para o desenvolvimento pleno da pessoa.

Jung também define os conceitos de inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. O primeiro é como um depósito de conteúdos conscientes que esquecemos ou reprimimos. Já o segundo não é adquirido individualmente, mas sim herdado e contém experiências compartilhadas pela humanidade. É como se fosse uma espécie de arquivo de imagens primordiais, que organiza as nossas experiências passadas, presentes e futuras. Esse

processo é fundamental para a formação da nossa totalidade enquanto seres biopsicossociais, históricos e ancestrais.

O conceito de personalidade é algo único em cada um de nós, que organiza os nossos sistemas psíquicos e determina a nossa individualidade. Na mitologia iorubá, por exemplo, a personalidade é composta por elementos físicos e espirituais, e é influenciada pelo destino. Na psicologia analítica, a personalidade é entendida como um conjunto de características e modos de ser que formam a nossa identidade. Ela pode ser consciente, aquela parte de nós que conhecemos e mostramos ao mundo, ou inconsciente, aquela que é influenciada por imagens arquetípicas e experiências desconhecidas do ego.

Em ambas as análises, a personalidade é a junção dos aspectos subjetivos e coletivos, e fortalece a nossa capacidade de fazer escolhas.

Outro conceito importante da psicologia junguiana é o de persona. É como se fosse uma máscara social que usamos para nos adaptar ao ambiente e às expectativas sociais. Sem esse mecanismo da personalidade, seria inviável a concretização de ações para aceitar e nos sentirmos aceitos pelos outros, estabelecendo laços fraternos.

Diante de uma diversidade cultural que é expressão da pluralidade étnica, a identidade negra é parte de um processo histórico e cultural das populações de cor ao redor do mundo. Nesse sentido, o Movimento Negritude surge com o objetivo de valorizar a cultura negra e promover igualdade e liberdade para os negros. A negritude passa a ser sinônimo do processo de tomada de consciência racial do negro e influencia a forma como o negro é representado socialmente.

No Brasil, intelectuais como Kabenguele Munanga abordam a ideia de identidade negra a partir dos pilares da Negritude, considerando os fatores históricos, linguísticos e psicológicos. A consciência histórica e a memória são fundamentais para nos conectar com a história do povo negro, além do processo de escravização. A linguagem também desempenha um papel central na expressão da nossa identidade e na nossa comunicação.

A visão de Munanga sobre a identidade negra é altamente legítima, pois ele entende que ela é construída a partir de elementos históricos, linguísticos e psicológicos. Essa construção fortalece uma identidade negra autêntica, sob uma compreensão multidisciplinar que nega a branquitude e valoriza os atributos físicos e culturais dos povos de cor do mundo, e nos encoraja a escrever o conceito de pertencimento endógeno.

Diante de todo esse embasamento teórico supracitado, o pertencimento endógeno é, ao nosso ver, a consciência e expressão das características biopsicossociais do corpo negro, que define a identidade e o modo de ser negro na sociedade brasileira. Envolve o reconhecimento do corpo como conexão com a ancestralidade africana e promove a construção de uma identidade negra. É responsável por criar os símbolos que orientam os aspectos psicoantropológicos das pessoas negras, permitindo o desenvolvimento de suas potencialidades baseadas em seus valores culturais. O pertencimento endógeno também fortalece a capacidade de construir uma identidade negra curativa, repleta de fraternidade e solidariedade. É fundamental para o reconhecimento do ser negro na história e no dia a dia, protegendo e valorizando o corpo negro no Brasil.

2. CARLOS ALBERTO MEDEIROS: UMA AUTOBIOGRAFIA DO PERTENCIMENTO ENDÓGENO

Tão pequeno e tão sensível ao toque do abusador
Logo cedo definido pela voz e sua cor
Esquecido pelo pai e a mãe que fez e não criou
Mas agradecido a Deus
Por sua vó e seu avô
Marginalizado e só, por não ser mais um igual
Incapaz de ver beleza em seu corpo natural
Endeusava o branco por não ser o padrão real
Mas compreendeu que o mundo é seu, tentar nunca faz mal

Eu sou
A voz da resistência preta
Eu sou
Quem vai emprestar minha bandeira
Eu sou
E ninguém isso vai mudar
Tudo começou dar certo quando eu aprendi me amar
Eu sou
A voz da resistência preta
Eu sou

Quem vai emprestar minha bandeira
Eu sou
E ninguém isso vai mudar
Tudo começou dar certo quando eu aprendi me amar

Seu nariz é lindo, preto
Sua boca é linda
E seu cabelo é lindo, preto
Sua cor é linda

Eu sou – Washington Duarte [2022]

O capítulo IV *Carlos Alberto Medeiros: uma autobiografia do pertencimento endógeno* traz a entrevista completa com o objeto de estudo Carlos Alberto Medeiros (CAM), em que buscamos a partir dos elementos que constituem a vida do autor, informações que fundamentem o conceito de

pertencimento endógeno, desenvolvido nessa dissertação. Foram analisadas informações da vida do autor no recorte temporal a partir do último quarto do século XX, até o primeiro quarto do século XXI, dos anos 1970 até os anos de 2022.

Carlos Alberto Medeiros é o famoso “carioca da gema”. Filho de uma empregada doméstica, que criou o filho de modo solo, CAM se tornou jornalista escritor, tradutor, pesquisador na área de relações raciais Brasil-Estados Unidos, além de um grande conhecedor da história do negro no mundo.

Doutor em História Comparada (IFCS/UFRJ), mestre em Ciências Jurídicas e Sociais. (UFF), graduado em Comunicação e Editoração pela ECO/UFRJ, Carlos Medeiros é autor de ‘Na lei e na Raça: legislação e relações raciais, Brasil – Estados Unidos’, e coautor de ‘Racismo, preconceito e intolerância’.

É o tradutor responsável pela versão em português de dezenas de obras de autores consagrados, incluindo ‘Amor líquido’, ‘A autobiografia de Martin Luther King’ e ‘Por uma revolução africana’, entre muitas outras produções literárias e acadêmicas. Atuou no jornalismo, assim como em movimentos sociais e órgãos governamentais.

Carlos Alberto Medeiros tem uma experiência de vida composta por uma

série de capilaridades pessoais e coletivas, de reconhecimento e fortalecimento da construção de uma identidade negra sólida, de importante conhecimento para a comunidade negra brasileira e mundial. Além da entrevista recheada de informações, utilizamos outros materiais escritos e audiovisuais, que retratem os dados que fundamentem a construção da experiência de pertencimento endógeno do entrevistado. Todas as informações aqui publicadas tiveram autorização prévia do entrevistado.

Utilizando da mesma pergunta feita por Munanga (2020.p.199): “Quantos homens e mulheres negras colaboraram para a construção do nosso país? Quantos resistiram a desigualdade e discriminação e lutaram por uma sociedade justa e igualitária?”. Em nosso meio, seja por meio da presença física, seja pela lembrança, elas representam parte da luta e da força do povo negro.

Dessa forma, a escolha da vida de Carlos Alberto Medeiros como objeto dessa pesquisa se fundamenta em sua atuação nas discussões das causas negras, importantes fatos políticos do cenário brasileiro como, por exemplo, sua direta participação na conferência de Durban em 2001, na África do Sul, ou na construção social de políticas públicas em prol de Ações Afirmativas.

Diante das inúmeras contribuições ofertadas pelo povo negro, a militância de Carlos Alberto Medeiros está entrelaçada com o conceito de pertencimento endógeno, desvelado nessa dissertação.

2.1 Entrevista presencial com Carlos Alberto Medeiros

Participantes:

Wilmar José Pereira de Carvalho
Carlos Alberto Medeiros

Data: 08/07/2022 – Rio de Janeiro - RJ
Tempo de gravação
01 hora, 29 minutos e 23 segundos

Legenda

... ☰ pausa ou interrupção.
(inint) [hh:mm:ss] ☰ palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] ↗ incerteza da palavra transcrita / ouvida.

Wilmar José Pereira de Carvalho ↗WJPD

Carlos Alberto Medeiros ↗ CAM

(INÍCIO)

[00:00:00]

Wilmar José Pereira de Carvalho: Olá. Sou Wilmar José Pereira de Carvalho, discente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus Seropédica, com o tema de dissertação: identidade e pertencimento endógeno, a construção biopsicossocial de corpos negros na história do Brasil. Hoje, 28 de junho de 2022. A referida dissertação tem como objetivo central pesquisar e analisar aspectos biopsicossociais na história de vida da pessoa negra do Brasil, para construir o conceito de pertencimento endógeno. Para elucidação de tal construção, trabalharemos como elemento empírico a vida do intelectual Carlos Alberto Medeiros. Eu gostaria que o Carlos Alberto se apresentasse para nós.

Carlos Alberto Medeiros: Bem, você fala em identidade, então primeiro cartão de identidade seria: sou militante do movimento negro e estudioso da questão racial. Do ponto de vista acadêmico, tenho graduação em comunicação e editoração pela UFRJ, mestrado em ciências jurídicas e sociais pela fluminense e doutorado em história comparada de novo pela UFRJ. O tema, tanto da dissertação quanto da tese, envolveu uma comparação com os Estados Unidos, Brasil e Estados Unidos e a questão racial. Isso a dissertação resultado no livro *Na lei, na raça: legislação e relações raciais no Brasil e Estados Unidos*. Também atuei em vários órgãos públicos, comunicação com a questão racial, e sou tradutor, tenho dezenas de livros traduzidos para o português, incluindo quase 25 livros do Zygmunt Baumann, a partir de amor líquido, vários outros, pelo menos duas dezenas. Também na área da questão racial, autobiografia de Martin Luther King, *Por uma Revolução Africana*, do Frantz Fanon, *A deseducação do negro*, de Carter Woodson, uma parte do livro *Casta*, de Isabel Wilkerson, que trabalha a questão racial do ponto de vista da casta, alguns textos da coletânea sobre Lélia Gonzalez sobre mulher negra norte-americana, e também um livro, um conteúdo muito doloroso, que foi a nação precisa acordar, *The Nation Must Wake*, que é sobre o massacre de

Thousand, aquela cidade de Oklahoma, que havia um bairro negro próspero que foi destruído, os brancos entraram, saquearam, botaram fogo. Um livro também muito pesado. E em Boston enfim, também está crescendo o interesse por essa temática racial no campo editorial também.

WJPC: Perfeito, Carlos. Obrigado pela apresentação. Para a sustentação teórica dessa entrevista, nós faremos uso dos conceitos de identidade e identificação, propostos pelo psicólogo Carl Gustav Jung e também pelo sociólogo Stuart Hall, personalidade e persona, também usa conceitos do Carl Gustav Jung, e negritude, do Kabenguele Munanga, que vão ser a base para a gente fazer essa nossa entrevista de hoje. Sobre a dinâmica da entrevista, Carlos, vão ser trazidos elementos da sua vida a cada década, iniciando a partir do ano de 70, mas, antes do ano de 70, uma pequena introdução para você poder contar para a gente como foi a sua infância, um pouco da sua adolescência, que são aspectos bastante importantes da vida aqui nesse sentido. E, a partir do ano de 70, vamos trazer em média 3 elementos e você vai dissertar sobre eles, para a gente realizar essa pesquisa a nível acadêmico. A gente já vai começar fazendo algumas perguntas sociodemográficas para a gente conhecer um pouquinho mais quem é o Carlos. Nome completo?

CAM: Carlos Alberto Medeiros.

WJPC: Estado civil?

CAM: Casado.

WJPC: Tem filhos?

CAM: Na verdade, tenho um filho que é filho biológico da Débora, mas que me adotou como pai. Tenho uma filha de uma relação de uma colega de faculdade, foi uma relação de uma vez na vida e tivemos uma filha.

WJPC: Como você define seu gênero?

CAM: Masculino.

WJPC: Onde mora?

CAM: Atualmente estou morando no Flamengo.

WJPC: Rio de Janeiro, não é?

CAM: E coincide que eu sou Flamengo também.

WJPC: Como você avalia sua classe social?

CAM: Classe média. Agora média para média alta. Somos dois oficiais. Depois eu conto essa história.

WJPC: Nível educacional?

CAM: Doutorado.

WJPC: Nível educacional dos pais?

CAM: Eu fui criado pela minha mãe, ela era semianalfabeta.

WJPC: Cursou a maior parte da sua educação básica na rede pública ou particular?

CAM: Eu fiz primeiro ano público, primeiro e segundo, terceiro e quarto particular, primeiro do ginásio particular e depois público. O ensino médio eu fiz na aeronáutica, público também. E faculdade pública.

WJPC: Sua autoclassificação racial?

CAM: Negro.

WJPC: Você sempre se reconheceu uma pessoa negra?

CAM: Eu tenho uma característica, que é o fato de a minha mãe ser do Rio Grande do Sul. Então no meu ambiente doméstico a questão racial nunca foi negada. É claro que não havia essa consciência. Nunca foi negado isso.

Embora meus documentos mais antigos constam pardo.

WJPC: Mas você sempre se reconheceu...?

CAM: Eu sabia que eu era negro.

WJPC: Vamos iniciar as nossas perguntas. Carlos, antes de a gente entrar nesse período das décadas que se iniciam em 70 até os dias atuais, a gente vai fazer algumas perguntas em referência à sua infância. Como você avalia que foi a sua infância?

CAM: Olha, é uma coisa contraditória. Fui criado por uma mãe solo, empregada doméstica, mas eu digo que eu fui muito privilegiado. Primeiro que nunca me faltou nada: eu nunca passei fome, nunca deixei de ter uma roupa bonitinha para usar no fim de semana. Ela tinha muito cuidado com isso, até na percepção da questão racial. Não poderia dar motivo para me discriminarem. E essas contradições. O fato de ter sido criado... nós não tínhamos casa, vivia na casa dos patrões. Ela devia ter algum impacto, alguma coisa de não me discriminarem. Não me lembro de ter uma situação assim. Nas casas de patrões, o que acontecia? Isso eu analiso depois. Eu tive acesso à cultura da classe média, à linguagem, aos modos. Minha mãe também, com aquela coisa, sempre obrigado, por favor, bom dia. Eles tinham bibliotecas. Eu, desde cedo, descobri essa coisa, esse prazer da leitura. Eu me lembro que eu lia no

banheiro, eu lia comendo, almoçando, eu lia tudo, até bula de remédio. Eu lia o que caísse nas minhas mãos. Claro que isso também foi me dando um domínio da linguagem. Mas houve uma pessoa com quem minha mãe trabalhou que eu sempre a menciono com muito carinho. O nome dela era Solange Vermont Difoni. Esse Vermont era de uma família do Paraná e ela era casada com um médico, que foi médico do Vasco e da Seleção Brasileira, Amílcar Difoni. O filho da minha idade mesmo ou mais velho. Ela me tratava, ela dizia: "eu sou sua mãe branca". Ela me ensinava piano, que eu perdi pela falta de prática. O inglês, eu nunca fiz curso de inglês, estudei inglês na escola, mas ela despertou o meu interesse e mostrou que eu tinha um talento para aquilo. Uns 2 anos depois ou 3, quando eu comecei a estudar na escola, o inglês do segundo ano do então ginásio, eu já sabia, então eu pegava o livro e ia sozinho para a frente. Uma coisa muito importante, que eu considero, o fato de eu ter nascido no Rio, com essa família da dona Solange nós fomos para o interior de São Paulo, para Tremembé, e depois para Taubaté. Depois a minha mãe foi trabalhar com uma outra família em São Paulo, voltamos para Taubaté, voltamos para São Paulo, meio nômade assim, e o Rio Grande do Sul, que é a terra dela, então mais ou menos a cada 2 anos nós íamos lá na época de férias escolares, tanto no verão como no inverno, que era o frio. Mas em Porto Alegre eu fui apresentado a uma realidade da segregação racial. Os clubes eram clubes de brancos e clubes de negros, para evitar a pronúncia deles. Até nas favelas as festas eram separadas, o que costuma surpreender pessoas de outras regiões que normalmente associam clube de negro a clube de pobre. Lá não era assim. E lá nós tínhamos uma família, a família totalmente de classe média e frequentava certamente os clubes, o Floresta Aurora. O Floresta Aurora é um clube fundado em 1872, antes da abolição da escravatura. O (inint) Marcílio Dias, o Satélite de Prontidão. E esses clubes de negros, depois analisando, eram uma espécie de bunkey onde a gente estava protegido. Ali você não seria chamado de apelidos racistas, nem ouviria piadas racistas. Se eu fosse tirar uma garota para dançar e ela não quisesse, o que graças a Deus nunca aconteceu, não seria por eu ser negro, porque todos ali eram. E, mais: eram espaços em que as moças mexiam comigo, me chamavam de pão, que era a forma de fazer um elogio aos meninos. É uma coisa que eu não tinha fora

dali. Então aquilo me marcava, ou seja, a contradição: como uma coisa ruim, que é a segregação, pode ter um efeito colateral positivo? Que depois eu fui associar isso com a realidade dos negros americanos, o que a segregação proporcionou para eles em termos de unidade. Lá no Sul havia isso. A questão racial é um tema das conversas, da família, dos amigos da família, o que não acontecia no Rio. Aqui no Rio evitavam falar da questão racial. Um clube que discriminava, um clube de seleção. Evitavam usar essa coisa. No Rio Grande do Sul não. Fulano é raça significa fulano é negro. Havia lá um amigo dos meus primos que era radical. Eu me lembro que ele me contava, ele estava servindo à aeronáutica e amigos deles me convidaram para uma festa em uma faculdade, e ele chega na festa e vê a família do comandante da unidade dele, com a filha. Ele vai lá, tira a filha do comandante para dançar, ela dança, ele vai, volta, no final da música, leva, a família se levanta e vai embora da festa. Ele contava isso como uma vitória. Um dia nós estamos na rua, uma fila não me lembro exatamente de que, passou um amigo: ô, mulato. Mulato, não. Não tem o sangue deles. Bem alto, para todo mundo ouvir. Depois de um tempo eu volto já com afro, pode não parecer, mas eu tinha, e me encontra na rua: essa negritude toda é só por fora ou é por dentro também? Então toda essa experiência de Rio Grande do Sul e depois São Paulo. São Paulo eu já participei das situações mais dolorosas. Falando com vocês antes do início da entrevista, porque eu morei em um bairro onde havia uma presença muito grande, que eu chamaria hoje de árabes étnicos, sírio-libaneses. Eu tinha 9 anos de idade quando um coleguinha da turma chamado Samir se aproximou de mim e disse: minha mãe me proibiu de brincar com você porque você é preto. Pode imaginar. Um ano depois o outro...

WJPC: Você tinha quantos anos?

CAM: 9. Um ano depois um outro garoto também de origem árabe, Victor, não me lembro do sobrenome dele, me convidou para me juntar a ele em um clube, ele era sócio atleta de um clube na área de natação, Tênis Clube Paulista. O diretor da área tinha pedido para lavarem outros garotos, para ampliar a rede de captação de talentos. Eu fiquei preocupado. Eu não conhecia bem São Paulo. Eu não tinha família em São Paulo, como no Sul, mas achava São Paulo meio parecida com Porto Alegre. Chegamos na porta do clube, infelizmente eu tinha razão: não passamos da porta. O porteiro: não tem vaga. O Victor: mas o diretor pediu para... “não tem vaga, pode sair”. Foi bem grosseiro. Eu voltei para casa e chorei. 2 dias depois o Victor me procura, todo encabulado: fui falar com o diretor. Imediatamente perguntou: como é que ele é? “Assim, um moreninho”. Nós não aceitamos pessoas de cor. Esse incidente explica muita coisa, depois analisados. O problema não é raça, é classe. Ele não me perguntou se eu era pobre. Eu era. Ele perguntou minha aparência. Essa história “ah, não...”, um certo jornalista aí dizia: estão tentando formar um Brasil bicolor. Ele fez uma divisão bicolor, ou você era branco ou era negro de cor. Ah, “Não existe racismo institucional”. Foi institucional, tanto que decodificou imediatamente. Não foi uma ação do porteiro. Era uma norma do clube. São as lembranças que eu trago da infância. Depois, adolescência, eu saio de São Paulo vou para a escola preparatória de cadetes do ar, em Barbacena, que aí é outro capítulo que entra pelo início da juventude. Mas foi uma coisa importante para mim, muito em termos de afirmação, porque eu passei em um concurso muito difícil, se não me engano eram 5 mil candidatos a 200 vagas, e eu estudei junto com um colega que eu conheci lá em São Paulo, no ginásio, no Colégio Estadual Presidente Rossevelt e que se tornou um grande amigo, parceiro na vida. Nós estudamos o mês de dezembro inteiro, eu ia para a casa dele, nós pegamos as apostilas do pessoal que fazia cursinho. Nós passamos, eles não passaram. A escola foi muito importante, um curso de ensino médio de qualidade. No qual não apenas eu não pagava, eu ganhava. Eu ganhava todo o material, uniforme, tudo, e tinha o salário. Se não fosse essa escola, talvez eu não tivesse conseguido concluir o ensino médio,

porque havia pressão para que eu trabalhar. Foi importante.

WJPC: Aproveitando, qual foi a experiência mais marcante enquanto adolescente negro?

CAM: Mais marcante como adolescente?

WJPC: Trazendo esses aspectos da questão racial.

CAM: Eu diria que foram as experiências do Rio Grande do Sul. Assim, as discriminações em São Paulo, então é interessante, porque eu nunca fui discriminado por professores, por quê? Não foi uma técnica, não é algo que foi

consciente, eu gostava de estudar. Eu passei o primeiro ano, primário, em primeiro lugar, o quarto ano do primário em primeiro lugar, o concurso de admissão ao ginásio, que foi uma espécie de vestibular, em primeiro lugar, e, com isso, eu ganhei uma bolsa. Eu fiz o primeiro ano do ginásio em um colégio particular, no Colégio Diocesano, colégio de padres, e como eu passei em primeiro lugar eu ganhei bolsa. Depois, a partir do segundo ano, em São Paulo, no Rossevelt. Os professores, o professor gostam do aluno, ele percebe. Depois eu não passei, mas eu ia bem nas matérias que eu gostava, então português, inglês, francês, geografia, matérias mais de ciências sociais e humanas, e, mas ninguém me chamar de burro. Não tinha isso. Mas tinha aquelas discriminações. Eu me lembro de uma coisa que foi muito dolorosa, que eu tinha voltado da escola, estava com o uniforme, era um uniforme, uma jaqueta parecida com aquela de universidades americanas, uma calça azul marinho, minha mãe pediu para eu fazer umas compras no mercado. Passa um bonde e os caras da escola: macaco, tição. Foi bastante doloroso aí. São experiências dessa natureza, especialmente que eu não tinha armas para revidar.

WJPC: Agora entrando um pouco mais na sua fase mais adulta, dos anos 70 ali. Li muito a respeito, assisti suas lives, e eu vi uma coisa que você trazia muito, que foi um momento muito importante na sua vida, que foi a adoção do cabelo Black, não é? Você poderia contar para a gente o que representou isso para você?

CAM: Sim. Para mim, foi uma guinada. Isso veio lá dos nossos irmãos do Norte. O que acontece? Aquele momento, final da década de 60, início da década de 70, estavam começando a ser produzidos aqueles filmes que eles chamam de Black (inint) [00:20:20] movies, que são filmes de ação com heróis e heroínas negros, apresentados como belos, corajosos, inteligentes, determinados e cheios de orgulho negro, que era um tipo de personagem que a gente não tinha aqui e até hoje continua tendo muito pouco, e aquilo tinha um impacto. Eu me lembro que tinha uma série, (inint) [00:20:43], que eram 3 jovens, um rapaz e uma moça brancos e um negro de afrão, que eles se infiltravam nas gangues. Aquela imagem é uma imagem muito forte. Para mim, também, as revistas. Eu me lembro a primeira vez que eu comprei um número

WJPC: Isso no ano de...?

CAM: 74. Era todos os sábados. Ali começa também, a partir de um determinado momento, a reunião começava às três, mas as mulheres se reuniam um pouco antes para falar da Ebony. Eu já tinha ouvido falar, no Rio Grande do Sul se falava de Ebony. Ebony é uma revista americana fundada em 1945, que, naquela época, estava traduzindo aquela realidade dos negros americanos. Na capa tinha um jovem político negro da Georgia, Julian Bond, com o cabelo afro, e você lia a revista... eu não falo de cabelo Black Power. Eu falo de cabelo afro, porque eu aprendi afro natural. Todos os anúncios. Eu imediatamente me identifiquei e comecei a deixar o cabelo crescer. Foi uma coisa muito forte o impacto que isso causou. Eu me lembro de passar umas garotas negras: é bonitinho, mas esse cabelo deve estar cheio de piolho. Mas eu estava tão forte com aquilo, porque na escola, na faculdade, eu me tornei uma espécie de um negro. Eu até aproveitei muito bem essa coisa, eu não estava muito bem-preparado, mas eu me lembro muito bem de uma situação. Eu estava no ônibus, em pé, e tinha um casal de jovens brancos na frente. A menina beijava o cara para ficar olhando para mim. Tudo isso reforçava, evidentemente reforçava. Foi a primeira guinada. Foi essa. Logo depois, não passou muito tempo, virou moda, mas eu fui precursor. Havia poucos. Eu me lembro que havia o Tony Tornado. Eu me lembro que no carnaval, quando eu já estava nessa transição capilar, eu vi o Tony Tornado com o cabelão, aquilo

só me reforçava.

WJPC: E como era a sua percepção em relação à situação do negro no Brasil?

CAM: Evidentemente, eu tinha a percepção da nossa situação de inferioridade, porque a discriminação, essas coisas que eu tinha passado, absolutamente na minha cabeça eu não negava aquilo. Agora, quando eu vi, essa coisa da realidade americana, além de tudo, eu era um leitor ávido, como eu falei. Eu acompanhava o que acontecia nos Estados Unidos, os movimentos, direitos civis, muçulmanos negros, panteras negras, essa liderança, Martin Luther King, Malcolm X, aquela coisa toda. Mas eu achava que aquilo era muito de lá, que aquilo não daria para ser traduzido para a nossa realidade. Primeiro impacto: como é que eu me torno um militante? Isso é muito interessante. A partir de um determinado momento, sim, o momento é muito preciso: eu frequentava escolas de samba e ia muito a Madureira. Depois eu fico pensando: Madureira, morava na Tijuca. Por que Madureira? Porque Madureira tinha muito negro. Alguns colegas brancos, inclusive, que são meus amigos até hoje, mas muitos negros, então é um lugar que, de uma certa forma, eu sentia um pertencimento, embora também não percebesse isso. Eu me lembro quando eu dei o cabelo afro, eu pegava revistas Ebony e mostrava para colegas negros: deixa também. Daqui a pouco virou moda. E as escolas de samba. Eu estava em um ensaio da Mangueira, isso era início de 74, quando fui apresentado a um cara se tornaria um grande parceiro de aventuras pelo Brasil e pelo mundo, o Filó , Asfilófio de Oliveira, dom Filó, que me convida para uma festa, um baile que ele fazia aos domingos no Renascimento, que é o clube historicamente negro do Rio, que era baile Soul, de Black Music, de música negra americana, que tinha uma noite do Shaft em homenagem exatamente a um detetive negro desses filmes que eu mencionei. Eu chego na noite do Shaft e eu me lembro que o corredor de entrada ficava um pouco acima do salão de baile, que era à direita, e quando eu olho para o salão eu vejo um mar de cabelos afro, então me identifiquei imediatamente com aquilo. Eu já estava acostumado a festas de negros no Rio Grande do Sul, mas ali tinha uma outra característica. Os negros iam ali para celebrar a sua negritude. Eu me lembro uma vez uma discussão em um ônibus, 2 jovens negros, cabelão: eu sou mais

negro que você. Não, eu sou mais negro que você. Imagina isso? Nesse bairro, depois eu ia para festa, baile de soul, em Cascadura, Madureira, Bangu, Realengo, Padre Miguel, mas no baile do Renascença havia um grupo que se reunia um pouco distante do aparelho de som para poder conversar e para falar o quê? De racismo. Situações que eu tinha vivido, livros, filmes, e alguém avisa: no sábado que vem vai haver uma reunião no Centro de Estudos Afro-asiáticos da Faculdade Cândido Mendes, em Ipanema, para discutir o 13 de maio. Eu cheguei atrasado. Pessoal, já estava saindo. “Mas vai ter outra no sábado que vem”. E continuou havendo todos os sábados, graças, eu digo, à generosidade política e intelectual do responsável pelo centro, sociólogo José Maria Nunes Pereira, que era um sociólogo comunista em uma época em que o comunismo rejeitava a discussão racial, porque ia dividir a classe trabalhadora. Então nós nos reunimos lá e aí eu me tornei um militante do Movimento Negro.

WJPC: Eu tinha dúvida dessa questão, como você tinha conhecido a Maria Beatriz. E como você se sente frequentando esses espaços, frequentando o Clube Renascença, como se dava essa sensação de pertencimento negro nesses ambientes? Você acha que era uma construção que se amplificava para as outras pessoas?

CAM: Sim, eu passei a ver, primeiro, claro, eu me considerava negro, passei a ter mais orgulho, já gostava do cabelo, essa história toda, tinha o efeito que produzia, e aí eu vi que eu era aquilo. Acabou, era uma parte daquilo e passei a estender essa visão para os negros de maneira geral, a partir, inclusive, disso que eu aprendi também com os negros americanos. Por exemplo, eu comecei a me interessar mais pela África a partir dos negros americanos, não a partir daqui. E a partir disso eu também comecei a me voltar mais para a cultura afro-brasileira também. Como é que, de repente, um mosquito que vem lá de fora, te picou...

WJPC: Eu fiz uma viagem para o Haiti em 2017 e também foi a partir desse momento que a minha visão brasileira de negritude foi completamente alterada. Tem que fazer esse processo de ir para depois voltar.

CAM: Ainda mais o Haiti. O Haiti, a primeira revolta de escravos, a única talvez.

WJPC: Sim, tem uma história bastante representativa. Eu gosto bastante também. Evoluindo um pouquinho nesse caminho histórico que a gente está fazendo, como você avalia que foi sua experiência acadêmica, que é uma coisa que você sempre traz, com essa ausência de negros na academia?

CAM: É interessante, porque eu sempre falo isso para mostrar como as coisas têm mudado, eu era o único aluno homem negro da faculdade. Único da turma e da faculdade. Havia mais duas ou três mulheres, isso no ciclo básico. No ciclo profissional entrou mais um na minha turma, então éramos dois homens e três mulheres entre 150 alunos. Agora, a minha turma era muito progressista,

então eles acolheram fantasticamente essa minha transformação capilar e tinha professores, eu tive o privilégio. Nós fomos alunos de intelectuais como Carlos Henrique Escobar, Abel Silva, que era também compositor, quem mais...? Heloisa Buarque de Holanda. Olha os professores que nós tivemos. A turma era muito progressista. Acho que o maior sinal disso, o currículo de comunicação estava em construção. Em um determinado período, resolveram botar inglês. Tinha gente ali que já era formada pela Cultura Inglesa. Inglês, mas tudo bem. Uma professora que era um pouco mais velha que a gente, conservadora nos trajes, e eu faltéi a uma aula. No dia seguinte, o pessoal estava irado. Ela fez um comentário sobre mim, que eu era o tipo de negro de que ela gostava, que andava bem-vestido. Aí ela passa um trabalho coletivo, dividiu a turma em grupos, que cada grupo ia escolher um livro em inglês para comentar. Sabe o que o meu grupo escolheu? A autobiografia de Malcolm X. A gente mandando e a professora: vocês apoiam essa violência? Sabe o que aconteceu? Nunca mais ela apareceu na faculdade. Foi aterrorizada. Que turma! Que turma!

WJPC: Discutir Malcolm X já é complexo, naquele período então, imagino que tenha sido um choque.

CAM: E para afrontar a professora.

WJPC: Dessa experiência, Carlos, que você está trazendo, esse acolhimento seguramente fez toda a diferença, quais foram os seus maiores aprendizados para essa construção inicial de visual depois que você vai tendo?

CAM: Sim. Uma outra pessoa importante, por exemplo, eu falei daquela minha experiência da aeronáutica, fui excluído quando estava no terceiro ano de escola da aeronáutica, junto com mais dois. Não foi por questão racial. Nós gostávamos de ler, a gente está vendo isso agora, que cultura é ligada a comunismo, coisas dessa natureza. Eu fui excluído com mais 2, com esse Arthur, com quem eu estudei para passar na prova, depois fomos excluídos. Eu não tinha vocação para aeronáutica, na verdade. Eu não tinha vocação para militar, nem piloto. Antes eu tive um acidente de avião, caí em Nova Iguaçu pilotando, e logo que eu fui excluído falei: vou fazer comunicação. Sempre tive a coisa por escrever, por ler. Uma pessoa amiga dessa dona Solange que eu

mencionei, ela era professora, essa amiga fez contato com José Luiz Werneck da Silva, historiador, que era responsável pelo cursinho pré-vestibular no Hélio Alonso e me matriculou no intensivo do Hélio Alonso, era o mês de dezembro inteiro, e graças a isso, os vestibulares não eram unificados, cada faculdade tinha o seu, eram 20 vagas para comunicação, passei em 11º e entrei. Werneck depois foi professor de história e ele deu um livro. Sabe que ele me deu o livro ele me deu? Black Power, do Stokely Carmichael. Eu não era de movimento negro ele que falou “minhoca” na minha cabeça. Eu tive isso. Acho que é um privilégio ter tido essas oportunidades.

WJPC: Parece que as pessoas já o associavam muito com a questão da identidade negra.

CAM: Exatamente.

WJPC: É uma associação que vinha de outras partes. Carlos, você podia contar para a gente também um pouquinho das suas experiências enquanto viajou e contato mesmo com a sua identidade negra no Brasil, lugares, espaços em que você teve essa confirmação?

CAM: O primeiro impacto foi aquele do Rio Grande do Sul, aquela realidade lá, a ambiguidade, coisa negativa produzindo impacto positivo. Depois eu morei em Minas, mas ali não tive... a gente vivia muito dentro da escola lá em Barbacena. Depois fui a Bahia. Aí já tinha uma consciência. Uma experiência interessante que eu tive na Bahia tem a ver com identidade negra, porque quando fui para São Paulo, primeiro me identificava como baiano, aquela visão paulista: tudo que não é... depois descobriram que eu era carioca. O carioca que os paulistas falam. Na Bahia, eu me lembro que eu estava no ponto de ônibus, tinha um casal de idosos, começamos a conversar, o cara vira para mim e fala: pera aí, você não é baiano? Nós jurávamos que você era baiano, só que baiano na Bahia é positivo, eles têm uma autoestima fantástica. Depois eu vou... primeira viagem para fora do Brasil foi para o Senegal. No Senegal me identificaram como egípcio. Eu achava legal, aquela história dos faraós negros, essa história toda do egípcio. Depois fui uma segunda vez ao Senegal, Estados Unidos. Nos Estados Unidos eu descobri duas identidades possível. Sou um negro americano, pessoas passam por mim, tem a história de os

negros se cumprimentarem, aceno de cabeça, e uma vez, uma coisa interessante. Peguei um ônibus entre Washington e Nova Iorque uma senhora negra, gorda, era professora de escola. A gente conversando, aquele dia eu estava muito bem no inglês, aí eu falei uma palavra: "network". "Excuse me?". "Network". "Ah, Network. Wait a minute, you're not American. It's amazing, you're not American". Quase a mesma coisa da Bahia. Nos Estados Unidos eu descobri uma outra identidade possível, que é etíope, porque etíopes chegavam para mim, umas 3, 4 vezes: are you ethiopian? Depois, na África do Sul eu descobri uma outra identidade que eu não poderia imaginar, porque eu fui àquela conferência de Durban e ali tinha uma presença muito grande de indianos. Ali que o Gandhi começou a carreira dele. Lá tem um shopping que parece o Taj Mahal, umas coisas assim. Disseram que eu parecia um indiano. Isso foi confirmado em Londres, em um hotel. A recepcionista era uma indiana e falou: quando você chegou ali, lá vem um dos nossos. Aí interessante, porque identidades, auto-identidade e que o povo te atribui. Essa identidade que me é atribuída vai depender muito da história das gerações raciais naquele lugar, naquela região. Então analisando São Paulo. Como eu digo: como conceito de raça é uma construção sócio-histórica, isso explica que uma mesma pessoa pode ser branca no Brasil e negra nos Estados Unidos ou branca na Bahia e negra no Rio Grande do Sul. Eu tive essa experiência própria, ser identificado de diversas maneiras ao redor do mundo.

WJPC: Você poderia falar um pouquinho mais desse contato com o pessoal do Senegal, com essa ancestralidade do continente africano?

CAM: O Senegal eu digo que foi o lugar onde eu tive maior acolhimento, onde eu percebi maior consciência da diáspora, uma consciência diaspórica, de algumas situações. Vou fazer um vídeo e a gente com a equipe no Museu de Dacar. As pessoas com as turmas e eu falei com um dos professores e depois fui agradecer e ele me colocou diante da turma: esse aqui é descendente daqueles que eu falei para vocês, que saíram pelo porto de Benin. Eles estão de volta, um pouco diferentes, mas são os mesmos. Depois, na Ilha de Gorée, onde no Maison dês Esclaves, entreposto de escravos, com a equipe chegam dois senegaleses grandões: o que vocês estão fazendo aqui? Eu expliquei: somos do Brasil, estamos fazendo um vídeo. Aí o cara bate um cumprimento

black, Brésil, la diaspora africaine. Depois, outra vez, a gente entrou no barco, (inint) [00:39:27] barco, entre Gorée e Dacar e o Filó arranjou um tamborzinho, começamos a tocar, banheiros cantando: vou jogar fora no lixo. O senegalês tentando imitar. Depois ele me abraça: c'est la même chose - é a mesma coisa. Realmente, demais.

WJPC: O pertencimento veio.

CAM: Nos Estados Unidos também, é claro, ainda mais com essa história de ser percebido como negro americano. Depois: mas, não é? Um tempo atrás: pera aí, você é daquele país em que um operário chegou a ser presidente da república? Hoje não sei como é que seria essa visão.

WJPC: E como que era a sua visão, Carlos, enquanto homem negro fora do Brasil? Como que você tinha essa percepção, essa negritude fora do Brasil? Como você acha que ela era vista?

CAM: África, eu fui visto como um cara de outro lugar na África. Eu fiz uma passagem por Londres, foi muito rápida, vindo da África do Sul, uma passagem por Londres. Não deu para aprofundar muito. Estive na Itália, participar de um seminário, seminário de imersão internacional, convidado pela Kimberly Green. Ela que começou esse conceito de interseccionalidade. Esse lugar maravilhoso, cidade de Bellagio, localizada na margem do lago Como, um lugar maravilhoso. Ficamos coisa de uns 10 dias, só que aí pessoal dos Estados Unidos, do Brasil, da África do Sul, mas da África do Sul brancos, negros... não. Negros, colored, de cor, que era uma categoria a parte, da África do Sul, indianos, na Índia e franceses. Foi uma troca para discutir muito ação afirmativa. Foi uma troca muito interessante. Não tive muito convívio na cidade. A tendência, já me vejo como um americano, a tendência é essa. Tive uma surpresa lá, andando pela cidade, estou em uma esquina, está lá um italiano vendendo caipirinha. Me mostrou a cachaça. Mais recentemente eu estive na Bélgica, com uma passagem pela Holanda, junto com Ivanir, com Jacques d'Adesky, com a Sandra Martins e a Mariana Gino para participar a convite do Lazare Kizerbo da Conferência Mundial das Humanidades, em Liege. Passamos a semana, fomos a Bruxelas, passamos rapidamente uma tarde-noite na Holanda, em Amsterdã, que é uma festa. Não tive nenhuma

percepção negativa da Holanda. Fiquei muito surpreso em Bruxelas por ver uma presença negra significativa lá e os caras “tinta mais forte”, como diz na Bahia, muito bem arrumados. O Jacques, na verdade, é um afro belga. Ele é de mãe de Ruanda e pai belga. Ele nos levou lá a uma galeria que eram só lojas de negros, loja de roupas, e também me apresentou a um grupo que é uma coisa interessante, de mestiços. Por quê? O que acontece? Lá no Congo, em Ruanda, na África belga, esses mestiços não eram aceitos nem pelos negros, nem pelos brancos, então tiveram que criar seu grupo próprio. A gente tem essa tendência: o mestiço tem que se classificar, mas ele não era aceito por negros. Foi essa coisa da passagem. Mais recentemente também Alemanha, eu fui convidado, fui fazer uma palestra sobre o movimento black, black Rio, na Universidade de Bielefeld. Fizemos uma passagem, minha mulher foi, fizemos uma passagem por Hamburgo. Lá fomos recebidos pelo AD Junior. Esse que é o influencer. A gente viu em Hamburgo jovens negros e brancos, mas ele disse que na antiga Alemanha Oriental ele não ia, porque lá a barra era pesada, assim como na Rússia. A parte oriental da Europa é uma coisa mais pesada. Achei até que fomos muito bem recebidos no trem entre Hamburgo, que o avião que desceu em Hamburgo, entre Hamburgo e Bielefeld. Nós fomos muito bem recebidos num restaurante, o garçom nos deu os brindes. Quando descemos em Bielefeld, na estação de trem, não tinha táxi. Vi passando um rapaz, todo mundo lá fala inglês, eu estudei dois de alemão, mas não me garanto. Falei: nós estamos aqui, não tem táxi. O rapaz ligou, pediu o táxi e ficou esperando até o táxi chegar. Eu falei: Débora, nós fomos muito bem recebidos. Essa é a minha experiência na Europa. São experiências curtas, não é uma experiência de vivência, como eu já tive nos Estados Unidos. De ficar hospedado em casas de negros.

WJPC: Como você enxerga essa experiência dos Estados Unidos?

CAM: É casa. Você é tratado como um local. Você é de fora, você nunca viveu ali e você é percebido como local. Já me disseram algumas vezes, depois de me ouvirem falar, que achavam que de repente eu era americano filho de estrangeiro, criado ouvindo outra língua. Tinha uma coisa na fala, mas sempre muito bem recebido. E aquela coisa: chegaram à planta de um grande restaurante, fino, o dono lá, o negro, os caras me apresentaram, me

abraçaram. Tem essa coisa de identidade mesmo, de perceberem como um deles, de pertencimento.

WJPC: Eu fiz umas perguntas, mas como você já está em alguns pontos, e aí eu estou... só para a gente voltar aqui: como foi para você receber o convite do Abdias Nascimento para ocupar um cargo público?

CAM: Isso foi interessante, porque, como eu disse, com o Abdias eu já tinha tido alguns contatos esporádicos. Nessa época, não sei se estava nos Estados Unidos ou já na Nigéria. Ele passou por aqui e fez umas palestras. Ele era tido como muito radical, o movimento negro achava Abdias muito radical. Fez umas palestras. Depois eu, por coincidência, a manifestação que houve em 78, em frente ao teatro municipal em São Paulo, que depois dali nasceu o MNU, tem gente que fala que foi organizado pelo MNU. O MNU seria fundado dias depois. Por acaso, eu estava em São Paulo, Maria Beatriz Nascimento me indicou para participar, para fazer uma palestra sobre a frente negra brasileira naquela reunião de... como é que é o nome? Anpocs. Era naquela época. Eu estava em São Paulo e fui participar. Abdias fez um discurso ali. Depois coincidiu que fui à Serra da Barriga e na Serra da Barriga encontrei Abdias e o que aconteceu? Você tinha falado de americanos em Salvador. Eu peguei um avião aqui no Rio uma vez, foi muito interessante, porque estava cheio de americanos que iam exatamente para a Serra da Barriga, ou também depois eu peguei americanos que iam lá para a Festa da Boa Morte, no recôncavo, na Bahia. Lá na Serra da Barriga veio um grupo de americanos e eles estavam precisando de dinheiro, pelo pessoal organizador, e pensaram em pedir alguma coisa aos americanos. Eu falei: não. Vamos organizar um evento e aí a gente cobra e eles pagam. E Abdias estava e ele teve um contato mais direto comigo. Acho que ele gostou dessa coisa. Quando o Brizola cria essa secretaria extraordinária de defesa e promoção das populações negras, Abdias me convida para ser... eu fui superintendente de alguma coisa, igualdade racial. Depois foi interessante, o chefe de gabinete era o Ney Lopes e o subsecretário era o João Ruffino. O Ney Lopes veio até mim junto com o João Ruffino, e o João Ruffino eu já conhecia. Em uma viagem dessas, a gente se encontrou no Senegal. O João Ruffino vem pedir para trocar de cargo. O Ney Lopes queria trocar de cargo, porque ele era chefe de gabinete e ele achava muito burocrático. Eu aceitei trocar de cargo

com ele. Depois o Abdias foi para o Senado, foi substituído pela Vanda Ferreira, depois voltou, então esse foi meu primeiro trabalho ali com ele. Depois o que aconteceu? Eu fazia um trabalho, uma coisa da área de turismo... sim, trabalhei, tive essa experiência com o maior jogador de futebol que eu conheci na vida e um ser humano que eu considero desprezível, que é o Pelé. O Pelé se referia ao Edson, ao Edson e ao Pelé, essas duas... trabalhei então no Ministério dos Esportes e tive uma experiência ruim, ambígua, algumas coisas boas que a gente conseguiu fazer, que aí estou de volta aqui e eu me lembro de que saiu a notícia, aquela notícia errada: Abdias toma posse do Senado substituindo Darcy Ribeiro. Não liguei para ele para não parecer que estava pedindo qualquer coisa. Aí recebo uma ligação: Medeiros, quer voltar para Brasília? Aí estou de volta para trabalhar com ele no Senado. Fiquei 3 anos, 97, 98, 99. 2 anos, 97 a 99. Minha experiência é muito boa, porque, na verdade, no Senado, o que eu fazia praticamente era escrever discursos dele e era "Ghost writer", escrever artigos assinados por ele. É interessante que ele me encomendava: escreve um texto aí sobre a frente negra. Eu tinha tanta afinidade de pensamento que ele encomendava e dizia: escreve aí. Aí depois ele vinha pegar o texto, mudava uma palavrinha aqui, uma outra palavrinha ali. Eu dizia: porra, que consagração! Me tornei muito próximo, quase que um parente, quase que um filho, ia visitá-lo, depois já casado com minha mulher Débora a gente ia visitar. Almoço na casa de Abdias, porque não tinha negócio de comida de sustentar, de comida não sei o quê. Era peru, era leitão, era uma caipirinha gostosa. Foi uma experiência muito boa.

WJPC: Nesse contato que você esteve trabalhando no governo, no trabalho público, como que era a presença de negros nesse momento, trabalhando nessas esferas? Existia? Como que se dava? Como acontecia essa elaboração?

CAM: Era uma presença pequena, mas especificamente direto, eu não percebia uma discriminação direta, mas percebia, sim, que havia uma dificuldade burocrática, uma dificuldade com os projetos. Acho que havia aquele poder que o Weber menciona, o poder da burocracia. Eu percebia isso. Mas era feito de uma forma discreta, nunca nada de frente, nunca bater de frente. Nunca percebi isso. Me lembro uma vez trabalhando no Ministério dos

Esportes, eu fui com junto com o Filó, que foi ser presidente do Instituto Nacional do Desenvolvimento do Desporto. Eu era assessor do ministro. Eu me lembro que houve um evento lá, Filó foi fazer um discurso, ele tem aquela voz grave. Quando ele começou o discurso, alguém fez uma brincadeirinha. Ele parou, continuou. Aí não teve mais nada.

WJPC: Nesse período, que você traz muito a questão desse trabalho anterior que sempre é feito para as políticas públicas serem o que elas são, você traz muito a questão do governo Fernando Henrique como uma porta de entrada. Pode explanar um pouquinho para a gente como é que foi isso?

CAM: O que acontece? Qual foi meu contato? O Fernando Henrique foi o primeiro presidente a reconhecer a existência de um problema racial. Já tinha havido criação desses conselhos de negro, municipal, estadual. Primeiro foi em São Paulo, no governo Franco Montoro, em 83. Aí outros no Rio, Rio Grande do Sul. A Fundação Palmares, criada no governo Sarney em 88. Esse governo do Brizola com essa secretaria em 91. Em 95, então, houve a marcha dos 300 anos de Zumbi em Brasília, que levou 35 mil pessoas. Na sequência da marcha o Fernando Henrique se torna o primeiro presidente a reconhecer a existência de um problema racial. Ele cria um grupo de trabalho interministerial para a valorização da população negra e era o representante de 8 ministérios, se eu não me engano, e da sociedade civil. Eu fui receber o presidente como representante do Ministério dos Esportes. Essas coincidências do destino. Conheci pessoas importantes. Tinha pessoa do Itamaraty, tinha um cara muito bom, um negro do Itamaraty, e em 96 o Ministério da Justiça organiza um seminário internacional. Qual é o título? Multiculturalismo e racismo, o papel da ação afirmativa nos estados democráticos, que foi aberto pelo Fernando Henrique. Queria que nós encontrássemos alguma forma original de fazer ação afirmativa, mas defendendo. Foi muito interessante, porque o cenário, estavam presentes grandes nomes, como Thomas Kidmore, Antonio Sérgio Guimarães, Carlos Hausenbaum, que era meu amigo pessoal, que eram todos a favor das ideias do movimento negro, mas achavam que ação afirmativa era uma coisa muito distante, que a elite brasileira era muito fechada. E, 5 anos depois, nós temos essas políticas encontradas aqui pela primeira vez no Rio, ação afirmativa com recorte racial. Ação afirmativa já estava presente aqui, embora

sem esse nome. Desde a lei dos dois terços lá da década de 30, medidas para mulher, para idosos, crianças e adolescentes, pessoas deficiência. Com recorte racial primeiro aqui na UERJ, quer dizer, uma lei da ALERJ, Assembleia Legislativa, que institui 40% de vagas para negros também com recorte de classe nas universidades do estado, UERJ e UENF. E isso que eu digo que acaba contaminando o sistema. Mas aí começa do Fernando Henrique. Essas medidas, na verdade, tinham começado a ser adotadas ainda timidamente no âmbito do Ministério da Justiça, Ministério da Reforma Agrária, que (inint) [00:58:04] e no Itamaraty. Aquelas bolsas para estudantes negros se prepararem para o concurso do Instituto Rio Branco. Isso já vem lá do Fernando Henrique.

WJPC: Você se recorda em que ano?

CAM: Segundo mandato do Fernando Henrique.

WJPC: Perfeito. A gente vai entrar breve nessa questão das políticas públicas, mas uma pergunta aqui que me é bastante interessante é como que foi para você o encontro do Durban enquanto efetivação de um grupo incluindo os negros, discutindo seus problemas?

CAM: Nós já tínhamos, porque muitas delas eram pessoas que já nos reuníamos para discutir. Tem algumas presenças marcantes. Mas o que foi mais interessante ali? A gente pode ter esse contato internacional com grupos. Primeiro, houve aquela coisa: os americanos se retiraram da conferência, os americanos e os britânicos, mas você tinha lá judeus de diferentes países, aqueles muçulmanos da China, todos defendendo pautas dessa natureza, negros de uma série de outros países. Foi um contato internacional muito interessante. Do ponto de vista do Brasil, a gente já estava muito acostumado a discutir a questão racial naquela época, tanto no plano local como no plano interestadual, encontros de negros do Sul e Sudeste. Eu me lembro de um encontro que foi muito importante, que foi em São Carlos, na Universidade de São Carlos, onde pela primeira vez nos reunimos dentro do Rio e de São Paulo, procurando uma pauta comum. Essa experiência de Rio Grande do Sul daí e Minas, Bahia. Isso não foi novidade lá, mas o contato internacional

envolvendo não apenas negros, mas pessoas de grupos discriminados de outras regiões do planeta foi muito importante.

WJPC: Na sua opinião, Carlos, em que momento histórico você acha que essas políticas públicas deixam de ter esse caráter mais socioeconômico e elas expandem para essa questão racial?

CAM: Exatamente a partir de 2001, na esteira da conferência, quando são adotadas essas medidas aqui no estado do Rio de Janeiro, universidades públicas estaduais. Como eu falei, isso contamina diversas universidades. Universidade de Brasília, Universidade Federal, Universidade Estadual da Bahia, Universidade Federal do Pará, votando essas medidas por decisão, não por lei, mas decisão dos seus conselhos universitários. Até chega em 2012, aí vem uma lei para todas as universidades federais, mas uma coisa importante para a gente manter. Há quem diga: ação afirmativa foi tipo uma benção, uma coisa do PT. Não foi nenhum partido político, embora setores do PT tenham apoiado, mas foi também no PT que saiu aquele tal de Movimento Negro Socialista, que apareceu para botar a cara preta contra a política de cotas. Foi uma ação do movimento negro. Em 2012 vem essa lei das federais e nesse mesmo ano o Supremo decidindo sobre um processo que foi aberto pelo DEM, Democratas, contra o sistema de cotas da Universidade de Brasília, por unanimidade, aí nos surpreendeu, que isso é constitucional. Começa também essas medidas no âmbito do serviço público. Em 2017 também são consideradas constitucionais. A ação afirmativa virou uma realidade. Eu digo dois grandes impactos. Um é visível: a mudança da paisagem humana nas universidades públicas no Brasil. Eu, que era o único lá atrás, agora no doutorado eu convivi com dezenas de negros, principalmente os homens, mas não somente, homens e mulheres, fazendo graduação, mestrado e doutorado. O debate sobre a ação afirmativa obrigou a sociedade brasileira a discutir a questão de raça. Eu digo, é um elemento fundamental dessa mudança que a gente está vendo. O Ivani me lembrou hoje de um outro aspecto, que é do campo empresarial, que as empresas precisam se adaptar a usar esses programas de diversidade, até para conseguir captar recursos internacionais. Isso é exigido agora internacionalmente, então vivendo nessa nova etapa. E é satisfação você ver, você ligar a televisão e ver aqueles anúncios: médico

negro no anúncio da Amil, é uma mulher negra dirigindo um carrão, é uma família negra alugando a casa de veraneio, coisas que a gente não via. É claro que isso tem um reflexo sobre autoestima, principalmente da garotada negra, você se vê representado.

WJPC: Partindo um pouquinho para a sua formação acadêmica, no mestrado você vai trabalhar a questão da legislação, como que se dá essa construção? A partir de que ponto você chega a esse tema?

CAM: Eu não me lembro quem que me atraiu exatamente para legislação. Na época, não me lembro exatamente, mas era aquela coisa: nos Estados Unidos, houve leis, especialmente no Sul, a segregação, as leis, por exemplo, contra o casamento inter-racial, aquela norma “one drop rule”, lei de uma regra de uma gota de sangue. No Brasil, embora tenha havido algumas leis também, isso se deu pelo costume. Então eu queria comparar essas duas realidades, eu via que havia muitas diferenças, mas também muitas semelhanças. Eu acho que isso ficou muito patente, por exemplo, mais recentemente, a partir daquele incidente do assassinato do George Floyd em Minneapolis. A atuação da polícia é muito semelhante. Quantas pessoas já foram asfixiadas tanto por policiais quanto por... em supermercados, por vigilantes? Agora, a reação é muito mais intensa lá. Então eu mostro como isso conseguiu funcionar aqui sem lei, necessariamente, e lá foi por lei. E por lei, ao mesmo tempo, tornou um pouco mais fácil você reagir, porque ela está explícita, enquanto essa ideologia da democracia racial é um grande obstáculo, porque você tem que trabalhar contra um inimigo invisível e o próprio Abdias me falava como era quase impossível, principalmente na década de 30, início da década de 50, você denunciar alguém por democracia racial. Você estava sendo impatriótico, estava sendo divisionista, então era preciso: se o Brasil é uma democracia racial, pessoas que fazem isso não são patriotas. Um raciocínio tortuoso, muito ineficaz.

WJPC: Engraçado, mesmo depois da pesquisa de 49 da Unesco é que ele não chegava à conclusão de que ainda se seguiu...

CAM: Sim. A pesquisa da UNESCO é um marco, mas ela abre um pouco uma discussão no campo acadêmico pelo menos. Já dá mais espaço para os

negros discutirem, porque é uma conclusão meio ambígua, porque eles percebem a discriminação racial, mas, como eu digo, a maioria deles é desenvolvimentista, então eles tinham a visão de que esses problemas eram reminiscências arcaicas da escravidão e queriam desaparecer com o desenvolvimento. Depois a maioria deles mudou de ideia, mas já deu mais abertura. E na pesquisa da UNESCO, essa comparação apareceu muitas vezes. O Oracy Nogueira fez uma pesquisa sobre uma cidade do interior de São Paulo que ele foi ver, e aí ele chegou à visão de que Estados Unidos e Brasil, aqui nós temos o preconceito de marca, que é o fenótipo, e lá eles têm o preconceito de origem, que seria a regra. Eu digo que lá são as duas coisas, marca e origem. Ninguém precisa me perguntar árvore genealógica lá, mas só que eu podia ser loiro e por ter antepassado branco ser considerado negro. O que fez a pesquisa no Rio de Janeiro, Luís Costa Pinto, diz o seguinte: que a diferença entre Brasil e Estados Unidos em questão de raça era uma diferença de grau, não de essência. Tudo aquilo que aconteceu lá, aconteceu aqui e vice e versa, mas em grau, em nível diferente. É interessante.

WJPC: Sim. Vamos um pouquinho mais, Carlos. E o seu trabalho enquanto tradutor? Como que você vê, você hoje já traduziu muitos livros, é um principal tradutor do Zygmunt Baumann que é um dos grandes sociólogos do mundo. Enquanto homem negro trabalhando com a tradução, como você contaria um pouco dessa experiência para a gente?

CAM: Eu não vejo minha negritude como tão pesada. O que aconteceu? Eu trabalhei durante algum tempo, quando eu terminei a faculdade, eu trabalhei algum tempo em uma gravadora de jingles fazendo letras de jingles. Jingle é cantado. Spots. Até teve um que eu fiz em cima de uma música dos Beatles. Era uma caderneta de poupança, então tem aquela música dos Beatles, When I'm 64, quando eu tiver 64 anos, e falei assim: quando você puder recordar dos cabelos longos, dos tempos felizes, que o tempo não pode apagar, você vai agradecer a Morada, onde o seu dinheiro não parou de crescer, caderneta de poupança Morada. Foi um trabalho interessante. Aí o Orlando Fernandes, que foi presidente do IPCN, Instituto de Pesquisa de Cultura Negra, trabalhava com contrato de gráficas e aí ele me avisa que na editora da Zahar, Jorge Zahar editor, estavam precisando de alguém como assistente editorial. Ele me

apresentou. O Jorge Zahar me pregou lá. É interessante. Ele tinha uma visão. Embora a visão da esquerda, mas ele... tanto que ele botou meu nome dentro da editora como professor, e acho que era uma forma de evitar a discriminação. Professor. Eu me lembro de uma situação em que um grupo de americanos chegou para falar com ele e eu na antessala dele, assistente editorial. E os americanos chegaram ali. Eu devia ser lá um... não, estava falando. Aí os caras: era eu. E o que aconteceu? Lá eu comecei a fazer muito trabalho de... eu já tinha sido trabalhado como revisor no Jornal do Brasil, revisor tipográfico, não existe nem mais tipografia, mas provas tipográficas. Ele também começava a trabalhar como copydesk. Hoje eles são preparadores de texto, quando você pega um texto de um autor nacional ou uma tradução, vai corrigindo português. Hoje você vai fazer no computador, mas você pegava o escrito, escrevia por cima. Fazia isso para algumas editoras. Uma vez eu peguei no livro de uma editora, acho que Nova Fronteira, era um livro de divulgação científica. Era um livro daquele Carl Sagan o autor de *Cosmos*. O título era: o romance da ciência. Em inglês era *Broca's Brain*, o cérebro de Broca, mas o título em português é decisão editorial. Eu peguei o livro, era tanto erro de português, estava todo corrigido. O cara entrava nesses falsos amigos. Era um esquisito dia de outono na Nova Inglaterra. Exquisit não é esquisito. Era um belo dia, alguma coisa assim. A responsável falou: quer traduzir? E eu traduzi meu primeiro livro, que foi esse, *O romance da ciência*. Depois traduzi (inint) [01:12:55] e traduzi outros. Júpiter, (inint) [01:13:06] que era um autor de ficção científica, mas esse era um livro... mas (inint) [01:13:13] uma viagem a Júpiter, então (inint) [01:13:15] encontrar no caminho. Não era ficção científica. Traduzi mais uns dois. Depois eu concluí o mestrado, aí eu fui a Zahar: agora eu me considero habilitado a traduzir livros de ciências sociais. Eu já tinha traduzido textos de ciências sociais, mas artigos para revistas de estudos afro-asiáticos, coisas assim. Eles me dão um livro para fazer um teste. Eu gostava, fizeram algumas observações. Qual era o livro? *Amor líquido*. Foi a minha primeira tradução para Zahar. Depois de *Amor líquido* veio *Identidade, Europa*, vários do Baumann e de muitos autores. Tive uma experiência muito gratificante, que alguns anos atrás, não sei se foi 2015, 2016, Baumann veio ao Brasil para aquele evento *Educação 360*, que é o SESC com o Jornal Extra, e

eu, como trabalhei no SESC, fiz o contato com um amigo, queria ser convidado para assistir. Aí o pessoal do SESC me disse: você não quer fazer uma entrevista com o Baumann? Fui eu lá na Escola SESC em Jacarepaguá e me avisaram que ele tinha chegado na véspera, meio irritado. Ele estava com a segunda mulher dele, a Janina Baumann já tinha morrido. Já tinha traduzido até o livro dela, a biografia dela, Inverno na manhã, uma jovem do gueto de Varsóvia. Aí me apresentei a ele, mostrei minhas traduções. Ele viu que eu domino. Pô, cara, eu fazia uma pergunta, ele voava. E a minha mulher chegou atrasada, pegou problema de trânsito, mas eu quero ser apresentada ao Baumann. Eu fui e apresentei. Aí ele virou para ela: your husband is a wonderful man. Ela falou: vou te chamar agora de Mr. Wonderful. Realmente, foi uma experiência...

WJPC: Ser chamado de wonderful pelo Baumann, realmente não é qualquer coisa. É uma coisa bastante interessante.

CAM: E mais recentemente eu traduzi 2 livros dele, quer dizer, um livro dele. Um que ele escreveu em 68 e não foi publicado. Foi em 68 que ele teve que sair da Polônia, os judeus perderam a cidadania polonesa e encontraram os originais, mas é um livro teórico, é um livro sobre teoria sociológica. E a biografia do Baumann, que é um negócio muito... aquela infância dele, o antisemitismo, muito bravo, e como é que ele superou, como é que ele avançou.

WJPC: Eu não li a biografia, mas na identidade ele traz alguma passagem explorando isso. Agora, então, a questão do seu doutorado, que é o seu último grande passo acadêmico.

CAM: Eu voltei à comparação Brasil e Estados Unidos em uma perspectiva mais ampla, não foi a lei, não foi a legislação. Por exemplo, claro, o Black Rio eu tinha que trabalhar com isso. Um incidente também muito interessante, aliás, dois, comparei e as pessoas normalmente não conhecem, é comparação de duas iniciativas de imigração de americanos para o Brasil e como é que elas foram recebidas. A primeira foi no final da década de 1860, início da década seguinte, brancos do Sul dos Estados Unidos que fugiram para cá, resolveram imigrar depois da derrota para o Norte. Muitos achavam que iam ter vergonha,

se sentir humilhados, porque teve que tratar os negros como iguais, coisas dessa natureza. O Brasil ainda tinha escravidão, o escravo aqui era mais barato. Eu sei que vieram, segundo as estimativas, 22 mil americanos, se estabeleceram principalmente em Americana, São Paulo, Vila dos Americanos, e Santa Bárbara do Oeste, onde até hoje eles têm cerimônias com aquelas roupas dos confederados, aquela bandeira. Agora que não existe protestos e tal. Foram superbem recebidos pelo governo. O governo estimulou, disseram, são seres superiores. Muito bem. Em 1920 o estado de Mato Grosso publica um anúncio em periódicos americanos estimulando americanos a virem para o Brasil como imigrantes, oferecendo o que eles ofereciam, passagem do navio, pedaço de terra, e isso acaba tendo uma repercussão, saiu no Jornal Both Effort American Journal, que era um dos grandes jornais da imprensa negra, e estimula um grupo de negros de Chicago a criarem Brazilian American Colonization Civated, porque, naquela época, havia a visão de que a solução para o problema racial estava nos portos, estava em sair dos Estados Unidos, de volta à África, como Marcus Garvey pregava ou a pergunta por que não para o Brasil? A visão que eles tinham: eles viam uma foto do Nilo Peçanha e ali eles viam um mulato, logo um negro, essa era a tendência dos Estados Unidos, e isso significava que havia status para ascensão de um negro no Brasil. Eu falo: erro de tradução cultural. Primeiro que nem todos os brasileiros viam o Nilo Peçanha como um mulato e o mulato, especialmente o mulato claro, não era um negro. Quando a notícia chega ao Brasil de que negros americanos estavam se organizando para vir para cá, provoca o escarcéu. Projetos de lei são apresentados no congresso para proibir aquilo. Até então, houve a primeira lei de imigração, que proibia imigração de nativos da África e da Ásia. Depois quebraram isso para vir os japoneses. Mas os americanos não eram nativos da África. Eu sei que esses projetos não passam, mas o Itamaraty manda uma ordem secreta para a embaixada, para os consulados, para não dar visto para os negros americanos. Só em situações excepcionais. Na Constituição de 34 já fala de a imigração manter a identidade europeia. Só lembrando, entre os descendentes desses americanos brancos que vieram para cá está a Rita Lee, cantora Rita Lee Jones, aquele Gregório Duvivier,

humorista fantástico, e a ministra Ellen Gracie, que foi ministra do Supremo, descendente desses americanos.

WJPC: Carlos, eu acho que você fez um bom panorama da sua história, a gente conseguiu abranger vários pontos, para chegar nesse ponto que é um ponto bastante importante, que é que você se tornou um comunicador de direito das pessoas negras. Como você vê isso? Como você entende esse momento da sua vida?

CAM: Eu me vejo... às vezes, me perguntam quanto você vai cobrar? Eu falo: se me pagaram, não tenho nada contra, mas eu me vejo como um missionário. O que eu já apresentei em escolas, em faculdades, em sindicatos. Uma coisa mais gratificante na vida, já aconteceu algumas vezes, é cruzar com um camarada na rua e: você lembra? Você fez uma palestra em uma escola não sei onde. Naquele dia, mudou a minha vida. Eu falo: ah. É o maior prêmio. Eu me lembro mais recentemente, em Salvador, uma festa. Lá eu sou conselheiro do Olodum, saí do Ilê Ayê, sou amigo de vovô. Aliás, pessoal está vindo aqui. Dia 12 de agosto o Awurê, que é a festa de samba do filho do Filó está fazendo, está trazendo o Ilê Ayê. Sou super ligado dentro dessas histórias. Lá, chego em Salvador, estou em uma festa, aí vem uma moça, vem uma menina, a menina olha para mim, começa a brilhar os olhos: na aula nós usamos o seu café filosófico. O que acontece? Eu digo o seguinte, que o principal impacto negativo do racismo sobre os negros não é a discriminação que a gente possa sofrer, é sobre a autoestima, porque se eu me considero inferior, eu sou inferior, eu vou me comportar como inferior. A primeira coisa que a gente tem é atacar. Quando a gente mostra história africana, quando a gente mostra quilombos, quando a gente mostra toda a resistência à escravidão e o quanto tudo isso afeta o conjunto da sociedade brasileira. Não é apenas uma luta dos negros, é uma luta para melhorar o Brasil, e eu tenho, vamos dizer, a chancela para isso de organizações importantes do capitalismo, porque eu já fiz uma vez de uma delegação ao Banco Mundial, com essa mesma delegação o Banco Interamericano, em Washington, e depois convidado mais 3 vezes pelo Banco Interamericano para falar da questão racial no Brasil. Por quê? Qual é a visão dessas organizações? O problema racial afeta o conjunto da sociedade brasileira. O quanto a sociedade brasileira poderia ser mais avançada se os

negros tivessem melhores condições? Mais avançada economicamente, educacionalmente, tudo. Ia produzir mais cientistas e tudo que você possa imaginar. Por isso, pelas minhas experiências de vida, falei aqui de brancos que me apoiaram pessoalmente e de quanto nós fomos apoiados também nessa luta pela ação afirmativa, nós não conseguiríamos isso, eu digo, se não tivéssemos brancos que nos apoiaram. Do caso da Universidade de Brasília, José Jorge de Carvalho, que foi um branco que foi o grande lutador pelas cotas na Universidade de Brasília. O tempo que eu trabalhei no Maracanã, trabalhei alguns meses no Maracanã e vejo na Tribuna o Marco Aurélio Melo, que, naquela época, era o presidente do Supremo e tinha publicado um texto defendendo a ação afirmativa. Eu fui falar com ele. Senhor Ministro, permita que eu me apresente: vou dizer só uma coisa, eu sou do movimento negro. Ele imediatamente apertou a minha mão: nós vamos vencer. Meu amigo, arrepia. É isso que nós estamos trabalhando. Claro, muito em cima dessa identidade positiva negra. Nós somos fortes, nós somos inteligentes, nós somos unidos, nós somos corajosos, nós temos um papel importante na história. Não no Brasil, no mundo. Nós merecemos estar em uma situação melhor. Temos que lutar para isso, unir forças entre nós e com os brancos progressistas, que existem, sim, e que juntos nós vamos vencer essa história. Eu digo que isso que nós temos vivenciado agora, embora estejamos longe de alcançar a igualdade, os números mostram do ponto de vista socioeconômico e educacional, mas a gente consegue ver uma luz lá no fim do túnel, a gente consegue ver uma coisa lá no horizonte, usando uma metáfora médica, para que uma pessoa se cure de uma doença grave, é preciso, em primeiro lugar, que ela reconheça a existência dessa doença e que passe a se medicar adequadamente. A sociedade brasileira está começando a reconhecer o problema do racismo, então tem esperança.

WJPC: Sim. Como última pergunta, para a gente finalizar nossa entrevista, foi tudo superinteressante, como que é a sua percepção sendo objeto de pesquisa de pós-graduação hoje? Acho que a sua vida vem trazendo vários elementos que te condicionam a isso. E como é para você hoje ter essa oportunidade?

CAM: Já me aconteceu. Eu acho que é uma cadeia de transmissão. Nós estamos passando isso para as gerações. Vocês já estão pegando um campo

mais aberto. Na academia, lá para trás, eu não sofri esse tipo de coisa, mas era mais difícil. Os próprios orientadores não aceitavam que você trabalhasse a questão racial: isso não vai dar em nada. Se incomodavam com isso. No meu caso, do mestrado, meu orientador, Luís Friedman falou para mim: olha, eu não entendo muito dessa questão. Me deixou totalmente à vontade. Eu entendo bem da construção de uma dissertação e tal. Eu me lembro quando eu cheguei, eu desenvolvi uma técnica a partir da primeira vez que eu tive que falar para um público grande, comecei a trabalhar isso: se eu vou fazer uma palestra, eu preparamo aquela palestra. Eu preparamo como? Qual é o melhor momento? Quando eu estou correndo. Não tem interrupção, estou cheio de adrenalina e eu começo ali. Começo a trabalhar na minha cabeça. Depois eu começo a falar: não, aquela parte está grande. Fui para defender a dissertação, tinha 45, 40 minutos. Depois o Friedman falando: pessoal chega aqui cheio de livros, ele veio com uma agenda e nem abriu. Foi totalmente aberto, a turma também era uma turma excelente. Depois, agora no doutorado, então, tive alguns professores negros e os meus dois orientadores, Flávio Gomes e Alisson de Moraes, negros, então no problem.

WJPC: Realmente, é uma mudança. Eu, então, que estudo na Rural, que é quase uma meca negra, tanto professores como os alunos.

CAM: Tem o Milton, Amauri, tem o Alan.

WJPC: Tem muito. Tem a professora Viviane...

CAM: Joselina ainda está?

WJPC: Joselina também é professora lá. Carlos Alberto, agradeço muito a sua presença aqui hoje. Foi de grande valia. Você conseguiu passar todos os passos que eu desejo. Te agradeço novamente por essa oportunidade de estar aqui trazendo um pouquinho da sua história e de estar me dando oportunidade de trabalhar você no meu tema, que vai ser de grande riqueza. Agradeço imensamente.

CAM: Foi um prazer.

WJPC: Bom demais.

[01:29:23] - Fim.

2.2 – Uma análise do discurso.

A entrevista descreve aspectos da história de vida e militância do intelectual Carlos Alberto Medeiros, explorando aspectos biopsicossociais em análise com as questões que referendam o pertencimento endógeno, que trabalhamos no capítulo anterior. Nessa análise, buscamos a partir das falas de CAM, conexões com o conceito de pertencimento endógeno, buscando a confirmação das nossas hipóteses no desvelar do conceito na vida da pessoa negra.

Carlos Alberto Medeiros relata sua percepção sobre sua identidade racial e as influências de sua família e ambiente doméstico na construção dessa identidade negra. Ele menciona que, apesar de seus documentos mais antigos constarem como "pardo", ele sempre soube que era negro e nunca negou sua origem racial.

Sua mãe, embora uma empregada doméstica semianalfabeto, sempre ressaltou a importância em conscientizá-lo sobre a questão racial. Quando CAM afirma: "ela tinha muito cuidado com isso, até na percepção da questão racial. Não poderia dar motivo para me discriminarem", fala do instinto protetivo maternal e familiar, que estabelece por relação filogenética, assim como que possibilita o pertencimento endógeno adentrar na cosmologia corporal, do cuidado com o corpo e da mente da pessoa negra. Comparado ao Orí, que guia e afasta dos maus caminhos, que acompanha a pessoa negra durante seu nascimento e toda sua vida, com sabedoria para a pessoa negra vencer os obstáculos e se manter resistente.

CAM relata que foi em Porto Alegre, em suas viagens de férias à casa de familiares, que foi apresentada a segregação racial. Além da população majoritariamente branca da cidade, existiam os clubes e festas que eram separados entre brancos e negros. Apesar dessa segregação, Carlos menciona que os clubes de negros ofereciam um ambiente protegido, onde não eram alvo de racismo ou discriminação. Ele destaca a contradição de como

essa segregação, que é algo ruim, pode ter efeitos colaterais positivos, como a união e a valorização de pessoas negras dentro desses espaços. O pertencimento endógeno se dá pela compreensão de um sentimento que compartilha de fraternidade e solidariedade, que propicia espaços de organização coletiva e comunitária, fortalecendo a capacidade de construir uma identidade negra curativa frente aos males do racismo.

CAM compartilha suas experiências relacionadas à discriminação racial e à construção de sua identidade negra. Ele menciona lembranças dolorosas da infância, como insultos raciais dirigidos a ele, como "macaco" e "tição", mas que o fizeram ter uma postura de enfrentamento ao racismo. Essa tomada de consciência do ser negro, e das adversidades impostas pelas questões raciais, fez com que suas próprias experiências do seu dia a dia influíssem em sua capacidade de perceber e ser percebido no mundo, possibilitando ao ego novos modos de perceber, pensar, sentir, criar memórias e identificações, trazendo para o consciente o processo de reconhecimento do ser negro, no dia a dia da pessoa, característica do pertencimento endógeno.

CAM relata que sempre se percebeu um corpo negro, diante das identificações com seu contexto ancestral, histórico e simbólico. Essa conscientização da condição do ser negro, ativa os artifícios capazes de modificar os esquemas de pensamentos, valores, habilidades e competências, assim como seus modos de pertencer a um dado território e cultura.

Estudar sempre foi uma ferramenta de aceitação do entrevistado nos espaços estudantis pouco frequentados por negros. Devido sua inteligência e seu comprometimento com a questão estudantil, CAM destaca que teve acesso à cultura da classe média, por conta da vivência nas casas em que a mãe trabalhava, incluindo linguagem, modos e bibliotecas, que despertou o fascínio por leituras. Desde cedo, desenvolveu o prazer pela leitura e demonstrou talento para aprender inglês. Além disso, CAM relata sua experiência na faculdade, onde era o único aluno negro do curso. Essa situação destacava não só a falta de diversidade e políticas de ação afirmativa na instituição na época, mas também a necessidade de desenvolver artifícios para reduzir as sequelas do racismo, presentes nesses espaços.

Os relatos exemplificam a jornada de CAM em sua formação de identidade e construção do pertencimento endógeno, que se deram com as possibilidades de desenvolver suas potencialidades embasadas em valores culturais, linguísticos, raciais, sociais e educacionais. A edificação das subjetividades e coletividades de CAM reverbera na produção de um universo propício ao desenvolvimento do pertencimento endógeno, assim como a construção de sua identidade negra.

CAM destaca a importância da representatividade na mídia, mencionando filmes de ação com heróis e heroínas negros, que despertaram um impacto positivo nele, ao ver personagens negros sendo retratados como belos, corajosos, inteligentes e cheios de orgulho negro. Vale recordar, que essas produções se dão em consonância com os movimentos de Negritude, dispostos pelo mundo.

Ele também aborda a adoção do cabelo afro, e como isso se tornou um elemento importante em sua identidade. CAM menciona que começou a deixar o cabelo crescer após se identificar com anúncios e modelos que apresentavam cabelos afro naturais. Ele menciona o exemplo do ator Tony Tornado, que tinha um cabelo afro e o inspirou. O pertencimento endógeno é admitido como os conteúdos conscientes e inconsciente do corpo e da corporeidade, no seu sentido material e/ou imaterial, e esses símbolos são importantes elementos na construção da subjetividade e identidade da pessoa negra. O corpo expressa o simbolismo instrumental do pertencimento endógeno, que transforma a energia criativa em energia coletiva, protegendo e valorizando o corpo da pessoa negra e sua negritude.

CAM também faz referência à influência dos movimentos de direitos civis nos Estados Unidos, mencionando líderes como Martin Luther King Jr., Malcolm X e os Panteras Negras. Ele acompanhou esses movimentos e se interessou pela realidade dos negros americanos, o que o levou a se voltar mais para a cultura afro-brasileira e a se identificar como parte daquela realidade. Essas experiências, narradas por CAM, ilustram a construção de sua identidade negra, influenciada por suas vivências, representatividade na mídia,

movimentos sociais e a percepção de suas diferenças em relação à população branca.

Ao mencionar sua experiência na Bahia, CAM destaca a importância da identidade negra e como essa identidade pode ser valorizada de forma positiva. Diante dessas identificações, a pessoa se permite arquitetar um ambiente propício para a moldagem das questões geográficas e territoriais, que são elementos basilares do bem-estar e sentimento de pertença com o lugar, que se estabelece pela cor da pele, e que fundamentam o pertencimento endógeno da pessoa negra.

É interessante ouvir sobre suas experiências de identidade em diferentes países e regiões. A identidade é uma construção complexa e pode ser influenciada pela história, cultura e percepção das pessoas ao redor. É fascinante como CAM foi percebido de maneiras diferentes em cada lugar que visitou, refletindo as complexidades das relações raciais e étnicas em diferentes sociedades do mundo.

Ele menciona que, em São Paulo, inicialmente era identificado como baiano, que é algo pejorativo, mas na Bahia, ser baiano é considerado algo positivo, com uma autoestima fantástica. No Senegal, por exemplo, CAM foi identificado como egípcio. Nos Estados Unidos, descobriu duas identidades possíveis: a de um negro americano e a de um etíope, com base nas percepções das pessoas ao seu redor. Na África do Sul, surpreendeu-se ao ser comparado a indianos devido à presença significativa dessa comunidade no encontro de Durban. Em Londres, também foi identificado como indiano por uma recepcionista.

Essas experiências destacam como a identidade pode ser atribuída com base em características físicas, cultura e contexto histórico. O pertencimento endógeno admite sua natureza a partir da linguagem estabelecida entre as pessoas. Corpos, símbolos e valores culturais exprimem a realidade das significações da experiência coletiva do ser negro na sociedade, aproximando a cor e sua preponderância. Enquanto material objetivo presente em cada indivíduo negro, o pertencimento endógeno é a ocupação humana do negro no

tempo, assim como no espaço, refletindo a diversidade e fluidez do conceito de identidade.

CAM avulta o acolhimento que recebeu no Senegal, onde sentiu uma consciência diaspórica e conexão com a história da diáspora africana. Nos Estados Unidos, CAM foi percebido como um negro americano local, experimentando o sentimento do pertencimento endógeno, que reconhece seu corpo como instrumento de conexão com sua ancestralidade africana, propiciando um ambiente gentil e comunicativo para a construção de uma identidade negra dentro da sociedade.

CAM destacou a comparação entre as realidades do Brasil e dos Estados Unidos, base de seus estudos acadêmicos, no que diz respeito ao preconceito racial. Enquanto nos Estados Unidos existiam leis de segregação, como as leis contra o casamento inter-racial e a "one drop rule", no Brasil, o preconceito se deu mais por meio de costumes e pela diferenciação do fenótipo. No entanto, Medeiros menciona que há muitas semelhanças, mas a grande diferença entre os dois países em termos de raça, argumentando que é uma diferença de grau, não de essência.

Ou seja, os problemas enfrentados nos Estados Unidos também ocorrem no Brasil, mas em diferentes níveis, trazendo especificidades no enfrentamento desse problema, uma vez que nos Estados Unidos o problema foi resolvido, em maior parte, por leis. Assim, CAM reconhece o apoio de brancos progressistas nessa luta e enfatiza a importância da união de forças entre negros e brancos para superar esses desafios.

CAM ressalta a importância da autoestima e da valorização da identidade positiva negra para combater o racismo. Além disso, atesta que a luta contra o racismo não é apenas dos negros, mas uma luta para melhorar o Brasil como um todo, uma vez que o problema racial afeta toda a sociedade. O reconhecimento consciente do que é ser negro, sua importância enquanto ser humano individual e coletivo, assim como sua apropriação das pessoas condizentes com sua ancestralidade e história, definem os significados e significações que possibilitam um caminho da valorização dos atributos da pessoa negra.

Perante uma análise afetiva, com esse olhar fraterno, a pessoa negra pode desenvolver seu potencial para construir sua identidade e sua negritude, e entender seu papel extraordinário de humanidade frente ao sub jugo imposto pelo racismo.

CAM também menciona a importância da ação afirmativa como uma política de inclusão e valorização da população negra no Brasil. Através de iniciativas como cotas raciais nas universidades, houve uma mudança visível na composição demográfica dessas instituições, permitindo que mais pessoas negras tivessem acesso à educação superior. Suas experiências e reflexões destacam a complexidade da identidade e como ela pode ser influenciada por fatores históricos, culturais e sociais. É importante valorizar e respeitar a diversidade de identidades e reconhecer a necessidade de políticas inclusivas que promovam igualdade e equidade.

CAM compartilha suas reflexões e experiências sobre o debate em torno da ação afirmativa, a questão racial e as mudanças que estão ocorrendo na sociedade brasileira. Ele mencionou que as empresas estão se adaptando ao uso de programas de diversidade para atrair recursos internacionais, o que tem levado a uma maior representação de pessoas negras em anúncios e propagandas, o que afeta positivamente a autoestima da comunidade negra, especialmente os jovens. O pertencimento endógeno, de modo irreprimível, traz do campo inconsciente as imagens primordiais necessárias para um ocupação do lugar na sociedade outrora negado pela cultura branca e racista.

Apesar de reconhecer que a igualdade ainda não foi alcançada, CAM acredita que “há uma luz no fim do túnel” e que a sociedade brasileira está começando a reconhecer o problema do racismo, o que traz esperança, na visão do entrevistado. Essas reflexões levam CAM a se ver como um missionário, compartilhando conhecimento em escolas, faculdades e sindicatos, e encontrando gratificação ao ver o impacto positivo que isso pode ter na vida das pessoas. O pertencimento endógeno tem como função desvelar a importância do corpo negro como um objeto de racionalidade ancestral e humana, trazendo outras possibilidades de vida e acesso a bens materiais e

imateriais, a partir da solidariedade com nossos irmãos negros e negras pelo mundo.

A análise do discurso produzida a partir da entrevista, revela que CAM é um indivíduo com uma extensa experiência de vida e atuação nas áreas de jornalismo, escrita, tradução e, nas pesquisas em relações étnico-raciais. Sua trajetória abrange uma dedicação de mais de 50 anos ao estudo das questões que afetam as relações entre corpos negros no Brasil e no mundo.

Nossa análise desse discurso destaca o engajamento de CAM em questões políticas relevantes, como sua participação na conferência de Durban em 2001, na África do Sul, e seu envolvimento governamental na construção de políticas públicas em favor das ações afirmativas. Em nossa interpretação, o conceito de "pertencimento endógeno" se apresenta como um algo empírico e que relacionamos com à militância e vida de Medeiros.

Em suma, Carlos Alberto Medeiros é considerado uma figura importante na comunidade negra brasileira devido à sua longa trajetória de estudo e militância em questões raciais, bem com sua contribuição na produção de obras relevantes. Tal contribuição o faz reconhecido para a comunidade negra brasileira e no mundo, e objeto de pesquisa dessa dissertação. Essa informação é apresentada como uma fonte de honra e alegria para a pesquisa em questão.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito “pertencimento endógeno”, mencionado na pesquisa, refere-se ao sentimento de pertencer a uma identidade negra e à construção dessa identidade a partir das características biopsicossociais, conscientes e inconscientes, expressas no corpo negro e nas suas expressões de corporeidade. Neste sentido, o pertencimento endógeno busca e possibilita desenvolver a identidade da pessoa negra no Brasil, agregando indivíduos negros distintos em uma coletividade simbólica comum de matriz africana.

A identidade e a identificação são unidades psíquicas que plasmam fundamentação na sociedade, conectando as dimensões psicológicas,

socioantropológicas e históricas desses elementos através da psique. No caso da pessoa negra, a identidade e a identificação estão relacionadas à correlação de movimentos psíquicos que buscam trazer inteligibilidade às características que definem o indivíduo negro e suas coletividades na sociedade brasileira, em relação aos negros em si e aos demais brasileiros.

A compreensão da história da pessoa negra no Brasil, incluindo o período de escravidão, é vista como essencial para se conectar com as raízes e abordar os problemas decorrentes do racismo. O racismo é uma força que busca aniquilar os aspectos subjetivos e coletivos da pessoa negra. Portanto, é enfatizada a necessidade de construir proposições que desvelem e revelem a descolonização mental da identidade produzida pela e para a população negra no Brasil, considerando suas experiências históricas, percepções e vivências.

No imaginário social brasileiro, alimentado pelo racismo, a representação da pele negra ainda é associada a características pejorativas, o que leva à exploração dos corpos e mentes negras. O processo de escravização deixou marcas profundas que ainda fomentam o racismo, classificando as pessoas negras como inferiores, e a investigação aponta para importância desse dado.

A pesquisa aponta para o problema da reconstrução da identidade dos negros que foram trazidos da África e expostos a estruturas sociais hostis, desde a captura em terras africanas até sua alocação no Brasil. Esse processo, completamente diferente das dimensões sociais e estruturais nas quais os sujeitos africanos estavam inseridos, em seus países de origem, forçou-os a viver uma série de imposições que condicionavam suas identidades a uma posição de subalternidade, desvinculada da pessoa negra africana original.

É importante destacar que a formação da personalidade e identidade das pessoas negras foi profundamente afetada pelo legado da escravidão, e suas consequências se estendem até os dias atuais, perpetuando desigualdades entre brancos e negros. O racismo busca aniquilar os aspectos subjetivos e coletivos da pessoa negra, e construir proposições que fortaleçam a ideia de uma identidade produzida pela e para a população negra, desconsiderando sua história, percepções e vivências, logo, é fundamental que

o corpo negro possa se fazer e refazer presente na história e construir uma identidade positiva e processos de identificação alinhados com sua ancestralidade e promoção de bem estar social.

O racismo também se manifesta por meio de sistemas estruturados pelo Estado, afastando a população negra do acesso à terra, cultura e educação. Os dados revelam que essa parcela significativa da população está privada dos direitos necessários para uma vida plena e digna devido às consequências da escravidão, que continuam a afetar essas comunidades, ainda no século XXI.

O contexto histórico da escravidão teve um impacto profundo na formação da personalidade e identidade das pessoas negras no Brasil, tanto de forma consciente quanto inconsciente, que vai além do dia 13 de maio de 1888, data da abolição da escravidão. Os modelos sociais e econômicos presentes no sistema escravista desencorajavam a individuação e o desenvolvimento pessoal dos escravizados, limitando suas possibilidades de expressão e autodeterminação. Portanto, ainda hoje, pessoas não negras e não autóctones que se inserem intelectualmente na história do Brasil buscam atribuir um sentido ético e digno ao dia 14 de maio de 1888, o "amanhecer" no último país escravocrata do Novo Mundo.

O corpo negro, como uma experiência empírica, materializa comportamentos e emoções por meio de expressões corporais e sociais, refletindo uma corporeidade que está relacionada ao manejo das interpretações simbólicas e culturais de uma determinada sociedade. Os aspectos fenotípicos do corpo negro, como a cor da pele, traços faciais, cabelo e penteados, estão conectados à ancestralidade africana e desempenham um papel importante na experiência e compreensão da identidade racial.

O corpo negro é o agente vivo que a sua irradiação possibilita o processo de individuação de cada ser humano negro em diáspora. Sua trajetória de construção é individual, mas também está conectada de forma interdependente com outros corpos em sua trajetória coletiva. Os movimentos históricos da população negra, marcados pela solidariedade e capacidade integrativa, são considerados importantes para a formação da identidade e processos de identificação após a abolição da escravidão no Brasil, assim,

criando um ambiente biopsicossocial propício para a construção do pertencimento endógeno.

Os dados sobre o desenvolvimento da população negra, impulsionados pelas políticas de ações afirmativas em diversos setores, demonstram a força e o potencial que as pessoas negras podem alcançar quando acolhidas por políticas públicas que garantem o acesso a novas oportunidades para desenvolver sua humanidade integralmente. No caso, é possível discernir os distintivos psíquicos e sociais que o atravessam, contribuindo para sua subsistência e plenitude, como aponta os dados trazidos nessa investigação.

A corporeidade autêntica do corpo negro se expressa em diversos aspectos, como danças, culinária, arte e vida coletiva, proporcionando representações imagéticas no contexto social e cultural. A pluralidade das vivências permite a criação de caminhos para a existência plena, onde a personalidade e as pessoas desempenham um papel importante na convivência saudável e equilibrada entre as pessoas, ao mesmo tempo em que influenciam na formação da identidade. O inconsciente pessoal e coletivo abrange todo o material de uma condição humana ao longo da vida, o que torna a compreensão da psique da pessoa negra possível através do corpo, onde ocorre o movimento de energia psíquica em busca do encontro com o Self, de forma criativa e pedagógica.

O Movimento Negritude, enquanto ação prática de reestruturação e sobrevivência, que sob a influência da ancestralidade africana é destacada como importante contribuição para a comunidade negra. O intercâmbio estabelecido pelo tráfico negreiro gerou uma série de intercorrências que se refletem nas relações entre a África e o Brasil. Os símbolos culturais e a ancestralidade africana desempenham um papel significativo na formação da identidade individual e coletiva, enquanto conceitos históricos, culturais, políticos, mitológicos, religiosos, educacionais e sociais, e são fundamentais para a identificação com os aspectos da cultura ancestral que se relacionam com a realidade do corpo negro contemporâneo. Esses símbolos culturais influenciam a identidade individual em termos de sentidos e memórias, ao passo que, em nível macro, impactam a sociedade e fomentam o debate sobre

a Negritude, contribuindo para percepções inclusivas capazes de gerar uma autêntica identidade negra brasileira.

Dentre os objetivos propostos nessa pesquisa, o pertencimento endógeno é um conceito capaz de explicar os modos particulares e coletivos de identidade e identificação e, quando associados aos fatos históricos, permite uma compreensão realista da situação vivenciada pela população negra na diáspora, tanto no passado quanto no presente. A pesquisa enfatiza a importância de compreender as dimensões psicológicas, sociais e históricas da identidade e da identificação da população negra no Brasil. Destaca-se a necessidade de reconhecer o contexto histórico, bem como as formas de coletividade e solidariedade presentes na vida dos negros atualmente para a compreensão do pertencimento endógeno.

Nessa análise, o pertencimento endógeno é apresentado como uma ferramenta poderosa para valorizar a cultura negra de matriz africana, promovendo o orgulho racial e reconhecendo as contribuições da comunidade negra em diversas áreas. É ressaltada a importância de compreender os aspectos conscientes e inconscientes da psique, especialmente no que se refere à dimensão racial, para construir uma identidade negra mais autêntica e consciente.

No contexto brasileiro, o pertencimento endógeno é fundamental para enfrentar o racismo estrutural e construir uma sociedade mais justa e igualitária, reconhecendo a diversidade cultural e a contribuição dos negros para a formação da sociedade brasileira. Promover o diálogo intercultural e o respeito às diferenças também é destacado como parte desse processo.

No entanto, a pesquisa reconhece que há a necessidade de uma abordagem mais abrangente do tema, considerando a obtenção de mais dados qualitativos e quantitativos para comprovar as hipóteses levantadas. A incorporação de outros conhecimentos e saberes podem contribuir para uma melhor compreensão dos aspectos que envolvem a formação da identidade individual e coletiva da pessoa negra no Brasil.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABIMBOLA, Wande. **A concepção iorubá da personalidade humana.** In: Colóquio Internacional para A Noção de Pessoa na África Negra, Paris, 1971. Edição nº 544. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1981.
- ALDA, LEAL e ARENA, Ana Cristina, Michele e Valéria. **Equipe Volante:** descentralização do atendimento de proteção social de famílias. Referenciadas ao órgão gestor de Departamento de Bem-estar Social da Prefeitura Estância de São Roque. São Roque, 2016.
- BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques e ÁVILA, Maria Thereza. **Etnopsicologia no Brasil:** teorias, procedimentos, resultados, Salvador: EDUFBA, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2003. BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2005.
- BAUMEISTER, Roy F; LEARY, Mark R. **The Need to Belong:** Desire for Interpersonal Attachments as a Fundamental Human Motivation. *Psychological Bulletin*, Vol. 117, 423, 497-529. Virginia, 1995.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra:** uma política para o SUS/Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. 3. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2017.
- CAMBRAY, Joseph; SAWIN, Leslie; tradução Caio Liudvik. **Pesquisa em Psicologia Analítica:** aplicações a partir da pesquisa científica, histórica e intercultural. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.
- CARVALHO, Wilmar. **Projeto Missão Continental JF Haiti/Diagnóstico Social e início do projeto.** Juiz de Fora, MG: Material não publicado, 2017.
- CARVALHO, Wilmar. **Projeto Quilombo do Carmo:** atividades culturais e socioeducativas. Vargem Grande Paulista, SP. Material não publicado, 2019.
- COUTINHO, Carlos Nelson, **Cultura e sociedade no Brasil:** ensaio sobre ideias e formas. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- COUTO, Mia. **Raiz de orvalho.** Maputo: Cadernos Tempo, 1983.

- ETHOS, Instituto. **Perfil social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas**. São Paulo: Ethos, 2016.
- FREUD, Sigmund. **A História do Movimento Psicanalítico**. São Paulo: Nova Cultura, 1978.
- FREYRE, Gilberto, **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da família patriarcal. São Paulo: Global, 2006.
- GOMES, Laurentino, **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares. Volume 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.
- HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro; 11.ed. Rio de Janeiro: DP & A editora, 2006.
- HOBSBAWM, Eric. **Tempos Interessantes**: Uma vida no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1978 p. 165.
- _____. **Fundamentos da Psicologia Analítica**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. **Psicologia e Religião**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. **Os tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. **Desenvolvimento da Personalidade**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- LE BRETON, David. **La Sociología del Cuerpo**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002, 153 p.
- LOPES, Nei. **Bantos, Malês e Identidade Negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- LOPES, Nei. **Filosofias Africanas**: uma introdução. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- MACHADO, Carlos Eduardo Dias e LORAS, Alexandra Baldeh. **Gênios da Humanidade**: Ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente. São Paulo: DBA, 2017, 256 p.
- MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Ser escravo no Brasil**: séculos XVI-XIX. Petrópolis: Vozes, 2016

MEDEIROS, Carlos Alberto. Carlos Alberto Medeiros (depoimento, 2004). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), (2h 50min).

MENDES, Karina; SILVEIRA, Renata; GALVÃO, Cristina. **Revisão integrativa:** método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem, 2008.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ/?lang=pt>

MOORE, Carlos. **Racismo & sociedade:** Novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

_____. **Discurso sobre a negritude.** Belo Horizonte: Nandyala, 2010. MORIN, Edgar. **Ética, Cultura e Educação.** São Paulo: Cortez, 2011.

MUNANGA, Kabenguele. **Negritude:** usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** identidade nacional identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NABUCO, Joaquim. 1849-1910. **O abolicionismo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra.** Revista Afrodiáspora, v. 3, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

NURSE, Paul. **O que é a vida? compreendendo a biologia em cinco passos.** Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2021 (Kindle digital).

PATTERSON, Orlando. **Slavery and Social Death.** A Comparative Study. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1982.

PIERE, Paolo Francesco. **Dicionário Junguiano.** São Paulo: Editora Paulus, 2002.

POUTIGNAT, Phillip. **Teorias da etnicidade.** Segundo grupos de estudos étnicos e suas fronteiras de Friedrik Barth/Philippe Poutignat, Joycelyne Streiff-Fernart. São Paulo, Fundação da Ed. Unesp, 1998.

RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica:** sobre a trajetória da vida de Maria Beatriz Nascimento. São Paulo: Editora Imprensa Oficial, 2006.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Alma Africana no Brasil.** Os iorubás. São Paulo: Editora Oduduwa, 1996.

RICHARD and ROBBINS, Lee and Steven B. **Measuring Belongingness:** The

- Social Connectedness and the Social Assurance Scales. *Journal of Counseling Psychology*, Vol. 42, nº 2, p 232-241. Virginia, 1995.
- ROCHA, E.F. **O negro no mundo dos ricos**: um estudo sobre a disparidade racial da riqueza com os dados do Censo 2010. Brasília: Editora UnB, 2019.
- SANTOS, Ynaê Lopes. **História da África e do Brasil Afrodescendente**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- SENRA, Iara. **Identidade Nacional**: as interpretações de Oliveira Viana, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. **Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: Histórias e parcerias**. UFF, jul. 2018.
- SETTON, Maria das Graças Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, nº 20. SP: **ANPED**, mai/ago 2002, p. 60-70.
- SILVA, Alberto da Costa. **A manilha e o libambo**: a África e a escravidão, de 1500 a 1700. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- SILVA, Antônio Luiz. **O método etnográfico**: uma reflexão a partir da Catingueira – PB. *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNILAP*, v.11, nº2, p. 191-209, jul/dez. Macapá, 2018.
- SILVA, Flávia Gonçalves. **Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade**: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. *Psic. da Ed.*; São Paulo, 2009, p. 169-195. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n28/v28a10.pdf>
- SILVA, Joyce Gonçalves da. **Corporeidade e identidade, o corpo negro como espaço de significação**. In: Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Salvador: UCSal. 2014. p. 263-275.
- SILVA, Tatiana Dias. **Ação Afirmativa e População Negra na Educação Superior**: acesso e perfil discente. IPEA, Rio de Janeiro, junho de 2020.
- SOUZA, Domingos. **Tópicos de Identidade e Pertença Cultural**: Salvador, Editora UFBA, 2014.
- SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.
- SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação

Brasil, 2021.

VIANA, N. **Jung e a Individuação**. Goiânia: Fragmentos de Cultura. 27, n.4, p. 486-494, out./dez. 2017.

VILLANOVA RODRIGUES, Marilia. **A transversalidade da prática do profissional de história** – cap. 5: A história do bairro São Benedito. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **As Revoluções Africanas**: Angola, Moçambique e Etiópia. São Paulo: Ed Unesp, 2012.

